



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO EM LETRAS

Campus I – Prédio B3, sala 106 – Bairro São José – Cep. 99001-970 - Passo Fundo/RS

Fone (54) 3316-8341 – Fax (54) 3316-8330 – E-mail: mestradoletras@upf.br

Josué Rodrigues Frizon

O CONTO DE JOSUÉ GUIMARÃES PARA LEITORES EM
FORMAÇÃO

Passo Fundo
2013

Josué Rodrigues Frizon

O CONTO DE JOSUÉ GUIMARÃES PARA LEITORES EM
FORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras – Estudos Literários, sob a orientação do professor Dr. Miguel Rettenmaier.

Passo Fundo

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amados pais, Lírío e Odete, ao meu irmão Jarbas pelo apoio de sempre. Também aos meus avós, Zulmira, Albina e Lúcio Antonio, Maria e Josué João, por suas histórias de vida.

Ao querido Josué Guimarães, pela oportunidade do encontro através da leitura e da escrita.

À Nydia Guimarães (in memoriam), por sua história de vida junto ao amado Josué e também à Adriana Guimarães, pelo apoio e disponibilidade.

Ao meu orientador Professor Dr. Miguel Rettenmaier, pelos anos de orientação e por acreditar em meu trabalho.

À Prof^a Dr. Tania Rösing, pelo exemplo de luta em prol da formação de leitores e aos professores Márcia Ivana Lima Silva e Ernani Cesar, pela valorosa contribuição e pelo incentivo nesta fase de conclusão do trabalho.

Aos professores Janaina Britto de Castro Webber, Francisco Bernardi, Andréia de Oliveira e Ana Claudia de Conto Lazaretti, pelo incentivo e amizade de sempre.

Aos meus ex-alunos e às professoras Marilene Bonafé, Bernardete Bortoluzzi e Ilva Ghiggi dos Santos, pelo apoio no trabalho realizado.

Aos meus amigos Raquel Cesar, Daiane Barbon de Moraes, Lucas Vanz e Ezequiel Dawi dos Santos, o meu carinho e agradecimento.

“Escrever é um ato de amor.”
Josué Guimarães

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar e discutir alguns aspectos referentes à formação de novos leitores no ambiente escolar. A pesquisa descritiva e bibliográfica, desenvolvida por aplicação de pesquisa-ação com abordagem qualitativa, teve como tema o conto do escritor gaúcho Josué Guimarães e refletiu sobre uma mediação de leitura envolvendo três contos do referido escritor. Tal mediação foi realizada com a participação de duas turmas de 1º ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada de ensino, localizada em uma cidade no planalto do Rio Grande do Sul. O trabalho apresenta como base os pressupostos teóricos Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988), entre outros, no que diz respeito à formação do leitor. Assim, procurou-se observar a recepção do público alvo relativamente à obra do escritor, o que resultou em uma experiência de produção de contos por parte dos jovens. Quanto à estrutura do texto, o trabalho apresenta, no primeiro capítulo, algumas observações e constatações sobre os problemas de leitura enfrentados pelas instituições escolares, bem como os baixos índices de leitura no Brasil. No segundo capítulo apresentamos a história de vida de Josué Guimarães, além de abordar características de seus textos curtos – os contos – em particular, a narrativa “O cavalo cego”. O terceiro capítulo traz o planejamento da mediação de leitura e também toda a metodologia utilizada. Ao final, no quarto capítulo, apresentamos um memorial contendo questões respondidas por participantes da atividade, bem como depoimentos espontâneos, além de dez dos contos produzidos pelos alunos, material que possibilitou comprovar a eficiência da atividade desenvolvida. Concluimos enfatizando a importância de se realizarem mediações significativas com textos literários, com o objetivo de formar novos leitores, utilizando o ambiente do acervo literário.

Palavras-chave: Leitura. Escola. Mediação. Josué Guimarães. Acervo Literário.

ABSTRACT

This text aims to present and discuss some aspects related to the formation of new readers in the school environment. The descriptive and bibliographical research, developed by applying the action- research with a qualitative approach, had as theme a tale of a south Brazilian writer called Josué Guimarães and reflected on a reading mediation involving three tales of that writer. The mediation was held with the participation of two groups of 1st year of high school from a private education system, located in a central town of the state of Rio Grande do Sul. The work is based on Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988) theoretical assumptions related to readers formation. Therefore, we observe the target public reception in relation to the Guimarães work, which resulted in an experience of producing stories by the students. The structure of this work presents, in the first chapter, some observations and findings about reading problems faced by educational institutions, as well as the reading low scores in Brazil. In the second chapter presents the life story of Josue Guimarães, and the characteristics of his short texts – the tales – in particular, the narrative, *O cavalo cego*. The third chapter provides the planning of the reading mediation and also the whole methodology applied in the practices. Finally, in the fourth chapter, we present a memorial with questions answered by participantes of the activity, and spontaneous comments, as well as ten of the stories written by the students, this material prove the efficiency of the activity developed. We conclude by emphasizing the importance of the meaningful mediations with literary texts, with the aim of forming new readers, using the environment's literary collection.

Keywords: Reading. School. Mediation. Josué Guimarães. Body of literary works.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – É tarde para saber ALJOG 01a 0023..... | 47 |
| Figura 2 – Elefante de Jade ALJOG 01c 000 95 | 48 |
| Figura 3 – 1ª versão do conto “O cavalo cego” ALJOG 01c 0016 | 62 |
| Figura 4 – 2ª versão do conto “O cavalo cego” ALJOG 01c 0015 | 63 |
| Figura 5 – Última versão do conto “O cavalo cego” ALJOG 01c 0014 | 64 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2. LEITURA EM CRISE, ESCOLA EM CRISE..... | 19 |
| 2.1 Retratos da leitura no Brasil (2012)..... | 20 |
| 2.2 Escola e sociedade..... | 25 |
| 2.3 Leitura: mediação e prática leitora, ações do professor leitor..... | 34 |
| 3. JOSUÉ GUIMARÃES, UM FORMADOR DE LEITORES..... | 38 |
| 3.1 Josué, jornalista e escritor..... | 38 |
| 3.2 O conto de Josué Guimarães..... | 44 |
| 3.3 O processo criativo de Josué Guimarães, o caso de “O cavalo cego”..... | 61 |
| 4. PESQUISA EM LEITURA: UM ACERVO EM AÇÃO..... | 70 |
| 4.1 ALJOG/UPF – Acervo Literário Josué Guimarães..... | 70 |
| 4.2 A pesquisa-ação..... | 72 |
| 4.3 Metodologia..... | 73 |
| 4.4 Objetivos..... | 75 |
| 4.5 Contexto da escola e sujeitos da pesquisa..... | 75 |
| 4.6 Cronograma de atividades envolvendo os sujeitos da pesquisa..... | 77 |
| 5. MEMORIAL DE APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS..... | 79 |
| 5.1 Questionário direcionado aos professores..... | 80 |
| 5.2 Depoimentos de alunos e de uma educadora..... | 85 |
| 5.3 Produção de textos..... | 87 |
| 5.4 Novos escritores? Novos leitores literários? Algumas considerações..... | 113 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 121 |
| REFERÊNCIAS..... | 128 |

1 INTRODUÇÃO

A formação de novos leitores, ou de leitores novos, vem sendo uma preocupação constante de muitos mediadores de leitura e pessoas ligadas à educação em várias instâncias da sociedade. Embora o trabalho para que crianças e jovens criem o hábito de ler, tenham um comportamento de leitura, venha sendo realizado por muitos profissionais da educação, algumas dúvidas e inquietações surgem. Nossas instituições escolares estão, na sua grande maioria, formando novos leitores? O que mais pode ser feito? Como pode ser realizado um trabalho para que leitores críticos e conscientes da realidade social da qual fazem parte sejam formados? São alguns dos questionamentos que venho fazendo desde o início de minha graduação em Letras, concluída na Universidade de Passo Fundo (UPF), em agosto de 2009. Pois bem! Para melhor explicar onde quero chegar, é preciso fazer uma retrospectiva de um tempo não tão distante, quando minha vida acadêmica começou e como foram sendo realizados os meus primeiros passos como leitor, os mediadores de leitura que fizeram e fazem parte de minha caminhada e o que busco com este trabalho. É pelos relatos que farei a seguir que explicitarei o que me motivou também a ser um mediador de leitura, um profissional dedicado à formação de jovens leitores.

Em março de 1993, ingressei na antiga 1ª série e tive maior contato com as letras, no início de minha alfabetização, porém não com minha paixão pelos livros. Pertencendo a uma família com muitos tios e primos professores, por consequência ou não, sempre fui apegado a qualquer livro, caderno ou jornal que me surgia pela frente. Mesmo não sabendo ler, tinha vontade de aprender e, por isso, lembro que guardava os materiais de leitura que apareciam em meu caminho. Minha primeira professora parece ter visto que eu tinha certo entusiasmo pelas letras, pela poesia. É fato que ainda guardo meu primeiro caderno, um dos muitos itens que formam uma espécie de acervo pessoal e que são marcas de minha trajetória enquanto estudante. Caderno no qual, em determinada data, a professora escreveu sobre os momentos em que eu declamava “versinhos”. Porém, foi, anos mais tarde, quando eu estava na 6ª série, que encontrei uma professora que verdadeiramente realizava um trabalho de mediação de leitura. Uma docente nova, sem muita experiência, mas que tinha em seus planos de aula atividades como contação de histórias, apresentações de poemas, jogos teatrais, leituras compartilhadas e declamações de poemas. E durante esse período conheci duas obras que deram início ao meu caminho como leitor. Essa professora nos leu as aventuras de *O pequeno*

príncipe, de Antonie de Saint-Exupéry. O que tínhamos de fazer era, após cada capítulo, transpor a história para desenhos, construindo aos poucos uma espécie de portfólio. Posteriormente, ela também nos apresentou uma edição adaptada da obra que conta as aventuras de Dom Quixote de La Mancha e seu fiel amigo Sancho Pança, de Miguel de Cervantes. Pois foi essa mesma professora, pelas suas atividades ao longo dos anos em que estive naquela escola, quem me motivou a ser professor e, por que não, assim como ela, realizar trabalhos com vistas à formação de leitores. É indispensável dizer, mesmo que isso seja algo que aconteça com muitas pessoas, que seja quase de senso comum, que cada vez mais a leitura foi contribuindo para que eu observasse a minha realidade social com um olhar crítico. E eu fui percebendo, também, que eram poucos os contagiados pela leitura na escola, na graduação, na comunidade na qual eu vivia, na sociedade como um todo, mesmo com o belo trabalho realizado por alguns professores. É necessário lembrar que essa professora foi, infelizmente, ou felizmente, uma exceção, visto que, na escola, os demais professores e bibliotecários não realizavam nenhuma mediação de leitura ou, se realizavam, não cumpriam seu papel. Tanto que não tenho na lembrança nenhuma ação com vistas a formar leitores por parte de outros educadores, além da citada professora da minha 6ª série.

Assim, finalizei os estudos naquela escola e, decidindo pelo curso de Letras, tive como principal foco o gosto pela literatura. Isso pelo fato de que também na graduação encontrei professores que prestaram grande colaboração para que eu fosse, cada vez mais, afinando minha relação com os livros, com a Literatura brasileira e sul-rio-grandense. Passei a gostar dos contos, dos romances de cunho histórico e também folclóricos, como os do escritor pelotense João Simões Lopes Neto. Nesse processo, fui encontrando outros professores que me motivaram ainda mais a ler e também a realizar uma leitura prazerosa, filtrando o que era bom e o que valia a pena. Assim, percebi que a minha escolha pela graduação em Letras foi, e continua sendo, de grande valia. Logo no início de minha vida acadêmica, conheci um pouco mais sobre as Jornadas Literárias¹. E o fato de participar pela primeira vez desta enorme movimentação cultural foi de uma alegria imensa. Nunca antes tinha mantido contato com autores, com tantas livrarias, com tanta arte, com tantas pessoas com uma mesma paixão: ler.

Nos muitos desdobramentos desenvolvidos pelas Jornadas de Literatura, surgiu um projeto chamado Livro do mês, em 2006. Era uma experiência nova, da qual eu e os demais colegas do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo e de outros cursos

¹ Evento literário que ocorre em Passo Fundo- RS a cada dois anos, desde 1985, onde se encontram milhares de leitores.

participaríamos. Um encontro mensal, para discussão de uma obra em específico. Eis que a primeira obra lida para posterior discussão foi *Enquanto a noite não chega*², de Josué Guimarães. É indispensável citar que eu nunca havia ouvido falar em Josué Guimarães, um autor cujo primeiro nome era igual ao meu e que me encantou com sua novela contando sobre o final da vida de dois velhinhos, numa mistura de prosa e poesia. E muito pouco sabia eu, até então, sobre o fato de J. G.³ ter sido um dos impulsionadores da grande movimentação literária da qual havia participado e que voltaria a participar sempre.

Nesse mesmo tempo, soube que o Acervo Literário de tal autor estava se transferindo para a Universidade de Passo Fundo, sob a coordenação do professor Miguel Rettenmaier, sendo organizado em uma das repartições da Biblioteca Central. De fato, também nunca havia ouvido falar em Acervo Literário, não sabia da importância de um local como esse para a pesquisa acadêmica e para as discussões acerca das obras literárias de um determinado autor.

Alguns meses depois surgiu a oportunidade de iniciar-me na pesquisa científica, justamente no ALJOG/UPF⁴ (Acervo Literário Josué Guimarães – UPF). E eu aproveitei tal oportunidade com muita vontade de crescer, de aprender, de conhecer Josué Guimarães, por seu legado literário, por sua história de vida, por sua contribuição para com a nossa literatura, gaúcha e nacional. Assim, juntamente com outros bolsistas e pesquisadores, auxiliei em um trabalho que já havia começado alguns meses antes, mas que ainda estava no início, que foi o de classificação e catalogação de todo material disponível no Acervo. Foram dias de bastante trabalho e, aos poucos, cada vez mais, juntamente com os colegas acervistas, fui tendo o prazer de encontrar, nas caixas de materiais, documentos, datiloscritos, fotos, entre outros itens que nem imaginava existirem. Este foi um período de descobertas e de prazer por realizar esses descobrimentos, pessoais ou em grupos, que nos iam dando ainda mais respaldo a respeito da importância de J. G.

Nesse período de descobertas no acervo, ao mesmo tempo em que auxiliava na classificação e catalogação, iniciei também minhas pesquisas. A primeira foi relacionada ao modo como Josué escrevia seus contos e seus romances, pois fui percebendo que, entre os originais de contos e romances do escritor, existiam diferenças no modo de escrita e principalmente de reescrita. E fui conhecendo, continuamente, cada vez mais a história de vida do autor e, assim, algumas características me chamaram muito a atenção. Além de ter o

² Obra publicada em 1978, pela L&PM Editora.

³ Utilizaremos também essa abreviatura para nos referirmos ao autor Josué Guimarães em alguns momentos deste trabalho.

⁴ Ao nos referirmos ao Acervo utilizaremos, em determinados momentos esta sigla.

primeiro nome igual ao meu, um de seus primeiros contos, “Odete de Oliveira”, publicado na coletânea *Nove do Sul*⁵, leva o primeiro nome de minha mãe, que também se chama Odete. Eis algumas coincidências que fizeram com que eu me ligasse ainda mais aos trabalhos no Acervo. Porém, o modo como Josué trabalhava em suas obras as questões sociais da época na qual viveu foi o que chamou muito a atenção e o que me ajudou na decisão de procurar conhecer ainda mais sobre o gaúcho que se tornou, pela sua escrita, uma fonte de pesquisa inesgotável.

Ter a oportunidade de trabalhar no Acervo foi de suma importância para que eu passasse a ver a graduação com olhos mais atentos e com um gosto mais refinado. Fazer parte de um grupo de pesquisa que estuda as obras de um autor gaúcho, um dos grandes responsáveis pelo início das Jornadas Literárias é, por isso mesmo, um privilégio. Desde agosto de 2008 se passaram mais de cinco anos. Estive fora do Acervo ao longo de apenas um semestre. Durante todo esse tempo como acervista, realizei pesquisas com vistas aos textos curtos, aos contos do autor, observei o processo de criação de um conto em específico, “O cavalo cego”, bem como o tratamento que J. G. deu a esse texto, recontando um pouco da história do Rio Grande do Sul. Foi por estar em contato com um vasto material que passei a incentivar algumas pessoas a lerem suas obras. E minha caminhada acadêmica não teria sido especial se eu não tivesse realizado esses trabalhos. A oportunidade de cursar uma pós-graduação, no meu caso, se deve sobremaneira ao fato de fazer parte do ALJOG/UPF.

Entretanto, depois dessa trajetória, surgiu um questionamento pessoal, ainda que o percurso descrito tenha sido de grande valia, de grande proveito. O que fazer com a experiência adquirida, com o que foi por mim descoberto sobre Josué Guimarães e sua obra? Para que servirá tudo isso se eu não me utilizar de ações que venham a formar leitores de J. G. e leitores literários, utilizando seu Acervo, conhecendo suas obras e sua importância para nossa literatura, gaúcha e nacional? É fato que passei parte de minha vida acadêmica pesquisando sobre esse autor, seus contos, seus romances, suas novelas. E, já que tenho como meta formar e transformar meus alunos em leitores literários, por que não me utilizar de minhas próprias experiências e da relação que tenho com o ALJOG/UPF para formalizar essa mediação? E, por que não levar esses futuros possíveis leitores literários a ter contato com os manuscritos, com datiloscritos, com os originais, enfim, com o material disponível no Acervo, em uma grande experiência de leitura? Desse modo, tornaria o Acervo Literário um

⁵ “*Nove do Sul*”, coletânea de contos publicada pela Editora Difusão de Cultura, em Porto Alegre, no ano de 1962, a qual conta com dois textos curtos de J.G. “Odete de Oliveira” e “A morte do Caudilho”.

ambiente ainda mais movimentado, ainda mais acionado, com a presença de um público jovem, que não é propriamente formado por bolsistas, pesquisadores, professores e acadêmicos. Isso poderia vir a ser de grande valia.

Nesse sentido, me parece ainda mais oportuno fazer com que o ALJOG/UPF não fique apenas restrito a um grupo de pesquisadores, mas que seja por excelência um local de leitura, de formação de leitores. Este ambiente, onde ficam guardados tantos materiais de um autor que pretendia denunciar, mesmo que metaforicamente, em tempos de repressão, muitos dos problemas sociais e políticos enfrentados por seu povo pode e deve ser ainda mais aproveitado. Portanto, tornar tal local também um espaço de mediação, de formação, é necessário. Assim, de forma ainda mais dinamizada, o ALJOG/UPF cumpre mais uma vez com sua finalidade: formação de leitores.

Então, agindo desse modo, faço valer a pena o tempo que dediquei a estudar a obra literária de J. G. Não seria certo que eu conseguiria alcançar plenamente meus objetivos. Mas acredito que, assim como eu, muitos outros se apaixonarão pela sua escrita, pelo seu trabalho, passarão a gostar de suas histórias e quem sabe a ver mais sentido na leitura literária. Se isso acontecer, será a confirmação de que realmente foi muito válido o que fiz. A ação realizada no Acervo poderá ser apenas o início de uma movimentação que oxalá perdurará e que, portanto, terá feitos e efeitos positivos em minha caminhada enquanto professor leitor de J. G. e mediador de leitura.

O objetivo principal deste trabalho é contribuir para a formação de novos leitores no ambiente escolar por meio de um projeto de mediação que envolva um acervo literário, no caso específico o ALJOG/UPF. Já no que se refere aos objetivos específicos, pretende-se propiciar aos educandos envolvidos uma experiência de escrita literária, além de dinamizar o referido acervo. Essa pesquisa pretende abordar, como corpus de análise e de trabalho, alguns contos do escritor gaúcho, evoluindo para a produção escrita dos alunos em textos literários, contos associados à leitura da obra de J. G. Tal mediação – que é parte prática desta pesquisa – e a posterior análise têm como público-alvo alunos de duas turmas de ensino médio de uma escola da rede particular de ensino, localizada numa cidade do interior, no planalto do Rio Grande do Sul. Além de observar a recepção destes jovens leitores em formação, quanto à mediação de leitura e aos contos em destaque, busca-se analisar o resultado final da mediação de leitura que culmina na seleção de dez contos produzidos por alguns dos alunos envolvidos na pesquisa-ação. É necessário salientar que a intenção de nossa mediação é, como já

mencionamos, formar leitores e, principalmente, dinamizar ainda mais o Acervo Literário de Josué Guimarães – o ALJOG/UPF –, observando também o processo de escrita do autor.

A pesquisa realizada tem caráter descritivo, em um procedimento que associa o processo de formação da narrativa curta de Josué Guimarães ao processo e análise de criação dos contos escritos pelo público-alvo da mediação, os leitores em formação. O estudo insere-se à linha de pesquisa Leitura e Formação do Leitor, do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Os procedimentos desenvolvidos nesta pesquisa são de natureza bibliográfica e de estudo de campo, englobando uma etapa da pesquisa-ação entre tais jovens participantes desse estudo. Já no que diz respeito à abordagem do problema, foi realizada pesquisa qualitativa, com a análise do conteúdo produzido, o qual envolve os contos escritos pelo grupo de alunos, bem como o questionário aplicado as educadoras participantes e também depoimentos espontâneos, e a já citada descrição do modo como aconteceu o processo de mediação. O trabalho, portanto, contou na fase de conclusão com a participação desses alunos que integravam, no ano de 2012, duas turmas de 1º ano do Ensino Médio. A coleta de dados durante a realização da mediação de leitura foi feita por meio não apenas da recolha dos contos criados pelos educandos, mas também pela coleta de alguns depoimentos e constatações, além de questionários aplicados aos professores envolvidos no referido trabalho de mediação. É importante salientar que tais materiais, inseridos no quarto capítulo deste trabalho, comprovam os resultados obtidos.

Para a realização da pesquisa, do estudo e posterior prática, foram seguidas algumas etapas as quais passarei a descrever. Porém, inicialmente, não posso deixar de observar mais uma vez que o ALJOG/UPF, por abrigar os datiloscritos, manuscritos, prototextos do autor, se tornou essencial para a concretização deste projeto. Sem a presença do Acervo, um ambiente de fomento à formação de leitores, este trabalho certamente teria sido de grande dificuldade, ou quem sabe não se tornaria possível, principalmente pela importância dos originais das obras literárias do autor que fazem parte do local.

Assim, o primeiro passo no que se refere ao procedimento de estudo foi o de realizar um levantamento dos contos de Josué Guimarães publicados na antologia *Nove do Sul*, no primeiro livro de contos, *Os ladrões*, bem como nas obras *O cavalo cego* e *Gato no escuro*, tendo em vista que essa é a produção literária que mais interessou nesta pesquisa.

Após, foram feitas leituras de todos os contos presentes nas três obras: *Os ladrões*, *O cavalo cego* e *Gato no escuro*. Nesta etapa, observaram-se algumas das temáticas sociais

abordadas por J. G., tais como: política, sobrenatural, natureza humana, entre outras, em suas narrativas curtas, bem como quais características norteiam essa sua escrita literária. É válido lembrar que as temáticas observadas nesse momento de estudo foram evidenciadas no trabalho de mediação desenvolvido posteriormente. Assim, foi analisado o modo como Josué escrevia seus contos. Se ele produzia de forma descuidada, como diziam alguns críticos, por ser antes de tudo um jornalista, ou se este tinha em suas narrativas curtas, pelo contrário, um cuidado especial. Também foram levados em consideração, além de pré-textos de alguns outros contos, os prototextos do conto “O cavalo cego”, e o texto definitivo, publicado, visto que, tal conto faz uma releitura de parte da história oficial do Rio Grande do Sul, abordando questões sociais. Por isso, atentou-se para a forma como foi escrito merecendo um olhar especial.

A leitura e releitura destes contos, nesta etapa de estudo, bem como de alguns dos originais demandou um período maior de trabalho junto ao ALJOG/UPF, por isso, muitas características ainda não reveladas sobre Josué Guimarães foram desvendadas.

A seguir, partiu-se para a análise da narrativa curta de J. G. como um todo, tendo como subsídio alguns teóricos que abordam o conto, a criação literária e a crítica genética. Iniciando pela obra *Criação literária*, de Massaud Moisés (1975), e utilizando, após, o trabalho *Teoria do Conto*, de Nádya Bottela Gotlib (1995), *A poética do conto*, de Charles Kiefer (2004), *Introdução à Edótica: Crítica textual*, de Segismundo Spina (1994), *Escrever sobre Escrever*, de Claudia Amigo Pino e Roberto Zular (2007), *Assim se escreve um conto*, de Mempo Giardinelli (1994), *Conto brasileiro contemporâneo*, de Antonio Carlos Hohlfeldt (1988), entre outras bibliografias que deram embasamento às observações que foram realizadas.

Tendo também como base algumas das obras citadas acima, foi realizada uma análise do processo pelo qual passou J. G. dos contos aos romances, do escritor iniciante, em formação, ao escritor consagrado, formado. Para isso, foram tecidos pequenos comentários sobre alguns pré-textos de romances que fazem parte de sua obra literária, a fim de verificar diferenças ou não no modo de escrita e nas características apresentadas em tal escrita.

Após as etapas de observação, análise e embasamento teórico, a pesquisa foi finalizada com a pretensão de ressaltar mais uma vez a importância de Josué Guimarães, tanto por seus contos, quanto por seus romances, na literatura gaúcha, nacional e também internacional, destacando-o pelo seu valor enquanto formador de leitores. Para tanto, partiu-se para a etapa de prática, realizando-se um trabalho de mediação de leitura em sala de aula e fora dela, tendo

como base os exemplos de práticas leitoras realizadas no Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura da Universidade de Passo Fundo (UPF), projeto idealizado e coordenado pela Professora Dr^a. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing.

A mediação de leitura por mim projetada e desenvolvida ocorreu, como já citei anteriormente, em duas turmas do 1º ano de ensino médio. Procurou-se, em uma das etapas de realização do projeto, abordar o processo de escrita de J. G. através do conto “*O Cavalo cego*”, buscando fazer com que o público-alvo, no caso os leitores em formação, tivessem uma visão do processo de escrita rico e complexo do autor. Além de conhecerem um pouco sobre sua vida e seus passos como escritor literário. Para isso me utilizei principalmente do documentário *A jornada de Josué*, dirigido por Deisi Fanfa, de imagens de manuscritos e pré-textos do conto em questão, da página do ALJOG/UPF na internet (<http://www.upf.br/aljog/>), entre outros materiais. Procurando sempre, após a realização das atividades, observar e analisar, através das constatações que fiz e de alguns depoimentos colhidos entre os jovens envolvidos, qual seria a recepção destes quanto à narrativa curta do escritor no que se refere às diversas características textuais e temáticas desenvolvidas no ato de escrita literária e quais foram as observações feitas por esses estudantes, além de analisar o material produzido na etapa final do processo de mediação. Desse modo, concluí meu trabalho de pesquisa, tendo em vista que as experiências relatadas na conclusão desta etapa também poderão servir de base para futuros trabalhos de mediação de leitura.

A pesquisa foi realizada e organizada de modo a apresentar inicialmente a etapa de estudo e por fim a etapa prática. Assim, no primeiro capítulo, realizei breves observações a respeito da crise de leitura que se evidencia na escola desde há muito tempo, e por consequência, os baixos índices de leitura demonstrados no contexto escolar brasileiro. Para isso, serviram como base teórica obras de pesquisadores como Regina Zilberman (2009), Tania Rösing (2009), Marisa Lajolo (1991), Maria da Glória Bordini (1998), Vera Teixeira de Aguiar (1998) e Márcia Abreu (2006), entre outros. Foram utilizados também alguns dos dados de leitura referentes à Pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, do ano de 2012, que apresenta em minúcias aspectos de grande importância para a realização de minhas análises. Nesse sentido, as visões dos estudiosos, no que diz respeito aos problemas enfrentados ao longo dos tempos pela instituição escolar, foram igualmente importantes para balizar meu trabalho no decorrer do texto. Também, neste primeiro capítulo, apresentei algumas possibilidades de mediação de leitura que podem ser realizadas dentro e fora da sala de aula,

procurando desde já direcionar meu objetivo, que sempre foi o de realizar uma mediação de leitura através da obra de J. G., envolvendo seu Acervo Literário.

No segundo capítulo, dei ênfase ao escritor Josué Guimarães, analisando, sobretudo, sua faceta de contista e formador de leitores. Então, num primeiro momento busquei apresentar seus dados biográficos, tecendo considerações a respeito de sua carreira como jornalista, sua iniciação como escritor literário, sua ligação com a literatura. Após, procurei traçar uma pequena apresentação da vida do Josué jornalista, mostrei um pouco de sua faceta como contista e dei algumas pequenas pinceladas sobre o Josué romancista. Ainda, na sequência, foi apresentado com maior destaque o Josué contista. Então expus aspectos relacionados à sua produção de textos curtos, bem como algumas características presentes em seus contos.

A seguir apresentei de forma reduzida o enredo de cada um dos contos de J. G. que fazem parte das obras *Nove do Sul* e dos contos dos livros *Os ladrões*, *O cavalo cego* e *O gato no escuro*. É importante salientar que os resumos dos contos mencionados neste trabalho estão organizados e interligados de acordo com temáticas desenvolvidas por J. G., mostrando assim as possíveis ligações que podem ser realizadas entre eles. Nesse sentido, deu-se destaque para o sobrenatural tão bem apresentado pelo autor em alguns destes textos e sua preocupação com a realidade social na qual estava inserido. Ao final do segundo capítulo, dei respaldo a algumas características observadas quando da análise do processo criativo de J. G. de seu modo de escrita, bem como da forma como aborda parte da história do Rio Grande do Sul num conto em específico, no caso, “O cavalo cego”.

No terceiro capítulo denominado “Pesquisa em Leitura: um acervo em ação”, tratou-se de refletir de modo reduzido sobre o tipo de pesquisa realizada, através de embasamento teórico no que se refere às pesquisas na área da educação. Também foi de fundamental importância enfatizar em um dos itens de tal capítulo novamente o valor do ALJOG/UPF para a realização desta e de outras pesquisas acadêmicas. Em seguida, apresentei a metodologia do trabalho de mediação de leitura. Nesse sentido, os objetivos buscados através do trabalho realizado, o contexto da escola e dos sujeitos de pesquisa também foram evidenciados, bem como o cronograma seguido.

No quarto e último capítulo, fiz o relato do modo como ocorreu a mediação de leitura, quais foram os efeitos obtidos ao longo do processo, bem como os resultados através da escrita do público-alvo. Por fim, encerrei com um memorial apresentando as referidas produções, assim como alguns depoimentos, anotações particulares dos participantes e,

mesmo ao finalizar, analisei, de modo simplificado, tais produções tendo por base a obra *A formação do leitor*, de autoria de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1998). Finalmente, concluí o trabalho tecendo mais algumas observações sobre os resultados obtidos no processo e na finalização de minha pesquisa.

2 LEITURA EM CRISE, ESCOLA EM CRISE

Ao longo dos últimos anos, algumas pesquisas realizadas em nosso país⁶ confirmam, cada vez mais, baixos dados no que diz respeito à leitura dos brasileiros. O que se torna claro é a falta de hábito de leitura entre a grande maioria de nossa população, e o que fica evidente por este fato é o precário desempenho das instituições de ensino em relação à formação de leitores.

Se no passado o livro era privilégio de poucos, agora, no entanto, apesar de existirem percalços, como o alto valor cobrado pelas livrarias e editoras, para a venda e publicação de obras, e a ainda indisponibilidade de bibliotecas públicas ou os pequenos acervos da maioria delas, as obras literárias tornaram-se muito mais acessíveis do que no passado. Além disso, o número de cidadãos tidos como analfabetos decaiu e muito em relação a esse passado.

O acesso aos ambientes escolares e aos bancos acadêmicos aumentou significativamente ao longo da história de nosso país. Porém, mesmo com toda essa transformação e com uma maior disponibilidade de livros, nossa realidade ainda não se faz suficiente para que aconteça maior formação de leitores. A atualidade parece não condizer com o que se esperava em pleno século XXI, observando a história da instituição escolar, com suas carências, espaços inadequados e professores insuficientemente preparados. É fato que aos poucos, tendo em vista as necessidades de alfabetização em massa, se aperfeiçoaram as condições tanto dos espaços físicos, quanto de pessoal, dos profissionais da educação. Por isso, também era de se esperar que houvesse uma mediação mais significativa entre os jovens e a leitura. Assim, os caminhos de leitura, mesmo com ações visíveis, parecem não ter apresentado efeitos tão positivos ao longo do tempo de desenvolvimento da instituição escolar.

Os resultados da baixa qualidade do ensino oferecido nos bancos escolares devem assustar e preocupar todos os envolvidos com a educação. Tais resultados ficam, de forma negativa, explícitos quando levamos em consideração alguns dados da pesquisa que passaremos a abordar, de forma panorâmica abaixo, e que serve também de base para algumas de nossas considerações.

⁶ *Retratos da leitura no Brasil*, ocorre desde o ano 2000 e é realizada pelo Instituto Pró-Livro.

2.1 Retratos da leitura no Brasil (2012)

*Retratos da Leitura no Brasil*⁷ é uma pesquisa realizada em 2011, entre os dias 11 de junho e 03 de julho. Tal pesquisa, que teve como objetivo apresentar o comportamento dos brasileiros com relação à leitura, acontecendo a cada três anos, é um trabalho coordenado pelo IPL (Instituto Pró-livro), executado pelo IBOPE Inteligência (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), e apresentado em um relatório de 185 páginas, disponível no site do Ministério da Cultura. Sua 3ª edição – a anterior aconteceu em 2007 – apresenta um estudo envolvendo precisamente 5.012 entrevistados, que fazem parte de 315 municípios de várias regiões do país. O público-alvo tem acima de cinco anos de idade e não se levou em consideração se eram alfabetizados ou não. O documento pretende ser de grande qualidade e confiabilidade de acordo com o MinC⁸ (2012)

Sem dúvida, a Retratos da Leitura é o projeto de maior destaque entre os desenvolvidos pelo IPL, pois se tornou referência como o primeiro e único estudo em âmbito nacional sobre o comportamento leitor do brasileiro. Os resultados da segunda edição até hoje: subsidiam estudos; decisões de governo; são citados por especialistas e dirigentes da área do livro e leitura; e, inúmeras vezes, foram pauta em artigos e entrevista na mídia especializada. As ações e os investimentos do Instituto Pró-Livro foram também orientados pela pesquisa.

A ação coordenada pelo IPL, a qual tem como resultado a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realmente nos apresenta dados de suma importância para que se faça uma reflexão a respeito da formação do leitor brasileiro e, a partir de então, se pense numa mudança necessária. Observamos mais uma vez a abrangência de tal ação através dos dados colhidos entre o público-alvo e citada no fragmento abaixo em um texto do MinC (2012):

Realizado em 2011, o estudo envolveu 5 mil entrevistados em 315 municípios de todos os estados do país, além do Distrito Federal. A pesquisa é considerada o mais amplo de todos os estudos sobre o perfil do leitor brasileiro. Traz dados relativos ao

⁷A pesquisa completa pode ser encontrada no endereço eletrônico do Ministério da Cultura, www.cultura.gov.br.

⁸ MinC é a abreviação de Ministério da Cultura.

comportamento do público por faixa etária, por região, por gênero, classe social, dentre outras informações.

Nesse sentido, percebemos que muitos aspectos são levados em consideração na realização da pesquisa executada pelo IBOPE. Por meio dos dados obtidos, podemos evidenciar as muitas deficiências em relação à formação de leitores, ainda mais no que diz respeito à formação de leitores literários, pois os títulos mais lidos são obras consideradas não literárias. Na introdução do documento, ficam explícitas as suas possibilidades de análise.

Os resultados da pesquisa apontam dados estarrecedores, ao mesmo tempo em que evidenciam a necessidade de mudança no panorama brasileiro. Damos ênfase a outro fragmento do texto do Ministério da Cultura (2012):

A pesquisa aponta que o brasileiro lê em média quatro livros por ano. Sendo que, destes, lê integralmente apenas 2,1 livros. O estudo revelou, também, que o país é composto por 50% de não leitores. Entre os que lêem, as mulheres são a maioria, representam 53% do total do público leitor no país. Já os que não têm o hábito de ler encontram-se na base da pirâmide social: são pessoas de idade mais avançada e tem como principais entraves à leitura a alfabetização precária, o desinteresse e a falta de tempo.

O número de livros lidos integralmente, 2,1 por pessoa, assusta. Ainda mais se pensarmos novamente que o índice de acesso à escola e aos cursos de graduação aumentou significativamente e que, também por isso, deveríamos ter um aumento significativo no número de livros lidos anualmente por pessoa.

Observa-se, ainda, outro dado levantado pela pesquisa. A mencionada “alfabetização precária” é um importante aspecto abordado, pois é um fato que contribui negativamente para a formação do hábito de ler. Aí se verifica então a relação inseparável entre a crise vivenciada pela escola e, portanto, a crise de leitura. A escola é, senão a principal, uma das principais responsáveis pela formação de leitores. E essa crise de leitura, evidenciada por meio de tal pesquisa, comprova mais uma vez que a instituição escolar está deixando a desejar no que diz respeito à leitura desde há muito tempo.

O fato é que as pessoas de maior idade, e isso continua acontecendo também com os mais jovens, foram, em um número bastante elevado, apenas alfabetizadas, sem que tivesse, necessariamente, existido uma preocupação com a formação de leitores. Muitos tiveram a

leitura como uma atividade mecânica e não prazerosa, e talvez até tenham sido incentivados a isso. Se a leitura literária tivesse sido trabalhada de fato, certamente teríamos uma outra visão na atualidade em se tratando de leitores.

Há também que se levar em consideração, entre tantos números e dados apontados pela pesquisa, além dos já citados anteriormente, alguns que chamam a atenção. Um aspecto negativo é que 78% dos entrevistados estão lendo menos do que já leram no passado, pois se sentem desinteressados. Em compensação, ainda quem mais vem influenciando as crianças e jovens a ter o hábito de ler são os professores. Essa é uma característica importante e revela que, apesar dos problemas enfrentados na educação brasileira, o professor parece, ainda, ocupar um lugar importante na formação de nossos leitores. Por isso mesmo, pode e deve ser feito ainda mais para que, de fato, seus educandos se sintam instigados a ler e a ter o hábito de leitura.

Entre os entrevistados, 88% afirmam que o fato de terem sido presenteados com livros os influenciou no hábito de ler. É de destaque também que, se compararmos a 2007, quando da já citada 2ª edição da pesquisa, a porcentagem de pessoas que adquiriram livros passou de 45% para 48%, um aumento não tão expressivo, se observado o tempo de três anos em que ocorreu a investigação. Ainda, 56% dos entrevistados disseram nunca ter comprado livros. Já a porcentagem de pessoas que têm livros em casa passou de 25% para 34%. Também o que chama atenção entre todos esses números é que 76% da população não frequenta bibliotecas. Se analisarmos somente os números aqui citados, já nos é possível traçar algumas observações. É necessário, portanto, que os números venham a ser mais significativos, ao contrário do que se constatou na edição de 2011, na qual fica evidente o ainda baixo índice de leitura, que caiu de 48% para 42% se comparada à pesquisa de 2007.

A porcentagem de pessoas que passaram a comprar livros aumentou, levando em consideração que o preço dos livros não diminuiu e que ainda não há muitas livrarias. Quando observamos o número de pessoas que vão às bibliotecas, também podemos constatar que é bastante diminuto. Isso evidencia que tais ambientes precisam ser melhorados no sentido de cativar a população, dinamizando seus acervos e buscando formar leitores.

Mais uma vez, vemos que muito se tem a fazer para que a realidade futura nos apresente dados mais positivos em relação à leitura realizada pelo povo brasileiro. Há muito por construir para que, nas próximas edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, possamos ter resultados mais satisfatórios e necessários para a evolução de nossa sociedade.

As mudanças devem começar principalmente nas instituições escolares, pois ainda é nas escolas que muitos docentes têm a oportunidade de cativar e formar leitores.

Nesse sentido, o texto de Regina Zilberman (2009), *A escola e a leitura da Literatura*⁹, (ZILBERMAN e RÖSING, 2009, p. 35-36) aponta a importância de se trabalhar com a leitura literária em sala de aula como forma de contribuir positivamente para que o cenário vislumbrado na pesquisa em questão possa se alterar e para que haja uma efetiva formação de leitores.

Consequentemente, a proposta de que a leitura seja enfatizada em sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Desse intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete. Com efeito, o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor. No primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude.

De acordo com Zilberman e Rösing (2009), uma das saídas necessárias à transformação futura e positiva dos dados referentes à formação de leitores está no trabalho com a leitura literária na escola. Esta é uma das possibilidades: a aproximação com o texto literário na sua íntegra. É na escola que o gosto pela leitura deve se efetivar, é pelos educadores e por professores que a transformação tem de começar, para que no futuro possamos estar imersos em uma realidade diferente e melhor do que a que será mencionada no parágrafo a seguir, em se tratando da falta de leitura entre nossos jovens brasileiros.

Nesse sentido, voltemos a mencionar alguns dados da pesquisa no que se refere aos índices de leitura entre jovens e crianças, visto que nosso trabalho seguiu no intuito de realizar uma mediação significativa com um grupo de jovens em especial. Como percebemos, muito ainda deve ser feito para que esses cidadãos se formem tendo um comportamento de leitura presente em suas vidas. A pesquisa apontou que os jovens e crianças brasileiras estão lendo menos do que em 2007. Em 2011, o número de livros lidos por crianças com idade entre

⁹ Texto que faz parte da obra *Escola e leitura: Velha Crise, novas alternativas*, publicada em São Paulo, no ano de 2009, pela Global Editora, organizada por Regina Zilberman e Tania M. K. Rösing.

cinco e dez anos era de 5,4 livros, número superior foi levantado em 2007, quando indivíduos desta mesma faixa etária liam 6,9 livros. No caso dos pré-adolescentes, de onze a treze anos, de acordo com a estatística, o número de livros lidos diminuiu ainda mais, passando de 8,5 para 6,9 livros em média. Para complementar informações, é válido citar igualmente que, no caso dos adolescentes que tinham entre 14 e 17 anos de idade, não foi diferente. Se antes, em 2007, liam 6,6 livros, em 2011 estavam lendo 5,9 livros.

A realidade apresentada em números não agrada. Os dados são decadentes em relação à pesquisa realizada em 2007 não somente entre os jovens, mas entre todas as faixas etárias analisadas. E surgem aí, novamente, muitas inquietações. O que se está deixando de fazer para aumentar o número de leitores novos? O que de fato está ocorrendo com nossos educandos que estão lendo menos? Longe de querer responder a tais questionamentos, é preciso observar apenas alguns aspectos relacionados aos jovens da atualidade, os quais passam por transformações significativas a cada dia. Algumas destas transformações, que inclusive alteram e muito a vida dos nossos alunos, estão relacionadas às tecnologias.

Não se estaria estabelecendo um novo modo de ler através da internet e de outros veículos de difusão do conhecimento? É válido lembrar, mais uma vez, que não estamos tentando evidenciar as causas dos problemas relacionados aos índices de leitura, mas sim que estamos apenas traçando algumas observações que julgamos oportunas e que podem, quem sabe, serem observadas de forma positiva. Alguns teóricos como Wim Veen e Ben Vrakking (2009) tratam desse novo modo de ler, do novo modelo de comportamento pelo qual os jovens estão passando na chamada era digital. Na obra intitulada *Homo Zappiens: educando na era digital*¹⁰, observamos por meio do fragmento abaixo (VEEN e VRAKING, 2009, p. 45) uma visão diferenciada dos modos de leitura e de aprendizagem de nossas crianças e jovens nos dias atuais.

O aumento da atividade intelectual nas ações realizadas na web parece não somente inegável como também inescapável a qualquer sujeito que dela faça uso. No espaço digital lê-se e escreve-se com voracidade e intensidade inéditas. De todas as possibilidades de atividade cognitivas, a leitura é a primeira e a mais freqüente quando se acessa a grande rede; é a matriz para a ativação de várias outras ações. O ponto de partida para o processamento cognitivo das informações configuradas nas linguagens verbal, visual e sonora no ambiente digital é, sem dúvida, a leitura *lato sensu*. Por essa razão, convém refletir sobre essa faculdade humana essencial.

¹⁰ *Homo Zappiens* é uma obra de autoria de Wim Veen e Ben Vrakking, publicada pela editora Artmed, em 2006.

Não queremos aqui lançar uma nova discussão e análise sobre a “realidade” evidenciada no fragmento anterior. É importante destacar que o exposto é válido até certo ponto, pois nos remete a duas situações iniciais. A primeira delas é que, de fato, a tecnologia oferece uma enorme quantidade de conhecimento. O que se percebe, entretanto, e em segundo lugar, é que a realidade visível ainda não está possibilitando uma aprendizagem significativa pela tecnologia, por exemplo.

Se, no passado a difusão do livro em massa era vislumbrada como uma forma de detenção do conhecimento por grande parte dos cidadãos, agora a tecnologia parece, também num primeiro momento, proporcionar tal conquista. Porém, ambos, livro e “Era digital”, apesar de propiciarem grandes possibilidades, não foram ou não estão sendo de fato utilizados da melhor maneira possível, pois os problemas na instituição escolar ao longo dos tempos, como se poderá perceber na próxima seção de nosso trabalho, persistem. E a tecnologia não está sendo, ainda, responsável por uma mudança significativa na escola, o que não ocorre no comportamento de nossas crianças e jovens que estão sim mudando seus hábitos, pois estão cada vez mais imersos na já citada “Era digital”. É importante destacar que de nada valerá tanta tecnologia e produção de livros de forma maciça, se a dificuldade do humano, enquanto leitor em formação não for suprida. Caso o trabalho com a leitura não se modifique no ambiente escolar, continuaremos, mesmo com toda tecnologia disponível, a evidenciar baixos índices de leitura e assim a escola continuará em crise. É fato que muitas transformações são necessárias, a educação deve caminhar na direção de uma mudança urgente, formando efetivamente cidadãos letrados, fazendo a diferença na vida desses, os quais passarão a ver este espaço como sendo de suma importância para trilhar os melhores caminhos da sociedade. Assim, a escola estaria cumprindo seu efetivo papel na transformação da humanidade. É sobre a institucionalização do ambiente escolar e seu valor em nossa sociedade que abordaremos na seção a seguir.

2.2 Escola e sociedade

A escola deveria ser por excelência um dos principais espaços para a formação de leitores. É em tal espaço, também e principalmente destinado a uma construção intelectual,

que todos os seus envolvidos devem ter a possibilidade de se tornarem cidadãos emancipados e formados intelectualmente através das letras. Porém, não é bem isso que ocorre. Observa-se que as instituições de ensino, em grande parte, não estão realizando um trabalho significativo de mediação de leitura, de formação de leitores, salvo em alguns casos observados aqui e acolá.

Ao não desempenhar papel relevante na formação de crianças e jovens no que diz respeito à leitura – principalmente à leitura literária –, as escolas estão permitindo que se agravem ainda mais os problemas de aprendizagem constatados, e não somente no ensino público brasileiro, mas também no ensino particular, e assim não buscam resolver tais problemas. Em uma crise que se evidencia em pesquisas realizadas ao longo dos últimos anos, como a que foi observada na primeira parte deste capítulo, o que se apresenta é que os alunos demonstram grande dificuldade na decodificação de palavras, na interpretação de enunciados e de textos e, conseqüentemente, na aprendizagem. Dificuldade que os acompanha até o ensino médio e, em muitos casos, também ao longo da graduação. Essa mesma dificuldade é visualizada também em relação aos professores, que não leem e, portanto, não realizam mediações significativas de leitura. Isso tudo aponta para a necessidade de uma mudança urgente no trabalho com o texto e com a leitura em sala de aula, desde os primeiros anos de alfabetização. Como afirmam Bordini e Aguiar (1988, p.16):

Para aprender a ler o texto verbal escrito, não basta conhecer as letras que assinalam os fonemas, nem adianta saber que os fonemas só fazem sentido quando reunimos em palavras ou frases. Não é suficiente, também, descobrir ou compreender as regras do código chamado gramática, que juntam fonemas em palavras ou palavras em frases. Essas habilidades são apenas operações de base para a leitura e, na vida prática, são dominadas por processos mentais de associação e memória a partir da motivação do indivíduo ágrafo quando ingressa na escola em busca do domínio da escrita.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988), a formação do leitor vai além da alfabetização. É fato que muitos de nossos estudantes não atingem um estágio significativo no que tange à leitura, e isso se reflete na escrita. Tal problema fica claro principalmente quando são realizados os exames dos mais tradicionais vestibulares, como os concursos, ou os mais atuais exames de avaliação de desempenho. É notório o baixo nível de leitura, o que resulta em dificuldades na interpretação de questões propostas. Os exercícios que levam o aluno a

desenvolver um raciocínio mais amplo são tidos como extremamente difíceis. Isso significa que se é alfabetizado, se percorre um longo caminho nos espaços escolares, cerca de onze anos ou mais, mas que o ensino brasileiro ainda deixa muito a desejar.

Zilberman e Rösing (2009, p.30) tratam do ocorrido nos bancos escolares, enfatizando o que de fato acontece no trabalho com a leitura nas escolas:

Com a incumbência de ensinar a ler, a escola tem interpretado essa tarefa de modo mecânico. Quando atua de modo eficiente, dota as crianças do instrumental necessário e automatiza seu uso, por meio de exercícios que ocupam o primeiro – mas dificilmente o segundo – ano do ensino fundamental.

Nesse sentido, há falhas no sistema de ensino, que comprometem claramente a formação dos alunos desde os seus primeiros anos na escola. É em uma observação simples que se percebem as deficiências no que diz respeito à leitura em sala de aula e, mais ainda, no que se refere à leitura literária que poderia ser trabalhada de forma dinâmica, propiciando aprendizagem e formação mais significativas. Os estudantes que apresentam dificuldades graves de interpretação são, na maioria das vezes, crianças ou jovens que não têm a leitura como hábito, em muitos casos pelo fato de que não foram despertados para o gosto pelos livros na escola e muito menos em casa. Talvez não tenham tido o incentivo necessário no ambiente escolar para o desenvolvimento desse comportamento de leitura que colabora para que realmente se tornem conscientes da função social e crítica que devem exercer. Muitos, ainda, por simplesmente entenderem que a leitura, que pensam realizar, seja necessária para sua formação enquanto cidadãos. É todo um sistema que os deixa assim, ausentes de um comportamento que poderia transformar as suas vidas. Caso não haja mudanças em nosso sistema de ensino, essa realidade continuará a levar, sem sombras de dúvidas, a instituição escolar ao fracasso observado até então.

Muitos são os problemas, os descasos enfrentados pelo meio educacional brasileiro, ao longo dos séculos. Por motivos históricos vivenciamos a realidade que hoje se percebe. A exclusão e o difícil acesso foram presenciados em relação à instituição escolar desde o seu início. Demos ênfase às palavras de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p. 10):

A escola pública, todavia, embora nascendo com esse propósito de equalização, cedo revelou-se mais um aparelho de dominação das classes populares, traido o seu

objetivo principal. Talvez essa traição se explique pelo fato de que a escola, na verdade, surgiu por iniciativa da burguesia emergente, que desejava ascender ao *status* social da aristocracia. As classes trabalhadoras menos favorecidas já de início não entraram nesse projeto de promoção cultural, determinando a existência de amplos segmentos de analfabetos.

Regina Zilberman, em seu artigo denominado *A escola e a leitura da literatura* (2009), faz uma grande retomada do percurso descrito pela instituição escolar desde a Antiguidade e, portanto, aponta aspectos claros e motivos coerentes sobre o fato de escola e leitura vivenciarem em conjunto uma grande crise. Num primeiro momento, a autora realiza um traçado da história da escola, desde os Sumérios, os quais inventaram a escrita, “por práticas econômicas” e que, por questões religiosas, fizeram surgir as “práticas jurídicas e literárias”, que deram origem a instituição escolar. Daí por diante, segundo a autora, com a criação da escrita, logicamente surgiu a leitura, sendo que não há como dissociar tais práticas, tornando-as fundamentais para a sociedade.

O ato de escrever, ainda de acordo com Zilberman (2009), foi utilizado com maior afinco na Antiguidade por religiosos e ficou, por essa finalidade, restrito a um pequeno grupo. Isso contribuiu para que também na Idade Média o número de pessoas com acesso à escrita fosse bastante reduzido, ou seja, o acesso ao conhecimento era privilégio de poucos. Como podemos evidenciar, mesmo se percebendo cada vez mais a necessidade do saber para a população, este não representou um fortalecimento da sociedade como um todo, e sim apenas das classes sociais mais privilegiadas.

Também sobre a importância da escrita, desde a Antiguidade, e em consequência desta o saber através da leitura, observemos o que atentam Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1988, p.10):

A escrita, historicamente, representa uma conquista sobre a memória, instrumento predominante nas sociedades ágrafas. A acumulação do conhecimento através da palavra escrita tem sido apropriada pelas classes que detêm o poder dentro de uma sociedade. Como o documento escrito é mais eficiente para a fixação e conservação das idéias, leva vantagem sobre a memória coletiva, alijando das decisões do grupo aqueles que não são capazes de decifrá-lo.

Se, por um lado, inicialmente o acesso ao conhecimento por meio da escola era privilégio de poucos, por outro, a criação da escola representou um grande avanço, pois,

mesmo que resumidamente, o número de leitores aumentou de forma significativa, não ficando restrita somente aos mosteiros ou aos grupos de religiosos. Com o passar do tempo, a sua estruturação foi se modificando e, assim, foi propiciando o aumento no número de alfabetizados, com conseqüente acréscimo de leitores. Para Zilberman e Rösing (2009, p.21),

Dentre os novos serviços, conta-se a transformação do sistema escolar, que amplia seu atendimento às classes populares e altera sua estrutura, ao dividir-se em ciclos, disciplinas e terminalidades. Por sua vez, a escola, agora modificada, propicia o aumento do público leitor e fortalece modalidades de expressão que se transmitem de preferência e quase exclusivamente por meio da escrita, não mais por intermédio do código oral e da audição, como a poesia e a música, ou por intermédio do código performático e da visão, como o teatro, o circo e a pantomina, populares até os séculos XVII E XIX.

As transformações observadas em todos os âmbitos, em todas as esferas da sociedade dão um novo rumo ao processo vivenciado pelo sistema educacional. O acesso ao saber, antes restrito a poucos, se tornou de maior dimensão privilegiando um número bem maior de pessoas. É importante notar que este processo, mais tarde, favoreceu o estabelecimento de um espaço escolar falho no que se refere à formação de leitores, haja vista a urgência em alfabetizar e, por conseqüência disso, houve uma falta de preocupação com esta formação.

O ambiente escolar tomou lugar de destaque e, desta forma, a ampliação do saber que se dava através da escrita e da leitura passou a ser central, embora, paradoxalmente, não tenha jamais se livrado de toda sorte de problemas. Se na Europa, e em outras nações que se desenvolveram econômica e culturalmente séculos antes do nosso país, existiam muitos problemas, no Brasil o início da escola ocorreu estruturalmente com dificuldades ainda maiores. É fato que através dos Jesuítas, que tinham a incumbência de catequizar os que aqui habitavam, iniciaram-se as primeiras instituições escolares. De acordo com Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991, p.16):

O primeiro grande projeto educacional desenvolvido no Brasil resultou do projeto evangélico dessa política catequética, executado sobretudo pelos jesuítas, que aportaram na Bahia com o governador geral Tomé de Sousa, em 1549, e aqui permaneceram até 1759, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal. Nesses 210 anos, consolidou-se a prática pedagógica talvez mais marcante e bem documentada da história colonial brasileira, responsável pelo estabelecimento das

condições dentro das quais leitura e escrita, enquanto modelos de ação coletivos e institucionais firmaram-se entre nós.

É inegável a grande contribuição dos Missionários da Companhia de Jesus que, inicialmente, durante mais de dois séculos, trabalharam pela formação intelectual de uma parte dos brasileiros. Foi através deles que a cultura da escrita e leitura se fez presente nos primeiros anos da Colônia. No entanto, alfabetizar e formar leitores intelectualizados não era, de modo algum, o objetivo principal dos dirigentes do então Brasil colônia. E esse foi, senão o maior, um dos principais problemas da institucionalização da educação em nosso país. Sobre a história da escola no Brasil e os entraves sofridos por ela, acarretando na finalização do seu primeiro ciclo educacional, Lajolo e Zilberman (1991, p. 25) acrescentam:

Em 1757, o governo português publica a “liberdade” dos índios, que, segundo Banha de Andrade, “Acabava com a administração temporal dos missionários”, em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal. Estes fatos limitavam o projeto de Durão, tardio nas reivindicações e nostálgico nas expectativas. Pois aquelas determinações governamentais foram definitivas e provocaram mudanças profundas no sistema escolar vigente na colônia, afetando tanto nativos como filhos dos portugueses aqui estabelecidos. Encerrava-se, assim, a primeira etapa do processo educacional brasileiro.

Assim, desde cedo, as precárias condições e certo desinteresse por parte do governo colaboraram para que existissem problemas de vários níveis na educação, dentre os quais o difícil acesso aos bancos escolares. A escola no Brasil também não era um privilégio de muitos. Além disso, é perceptível o fato de que desde o seu início o sistema educacional, “dirigido” pelos nossos governantes, também deixou a desejar nas atividades relacionadas à escrita e à leitura. Atenta-se para as palavras de Lajolo e Zilberman (1991, p. 28):

Já se reconhece nesse ponto a pouca (ou quase nula) preocupação das autoridades com a difusão da leitura e escrita, habilidades essenciais aos cidadãos de um Estado que se deseja moderno, como ocorria nos países europeus, que começavam a investir na educação popular. Assim, a penúria cultural do Brasil, ao longo de todo o período colonial, mas principalmente durante os séculos XVI e XVII, decorreu sobretudo da inexistência de um programa regular de formação da infância, a não ser quando se tratava de preparar religiosos e bacharéis. Que, mesmo nesse caso, precisavam completar os estudos em Portugal.

Também sobre a realidade vivenciada pelos nossos habitantes durante o Brasil Colônia e que persistiu por muito tempo, no que tange às dificuldades apresentadas pelo sistema de educação, é importante observar as palavras de Márcia Abreu (2006, p.85), a qual menciona outros problemas que fizeram parte desta realidade:

Entretanto, as maiores cidades contam com algumas escolas. Mesmo recebendo apoio do governo, são todas muito mal organizadas: as salas são pequenas, mal iluminadas e escassamente mobiliadas; os professores são poucos, despreparados, mal remunerados e exercem atividades paralelas para seu sustento; os métodos de ensino, completamente inadequados; os livros, escassos e ultrapassados. Os pais têm vergonha de conduzir seus filhos à escola, por isso é pequeno o número de estudantes. Os que lá vão ficam fechados em cubículos abafados e encontram mestres mais preocupados em ensinar-lhes a cantar matinas e ave-marias do que inculcar-lhes os rudimentos “da ciência e da literatura”

O exposto por Abreu (2006) nos leva a pensar que em função de todos esses problemas historicamente enfrentados pela escola no Brasil, a leitura, por tantas dificuldades, passasse a ser menos, ou muito pouco valorizada, não se levando em conta, inclusive, a sua função primordial, que é a de formação intelectual do ser humano. De acordo com Lajolo e Zilberman (1991, p. 131), o atraso da cultura letrada no Brasil, “relaciona-se, entre outros fatores, à precariedade (para não dizer ausência quase completa) de uma política educacional que dotasse o país de uma rede escolar eficiente”. Nesse sentido, não faltavam apenas escolas, também faltavam livros, bibliotecas, livrarias, e outros meios necessários à formação de intelectuais.

Apesar de toda a sua história e dos problemas enfrentados ao longo dessa história, a importância das instituições de ensino continua evidente, percebida a dimensão de seu papel na sociedade e tendo em vista que devem ser compreendidas como principais espaços de disseminação da cultura. Nesse sentido, Zilberman (2009, p. 26) afirma:

Entretanto, por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este fator relaciona-se especialmente com a leitura, o que é sugerido, em uma primeira instância, pelas políticas educacionais das nações emergentes: ao conquistarem sua emancipação, desencadeiam programas de

alfabetização em massa, por meio de campanhas patrocinadas pelo Estado, sobretudo quando se proclama de extração popular.

Os programas de alfabetização em massa, mencionados acima, entretanto, foram e estão sendo falhos em muitos casos. Uma vez que a alfabetização está ocorrendo, no entanto, o trabalho com a leitura não está sendo efetivo, como já mencionamos inúmeras vezes neste texto. As evidências de que os alunos são alfabetizados, mas que não compreendem o que leem, ou que não compreendem os mecanismos utilizados pelos escritores na construção de sentidos de um texto, igualmente provam as falhas no ensino. Se a tarefa primordial da instituição escolar, que é a de uma formação intelectual, não ocorre, o que pensar então a respeito do seu trabalho com a cultura como um todo?

Procurou-se, no passado, por necessidade de mão de obra e com respaldo do sistema capitalista, alfabetizar boa parte da população. Com isso, e sendo esse o principal objetivo, foram deixados muitas vezes os caminhos que levam a um trabalho de plenitude nas escolas, e, por conseguinte, uma formação qualificada de leitores não ocorreu. Sendo esse um caminho gerador de muitos problemas, esqueceu-se ou se procurou esquecer que somente a alfabetização não é eficiente para que se esteja formando verdadeiramente cidadãos, ou melhor preparados para enfrentar a realidade na qual são e ou serão os principais transformadores. Este processo e a forma como ocorreu é, se não o maior, um dos principais problemas resultantes da crise vivenciada pela escola. Sobre a importância da escola, observamos também o que comenta Ezequiel Theodoro da Silva (2009, p.88):

A escola transformou-se na principal agência responsável pelo ensino do registro verbal da cultura. Em outras palavras, o acesso à leitura significa ter acesso à escola para nela e por meio dela obter as competências e os conhecimentos necessários à participação no mundo da escrita e ao exercício da cidadania. Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à alfabetização, ao letramento e à escolarização, então ler é, por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir por seu currículo e dos seus programas e métodos.

Assim, após conhecer e refletir alguns aspectos que colaboraram para o surgimento da atual precariedade do ensino em nosso país, faz-se necessário um questionamento sobre possíveis caminhos que devemos trilhar para que a escola possa de fato estar propiciando uma verdadeira formação de seus ocupantes. No decorrer deste primeiro capítulo, apresentamos

dados de pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro em relação ao hábito de leitura no Brasil. Também observamos alguns aspectos referentes à história da instituição escolar no geral e em específico no nosso país, e utilizando citações e comentários expusemos a evidente importância da escola para a transformação da sociedade.

Nesse sentido, na continuação de nosso texto, traçamos também algumas considerações a respeito da importância do trabalho com a leitura literária em sala de aula, assim julgando ser essa uma das saídas para resolver muitos dos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, ou, ao menos, uma tentativa de suprir falhas no que diz respeito à já mencionada formação intelectual de nossos alunos.

De acordo com as palavras de Zilberman e Rösing (2009, p. 36), o trabalho com a leitura literária, com o texto na sua íntegra, e não de modo fragmentado, forma como são apresentados nos livros didáticos ou apostilas, é um dos caminhos que podemos percorrer para buscar o almejado num trabalho mais eficiente com a leitura.

Se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, são imprescindíveis. Além disso, ela é a condição de o ensino tornar-se mais satisfatório para seus principais interessados, a saber, os sujeitos que transitam pela sala de aula, sejam professores sejam alunos. E de a escola renovar-se, ainda quando resgatar sua função original, que é dar acesso à ação de ler, para efetivar a revolução duradoura no bojo da qual se popularizou.

Diante das considerações anteriores, nos cabe evidenciar a importância da obra literária enquanto meio de formação intelectual de pessoas. Também observamos o que afirmam Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p.14):

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. O texto produzido, graças a essa natureza verbal, permite o estabelecimento de trocas comunicativas dentro dos grupos sociais, pondo em circulação esse sentido humano.

É constante o nosso questionamento sobre o modo como se podem formar leitores literários e, assim, melhorar significativamente a realidade da escola através da literatura. À medida que acreditamos nesse processo de mudança que pode se dar através do incentivo à leitura, como caminho de transformação da instituição escolar como um todo, passamos a nos questionar também sobre as possibilidades de mediação que podem e devem ser realizadas para que isso ocorra. Nesse sentido, fica, para nós, claro que tal mudança só ocorrerá de fato quando os seus principais agentes, quando primeiramente os professores, tornarem-se também leitores. A partir de então, as possibilidades de ação são muitas e se fazem necessárias e o caminho a ser trilhado não é outro senão o de mediação de leitura. No momento em que as crianças e jovens se perceberem na obra literária, e estabelecerem *links* entre o texto e a realidade da qual fazem parte, passarão a ver a literatura como algo interessante em suas vidas. A percepção de que o texto literário nada mais é do que a representação da realidade contribuirá para que esse tipo de leitura seja ainda mais disseminado entre nossos alunos. É necessário que o professor se torne um mediador e realize significativamente essa mudança. Na seção a seguir elucidaremos a importância de um professor leitor e de suas ações objetivando a formação de novos leitores.

2.3 Leitura: mediação e prática leitora, ações do professor leitor

Para que a transformação da realidade das instituições escolares aconteça, é indispensável um primeiro passo, que diz respeito ao fato de que o professor deve se tornar, antes de tudo, um leitor. É visto que o observado, também no que tange à formação e à vivência profissional dos nossos professores, não ocorreu de forma a contribuir para a sua formação enquanto leitores. Esse aspecto referente à falta de um comportamento de leitura por parte dos educadores é muito bem observado por Ezequiel Theodoro da Silva (2009, p. 23), em seu artigo *O professor leitor*¹¹:

No Brasil, a formação aligeirada – ou de meia tigela – dos professores, o aviltamento das suas condições de trabalho, o minguado salário e as políticas

¹¹ Artigo que faz parte da obra *Mediação de Leitura* Discussões e Alternativas para a formação de Leitores, organizada por Fabiano dos Santos, José Castilho Marques Neto e Tania M. K. Rösing, São Paulo, 2009, 284 p.

educacionais caolhas fazem com que os sujeitos do ensino exerçam a profissão sem serem leitores. Ou, então, sejam tão somente leitores mancos, leitores de cabresto e outras coisas assim. Os resultados desse quadro lamentável e vergonhoso todos sabem: dependência de livros didáticos e outras receitas prontas, desatualização, redundância dos programas de ensino, homogeneização das condutas didáticas, repertório restrito, ausência de habilidades e competências de leitura, estagnação intelectual, etc.

As dificuldades pelas quais passam nossos profissionais da educação, como vimos, são muitas. No entanto, há uma necessidade urgente de que, mesmo em meio a tantos problemas, o professor dê um novo significado ao seu trabalho em sala de aula. É preciso que se visualize um novo modo de trabalhar, fazendo com que as escolas se tornem espaços bem quistos pelos seus alunos e possam de fato os estar formando. Nesse sentido, há que se buscar com urgência uma transformação pela leitura, começando pelos próprios educadores.

Assim, quando o professor se torna leitor, ele visualizará caminhos e possibilidades de agir e poderá, por sua vez, realizar mediações de leitura. E isso nos leva a crer que, então, encontra-se nas mãos dos educadores uma parcela significativa de mudança no que se refere à formação de novos leitores. Desse modo, mediar é oportunizar aos leitores em formação uma leitura de qualidade, em que o texto seja visto como um emaranhado de significados que se relacionam com a nossa realidade. É preciso agir, formar-se, ou seja, gostar da leitura para tornar-se um mediador.

No artigo intitulado “*Do currículo por disciplina à era da educação – cultura – tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura*”, Tania Rösing (2009, p.135), apresenta-nos uma opinião fundamental no que diz respeito ao papel do professor:

Com foco na escola, cabe ao professor uma ampliação de seu repertório de leituras literárias – contos, lendas, poemas, canções, brincadeiras com a palavra (parlendas, trava-línguas, adágios populares). Assim, esse educador passa a ter consciência de que não pode exercer docência sendo apenas reprodutor de conteúdos isolados, fragmentados de uma determinada disciplina do currículo escolar. É preciso ter domínio aprofundado desse conteúdo numa perspectiva interdisciplinar e atualizada, atendendo às necessidades do contexto atual. Precisa transformar-se num leitor competente da diversidade e da heterogeneidade peculiar aos gêneros textuais, observando funcionamentos diferenciados da linguagem. É importante que tenha prazer na leitura de textos literários, sejam eles impressos ou apresentados em distintos suportes. Por meio da literatura, os leitores encontram-se a si mesmos, refletem sobre a sociedade, estando aptos a oferecer caminhos transformadores para a humanidade. Docência combina com domínio de saberes, desenvolvimento criativo de competências, atualização, transformação, sensibilidade.

Percebendo a diversidade de fontes de leituras literárias como elemento fundamental à formação do professor, Rösing (2009) também aponta para a necessidade de readequar e atualizar o próprio entendimento do que é uma prática sobre a leitura, na qual está estabelecida a natureza local, levando-se em conta o ambiente em que está inserido o leitor e também dinâmica, vinculada à diversidade de códigos, linguagens e condutas. É justamente pela condição “plural” de leitores que a tarefa de mediação torna-se proposta essencial à formação do leitor. Trata-se de conduzir, apontar, orientar o leitor em formação por procuras de múltiplas opções, de várias possibilidades, pois, da mesma forma como há uma ampla variedade de textualidade, há também, em potência, toda uma diversidade de redefinições de sentido. Formar um professor que tenha tamanha capacidade, contudo, não é tarefa simples. Assim, de acordo com José Castilho Marques Neto (2009, p.23):

Não é fácil formar mediadores, até porque hoje representa uma superação de determinadas concepções que atribuíram a leitura exclusivamente às obrigações da escola, ligando-a mecanicamente à alfabetização, impõe-se a necessidade de, sem tirar a leitura da escola, ir além dela, transpondo o que se denomina a “escolarização da leitura” e enraíza-la na sociedade como ato de todos.

A afirmação de que a leitura pode e deve ser trabalhada além da sala de aula, do ambiente escolar, é apresentada de modo claro neste trecho do texto de José Castilho Marques Neto (2009), e tendo em vista essa perspectiva, podemos pensar em outros ambientes de formação de leitores. Um exemplo significativo são as práticas leitoras desenvolvidas no Centro de Referência de Literatura e Multimeios da Universidade de Passo Fundo (Mundo da Leitura). Sob a coordenação da professora Tania Rösing, o local é destaque pela realização das práticas leitoras multimídiais. Além de contar com um acervo variado, serve como referência aos professores pela realização de suas atividades.

Após as reflexões por nós realizadas e com a incumbência de colaborar na transformação de nossos alunos em leitores, através de mediações de leitura, surge-nos a necessidade de pensar nos acervos literários também como locais propícios à formação de novos leitores literários, como é o caso do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF). Este local torna-se um espaço privilegiado, onde estão resguardados textos, suportes de

leitura, livros, documentos, manuscritos, etc. E, sobretudo, é um espaço cuja memória aponta para um sujeito voltado à valorização da palavra, por ser jornalista, por seu amor pela literatura como escritor, pelo seu empenho na constante formação de leitores e principalmente como escritor atuante no início das Jornadas Literárias de Passo Fundo, que se tornaram movimentações culturais de peso em se tratando de formação de leitores.

Dessa forma, pensando na realização de mediação de leitura através do ALJOG/UPF, estaremos contribuindo para que a escrita de Josué Guimarães e os seus pertences, guardados em tal Acervo, propiciem aquilo que acreditamos ter sido o seu propósito maior: colaborar na formação de leitores, cidadãos conscientes, que leiam o mundo e a realidade vivenciada por todos nós, que sejam críticos perante essa realidade e que de fato façam a sua parte na transformação positiva do nosso futuro. Josué Guimarães teve sua história de vida marcada pela palavra escrita e pela leitura da sociedade. Desse modo, fez de sua carreira, tanto como jornalista quanto como escritor, uma maneira de expor sua opinião e mostrar sua visão de mundo. Algumas de suas obras apresentam uma visão clara da política vivenciada pelos brasileiros em tempos diversos. Assim, J. G. toca na ferida da sociedade abordando temáticas que nos fazem refletir a respeito do passado e do futuro, da política e da sociedade. Formar leitores literários torna-se, nesse sentido, uma possibilidade de formação social, tendo em vista as possibilidades de visão crítica da sociedade por meio da leitura. Para dar continuidade a esse texto é preciso, no próximo capítulo, enfatizar um pouco mais sobre a vida e a obra de J. G., levando-se em conta sua trajetória de vida literária.

3 JOSUÉ GUIMARÃES, UM FORMADOR DE LEITORES

A história de vida e as ações de Josué Guimarães, seja na qualidade de jornalista, seja como escritor literário, contribuiu na formação intelectual de muitos de seus leitores. É notório que J. G., através das letras, pela palavra escrita, apresentou sua visão sobre a sociedade da qual fazia parte. No decorrer dos anos, é possível perceber, por sua trajetória como escritor em ambas as facetas, que ele muito lutou para que a situação social do nosso país fosse transformada através da literatura. Nesse sentido, sua escrita, jornalística ou literária, nos apresenta a preocupação do autor em relação a muitos dos problemas vivenciados por brasileiros da época em que viveu.

Assim, observando as características da escrita de J. G., é oportuno e necessário contribuir para que a formação de novos leitores literários continue acontecendo. Por meio de suas obras e de outras obras literárias, é possível formar leitores atentos à nossa realidade ou, ainda, simplesmente, formar leitores que apenas tomem gosto pela literatura, criem um comportamento de leitura e estejam envolvidos com as transformações necessárias à sociedade.

3.1 Josué, jornalista e escritor

De acordo com informações colhidas principalmente em documentos que fazem parte do ALJOG/UPF, Josué Marques Guimarães nasceu em São Jerônimo, Rio Grande do Sul, no dia 07 de janeiro de 1921. Era filho de José Guimarães e Georgina Marques Guimarães, foi o penúltimo dos nove filhos do casal. Seu pai era pastor leigo da Igreja Episcopal Brasileira, portanto, a família vivia envolta por uma atmosfera religiosa. Ainda na infância, Josué deixou juntamente com seus familiares a cidade natal e passou a morar em Rosário do Sul- RS. Lá seu pai trabalhou também como telegrafista. Algo marcante em sua infância é o fato de que demorou muito para falar, mas, quando o fez, aos três anos de idade, foi sentenciando frases que eram sintaticamente completas.

Alguns anos mais tarde, J. G. se transferiu com a família para Porto Alegre – RS e, então, concluiu o ginásio e o curso secundário no Colégio Cruzeiro do Sul. Foi por esse tempo

que fundou no colégio o Grêmio Literário Humberto de Campos e iniciou a promissora profissão de escritor e jornalista, escrevendo para o jornal de sua escola. O futuro jornalista gaúcho mostrou desde a juventude algumas das principais características que o destacariam por toda a vida. Honestamente batalhando pelo que acreditava ser correto, fundou a associação do grêmio literário, buscando igualmente lutar por seus ideais e pelos de outros estudantes. Esta luta o acompanharia sempre, pois se tornou desde cedo um dos jornalistas mais preocupados com os problemas sociais enfrentados pelo seu povo. Os seus ideais continuaram quando, na maturidade, se tornou um escritor conhecido nacional e internacionalmente.

No ano de 1939, foi para o Rio de Janeiro trabalhar como jornalista na revista *O Malho e Vida Ilustrada*. Mas, declarada a Segunda Guerra Mundial, Josué decidiu voltar para o seu estado natal, Rio Grande do Sul, e alistar-se como voluntário na FEB¹². Porém, não foi aceito, visto que já estava casado com Zilda Marques desde 1940, com a qual teve os filhos Marília, Elaine, Jaime e Sônia.

No jornal *Diário de Notícias*, Josué trabalhou de 1944 a 1948, período durante o qual assinava sob o pseudônimo de D. Xicote. Com tal pseudônimo, o jornalista criou, ilustrou e desenhou humoristicamente, apresentando através de alfinetadas sua visão sobre a sociedade. Esse mesmo pseudônimo, “D. Xicote”, foi utilizado para um jornal de 1949, criado com recursos do próprio Josué. Tal pseudônimo foi ainda utilizado, durante a década de 1960, no jornal *A Hora*. Em 1949, Josué também trabalhou como repórter e correspondente na *Revista Cruzeiro*.

Como vereador numa legislatura iniciada em 1951, outra grande tentativa de lutar pela sociedade, foi o candidato eleito mais votado em Porto Alegre, pelo PTB¹³, e foi também líder da bancada e Vice-Presidente da Câmara de Vereadores. Porém, ingressou depois no PDS¹⁴ e, mais tarde, renunciou ao mandato por desilusões políticas. Tal fato é prova mais uma vez da luta incansável por seus ideais de caráter e dignidade. Durante o período em que foi vereador, Josué encontrou seu amor, Nydia Moojen Guimarães, com quem teve os filhos Rodrigo e Adriana.

Em 1952, participou da primeira delegação de jornalistas do Brasil a visitar a União soviética e a China, sendo o correspondente especial do jornal *Última Hora*, do Rio de

¹² Força Expedicionária Brasileira.

¹³ Partido Trabalhista Brasileiro.

¹⁴ Partido Democrático Socialista.

Janeiro. No ano de 1957, foi contratado para reformar o jornal carioca *Diário da Noite*. Após, fundou sua própria agência de propaganda.

O ex-vereador teve, no entanto, grande participação ainda no meio político brasileiro, no qual passou a ser considerado um dos intelectuais do governo João Goulart. Foi chefe de gabinete de Jango¹⁵ na Secretaria de Justiça do Rio Grande do Sul, durante o governo de Ernesto Dornelles. Nesse período, de 1961 até 1964, também se dedicou à direção da então Agência Nacional, atualmente Empresa Brasileira de Notícias.

Em 1964, presenciou o golpe de estado realizado pelos militares e, a partir de então, perseguido pelo regime autoritário, passou a escrever usando o pseudônimo de Samuel Ortiz e, vivendo em Santos e São Paulo, começou a trabalhar com consultoria em empresas privadas nas áreas comercial e publicitária.

Apesar dos fatos que por determinado tempo o fizeram viver clandestinamente, Josué foi um jornalista de destaque em grandes jornais e revistas brasileiras. Assim, passou por várias atividades, como colunista, secretário de redação, comentarista, ilustrador, editorialista, cronista, diagramador, repórter político e diretor, tornando-se um dos maiores jornalistas do Rio Grande do Sul. Assim pode ser definido o jornalista Josué Marques Guimarães.

Certamente se há de convir, que o dinamismo e a forma como o jornalista escreveu contribuíram e muito para ele se tornar, mais tarde, um dos maiores escritores do nosso estado. J. G. começou a se lançar como escritor literário somente aos 49 anos de idade. Mesmo assim, sua obra literária é importante para nossa literatura, pelo seu cuidado e dedicação para com a escrita e pelo olhar sobre as causas sociais, tais como as atrocidades ocorridas nas revoluções, a falta de ética por parte de políticos, entre tantas outras. Nesse sentido, Carlos Reverbél, em um depoimento sobre o escritor, pode nos confirmar tal ideia: “Mas, um dia, embora tenha feito do jornalismo seu meio de vida, a vocação literária eclodiu, dele fazendo um escritor da maior criatividade” (REVERBEL apud REMÉDIOS, 1997, p. 150).

Foi assim que, utilizando o pseudônimo de Jericó, estimulado por sua esposa Nydia, Josué se inscreveu no II Concurso Nacional de Contos do Paraná¹⁶, na época o mais importante prêmio literário brasileiro que consagrou vários outros escritores. O novato contista acabou sendo premiado por dois contos: “Mãos sujas de terra” e “O princípio do fim”, que mais tarde fizeram parte de seu primeiro livro, denominado *Os ladrões*, publicado

¹⁵ Modo como se também era chamado o presidente João Goulart.

¹⁶ Concurso realizado pela FUNDEPAR (Fundação Cultural do Paraná).

em 1970. Porém, vale ressaltar que anteriormente ele já havia publicado os contos “Odete de Oliveira” e “A morte do caudilho”, textos que se juntaram a outros de Moacyr Scliar, Sérgio Jockyman, Lara de Lemos, Carlos Stein e Ruy Carlos Osterman, Sérgio Ortiz Porto, Candido de Campos e Tania J. Failace, na obra *Nove do Sul*, publicada pela Editora Difusão de Cultura, na cidade de Porto Alegre, em 1962.

Já em 1971, J. G. retornou ao jornalismo com a publicação da coluna “A volta ao mundo”, no Jornal *Zero Hora*¹⁷. Tal coluna era formada por relatos de Phileas Fogg, personagem correspondente que contava suas viagens e entrevistas. Em 1972 iniciou a que é certamente uma de suas maiores obras, a trilogia inacabada *A ferro e fogo I*. O primeiro volume foi “Tempo de Solidão”. Em 1975, publicou o segundo volume, *A ferro e fogo II* “Tempo de Guerra” e sua trilogia seria finalizada com o livro “Tempo de Angústia”, que abordava a história dos *Muckers*¹⁸. Porém, embora já esquematizada pelo autor, tal obra não pôde ser concluída. Toda a trilogia tratava de questões relacionadas aos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

Após, em 1973, lançou a obra *Depois do último trem* e, no ano de 1976, a obra *Tambores silenciosos*, pela qual recebeu o prêmio Érico Veríssimo de romance. Ainda em 1976, lançou, em Portugal, o jornal *Chaimite*. É fato que trabalhou como correspondente da empresa jornalística Caldas Júnior, na África e em Portugal durante os anos de 1974 a 1976. Em 1977 escreveu o livro de crônicas denominado *Lisboa Urgente*, enquanto trabalhava como correspondente em Portugal. Também publicou nesse mesmo ano o romance *É tarde para saber*.

Na sequência, surgiram as publicações do romance *Dona Anja*, em 1978, os livros de contos *O cavalo cego*, de 1979, sobre o qual abordaremos amplamente no decorrer deste trabalho e *O gato no escuro*, de 1982. Ainda em 1978, Josué juntou-se novamente a Moacyr Scliar e com Edgar Vasques escreveram juntos a obra *Pega para Kapput!*. Também é de 1978 a publicação de *Enquanto a noite não chega*. No ano de 1980 surgiu o romance *Camilo Mortágua* e, em 1986 foi publicada a peça de teatro *Um corpo estranho entre nós*. O livro *Garibaldi e Manoela*, romance que inicialmente seria denominado pelo próprio autor de *Amor de Perdição* – cujo título já pertencia à novela portuguesa escrita em 1862 pelo português Camilo Castelo Branco – só foi publicado após a morte de Josué. Assim como o livro de

¹⁷ Jornal gaúcho de grande divulgação, fundado em maio de 1964.

¹⁸ Os *Muckers*, assim é denominado um grupo de fanáticos religiosos que viveu em São Leopoldo, numa localidade denominada Ferrabraz, onde protagonizaram uma revolta entre os anos de 1873 e 1874.

depoimentos *Muralhas de Jericó*, publicado somente em 2001, e que havia sido censurado e poderia ter sido sua primeira obra publicada, ainda em 1952.

Josué Guimarães publicou também as seguintes obras infantis: *A casa das quatro luas*, de 1979; *Era uma vez um reino encantado*, de 1980; *Xerloque da Silva em “O rapto da Dorotéia”*, de 1982; *Xerloque da Silva em “Os ladrões da meia-noite*, de 1983; *Meu primeiro dragão*, também de 1983 e *A última bruxa*, obra publicada em 1987, após a morte do escritor.

Em mais ou menos 20 anos, Josué escreveu uma obra de fundamental importância para a literatura rio-grandense e brasileira. Seja pelas causas sociais por ela trabalhadas, seja pela abordagem de forma dinâmica de uma parte da história não apenas do Rio Grande do Sul, mas também do país. Devido a isso, ao valor de sua obra, de seu legado literário, pode-se dizer que ele é um dos escritores mais importantes de seu tempo e continua sendo nos dias atuais.

Mas Josué não se preocupava somente em escrever. Também, e mais que isso, pensava na formação de leitores. Nesse sentido, sua escrita literária contribuiu sobremaneira para a formação de novos apaixonados pela leitura e, a partir de então, iniciou-se uma mudança significativa em nossa realidade, mais especificamente da realidade dos leitores gaúchos. No ano de 1981, J. G. apoiou a professora da Universidade de Passo Fundo, Tania Rösing, na organização de um evento que reuniria escritores e leitores com o objetivo de mediar a aproximação entre eles.

Então, em agosto de 1981, os objetivos tanto da professora Tania quanto de Josué Guimarães, no que se referem ao tal evento, foram concretizados. Surgia aí a 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, que contou com a participação de escritores como Sérgio Caparelli, Mario Quintana, Moacyr Scliar, Armindo Trevisan, Antonio Carlos Resende, Carlos Nejar, Dionísio da Silva, Cyro Martins e o próprio Josué. Foi um grande início, do qual participaram aproximadamente 800 pessoas. A iniciativa da referida professora, com o apoio do grande escritor, surtiu efeito. Em agosto de 1983, realizou-se a 1ª Jornada Nacional de Literatura e também a 2ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense. Muitos escritores foram convidados para o evento: Luís Fernando Veríssimo, Luís Antonio de Assis Brasil, Lya Luft, Millôr Fernandes entre outros.

É válido ressaltar que desde aquele tempo realizavam-se também as Pré-Jornadas de Literatura, em preparação para essa grande movimentação literária. Tais atividades tinham por base leituras de obras indicadas, o que de fato acontece até hoje. Nesse evento de 1983, o

público aumentou para 1.800 participantes. E Josué se tornou, devido a sua atitude de apoio, o coordenador dos debates da Jornada. É de fundamental importância salientar que, em agosto de 1985, realizou-se a 2ª Jornada Nacional de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e nesse encontro o público já chegava a 2.000 pessoas, que prestigiaram escritores como Ziraldo, Tabajara Ruas, Ignácio de Loyola Brandão e Marina Colassanti, entre outros.

Agora, em 2013, este grande evento literário possibilitou ao público leitor a participação em inúmeros encontros: 7ª Jornadinha Nacional de Literatura, 12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural (com a participação de 13 universidades), 4º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, 3º Seminário Internacional de Contadores de Histórias, 2º Simpósio Internacional de Literatura Infantil e Juvenil, Encontro Internacional de Bibliotecários e Mediadores de Leitura, 7º Plenário de Lá Red Internacional de Universidades Lectoras, Journight e a Jornada UPF.

É inegável a fundamental presença de Josué Guimarães no início, no pontapé inicial desta grande movimentação em torno da leitura, tendo em vista o seu entusiasmo também pelas atividades desenvolvidas pela Pré-jornada, com as mencionadas leituras antecipadas de obras dos autores presentes. A sua busca por formar leitores perpassa fronteiras e procura cada vez mais aquilo que ele fez com magnitude: colaborar na construção de um mundo melhor através de um comportamento de leitura. A realidade que se observa em Passo Fundo, por conta de toda a movimentação das Jornadas Literárias, se difere e muito da realidade de grande parte do país, e J. G. também tem seu mérito nesta realidade.

Josué morreu cedo, aos 65 anos de idade, no dia 23 de março de 1986. No entanto, o seu sonho de formar leitores continua se realizando, seja através do empenho de sua amiga Tania Rösing, ou pelos muitos leitores que se formaram a partir das Jornadas Literárias e que, por sua vez, vão formando novos e tantos outros leitores. Em sua homenagem, no ano de 1988 foi instituído o *Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães*, em uma parceria com o Instituto Estadual do Livro. Este concurso recebe contos inéditos de todo o país e concede ao primeiro lugar uma premiação de R\$ 5 mil e uma viagem à Santiago de Compostela – Espanha. Ao segundo colocado é dado um prêmio de R\$ 3.000 mil. Ambos os vencedores são anunciados durante a realização das Jornadas, onde também recebem o Troféu Roseli Doleski Preto. Neste ano de 2013, o Concurso chegou à sua 13ª edição, com 712 inscritos, confirmando um aumento cada vez maior de participantes. A instituição deste concurso é uma justa homenagem a J. G., pelo tanto que fez por nossa literatura. Sobre sua escrita curta, teceremos maiores comentários na próxima seção.

3.2 O conto de Josué Guimarães

Para tratarmos da escrita curta de Josué Guimarães, de seus contos, da forma como os escrevia, em um primeiro momento é necessário buscar um embasamento teórico a respeito do termo conto. Assim, observamos o que diz Massaud Moisés em seu livro, *A Criação Literária*, sobre tal palavra: “Trata-se, pois de uma narrativa unívoca, univalente. Constitui uma unidade dramática, uma célula dramática. Portanto contém um só conflito, um só drama, uma só ação.” (MOISÉS, 1975, p. 124). Segundo o mesmo teórico, “O conto é essencialmente “objetivo”, “plástico”, “horizontal e, por isso, costuma ser narrado na terceira pessoa.” (MOISÉS, 1975, p. 128)”. Sobre as origens do conto, afirma Antonio Hohlfeldt (1985, p. 13) em sua obra intitulada *A literatura catarinense em busca de sua identidade: o conto*:

As origens do conto misturam-se, praticamente, com as da literatura mesma. Antes de ser literatura, isto é, uma forma escrita de narrar, o conto vicejava de forma oral, entre as comunidades primitivas, servindo para a transmissão de acontecimentos mais ou menos cotidianos, mais ou menos maravilhosos, vividos por seu narrador, ou por ele assistidos (ou inventados), em determinado momento.

Nesse sentido, observa-se também o que diz Nádya Battella Gotlib (1995, p. 12): “O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não tem limites precisos.” Também, de acordo com o teórico Mempo Giardinelli (1994, p. 20): “Conto vem do latim *contus* ou *computus*, e significa “computar, relatar”.” Ainda, uma definição mais completa e por isso mesmo mais extensa nos é igualmente mencionada por Giardinelli (1994, p. 20-21) ao citar as palavras do contista Jorge Luis Borges e de outros escritores:

Diante da sempre grande tentação de procurar definições, cabe recordar somente algumas ideias belíssimas, como a de Borges, quando dizia que escrever um conto era como entrever uma ilha no mar: “Vejo as duas pontas, sei o princípio e o fim. O que vai acontecer entre ambos os extremos, terei de ir inventando, descobrindo”. Igualmente sugestiva é a definição de H. A. Mureña: “O conto é algo assim como uma gota d água vista com uma lupa e portanto nela está o universo inteiro”. Ou a de Juan Filloy, que compara o romance com os grandes rios e o conto com os arroiozinhos de montanha, espontâneos, inesperados. Ou as velhas idéias de Alberto

Moravia, Ernest Hemingway e outros, e que quase todos os autores do *boom* latino-americano repetiram como suas: que o conto deve prender o leitor na cadeira; que significa agarrar o leitor pelo pescoço e não deixá-lo respirar, não permitir-lhe escapatória uma vez que tenha mordido a isca da primeira frase, e outras mais.

A escrita de um conto, sendo um texto de menor extensão, envolve habilidades e certa técnica por parte dos contistas. Sendo assim, escrever um conto não se difere da escrita de um romance, por exemplo. Embora possa se escrever em menor tempo, o conto de modo algum pode ser menosprezado em relação a um texto de maior extensão. Os cuidados por parte do escritor podem ser evidentes, independente do número de linhas ou de páginas em uma obra. Sendo assim, torna-se necessário observar o fragmento a seguir, que faz parte da obra *Teoria do texto I Prolegômenos e teoria da narrativa*, de Salvatore D'Onofrio (1995, p. 121).

A diminuição dos elementos estruturais confere ao conto uma grande densidade dramática. Enquanto no romance o conteúdo textual encontra-se diluído na multiplicidade de ações, personagens, espaços, tempos, descrições, reflexões, no conto uma condensação do sentido que se revela ao leitor de uma forma mais rápida e surpreendente. O contista tem uma ideia fundamental a expressar. Inventa, então, uma pequena história vivida por algumas personagens cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido do mundo que a narrativa encerra.

Ao longo de nossas pesquisas, numa análise inicialmente realizada das edições definitivas e dos originais de alguns contos, como no caso de “O cavalo cego”, presente na obra com o mesmo nome, foi possível evidenciar o cuidado que o Josué contista tinha ao escrever esses textos. Isso ficou claro na análise de originais nos quais podemos perceber as releituras por parte do autor e, ainda, que J. G. buscava realizar um aprimoramento de tais textos, pois as reescritas, algumas vezes intensas, são visíveis tanto no início, como no final dos contos. Dessa forma, nestes mesmos textos, em determinados momentos percebemos mudanças e ratificações. O motivo para isso pode muito bem ser justificado pelo fato de o conto se tratar de um texto objetivo, ou seja, o autor sente que deve dizer tudo o que deseja transmitir em poucas linhas. Essa talvez tenha sido a preocupação maior do Josué contista.

Além do cuidado na escrita de seus contos, percebe-se também outro aspecto a respeito da escrita curta de J. G., em alguns momentos ele deixava transparecer um certo lirismo, um trabalho de linguagem expressivo, acuado por uma forma de narrar quase poética.

É exemplo o fragmento abaixo, que foi retirado do conto “O rio”, publicado em *Os Ladrões*, obra de Josué Guimarães (1971, p. 93-94):

Lenita caminha para ele. Para os tentáculos do amado polvo envolvente. A água ligeira envolvendo os seios, os ombros, molhando ainda uma vez os cabelos soltos. Batendo dura, causticante, no rosto salgado de lágrimas. Lenita boiando no seu rio. Manobrando com as suas barbatanas entre traíras e dourados curiosos. Os peixes roçando como lixas, transferindo para a sua pele as escamas imbricadas. Brânquias frementes. Um caudal de peixes na sepultura líquida. Peixe-serra. Peixe-sono. Grandes e lerdas boletas-marinhas, como ameaçadoras arraias que aspiram a vida pelas grandes fendas abdominais. Miríades de lambaris em procissão, desenhando nas trevas um halo de prata reluzente e protetor. E finalmente a sensação viva de Mauro, os braços de Mauro, o corpo de Mauro, a boca de Mauro. Uma nova e fantástica fusão de dois seres irrealis. Um roldão surdo que carrega em triunfo o corpo alvo de Lenita rumo à paz definitiva.

Charles Kiefer (2004, p.145), em *A poética do Conto* afirma: “A leitura devotada reforça no contista o que já estava nele” Atentando-se para as palavras de Kiefer, podemos enfatizar que o cuidado tido por Josué na escrita de seus contos e a forma como os escreveu comprovam não só uma grande habilidade ao escrever, mas também uma acentuada leitura de mundo, antes de tudo, fazendo com que suas próprias experiências de vida estivessem demonstradas em suas obras.

Além do lirismo acima citado, apresentado algumas vezes em sua escrita curta, da eficiente elaboração e do cuidado com a escrita, o contista Josué também abordou várias temáticas sociais, as quais sempre fizeram parte de toda sua obra literária. Sobre essas características presentes nos contos de Josué, afirma Gilda Neves da Silva Bettencourt (1999, p. 77):

O que se observa, tanto nos contos realistas como nos fantásticos, é que o autor expressa preocupações inerentes ao seu tempo, respaldadas pelas convicções políticas e sociais, obtidas ao longo de uma vida em que também atuou na atividade pública (Josué Guimarães participou do governo de João Goulart), e secundadas pela intensa atuação como jornalista, desenvolvida por muitos anos no País e no exterior.

Sendo de destaque o sobrenatural, presente em muitos dos textos do escritor, evidenciamos um exemplo: o texto “A visita”, primeiro conto da obra *O cavalo Cego*. Nesse

texto, o narrador-personagem, alguns anos após a morte de sua esposa Heloísa, tem um sonho no qual ela lhe faz uma visita, como se não tivesse morrido e, após um diálogo, Heloísa se despede dele levando consigo seis volumes de uma coleção de livros. O que se segue, no sonho, é que o marido tenta impedir a mulher de ir embora e acaba acordando em meio a tal tentativa. Porém, certas marcas da “real” presença de sua falecida esposa são comprovadas através da ausência dos seis volumes levados por ela em sonho e da marca inconfundível de sua bolsa de camurça azul sob a mesa cheia de pó. Ao tratar de outros contos, continuaremos, mais adiante, em outras seções, a tecer alguns comentários sobre eles, bem como sobre a utilização do sobrenatural em alguns dos tais contos.

É necessário, neste momento de nosso texto, retomar de modo mais amplo outro aspecto referente à escrita de J. G., o qual diz respeito à sua preocupação com a linguagem e reescrita de seus textos de menor dimensão. Para isso, tomamos como exemplo uma comparação ao serem observados os datiloescritos e as edições definitivas de alguns romances do escritor e os prototextos de alguns contos juntamente com os textos definitivos, publicados posteriormente. Dentre eles, o original de um romance, que possui menor número de rasuras se comparado aos originais datiloescritos de alguns textos curtos, que apresentam marcas de revisão constantes. A faceta do Josué Contista parece se demonstrar diferente da do romancista.

Abaixo, nas figuras, estão apresentados fragmentos dos originais de um romance e de um conto respectivamente, sobre os quais teceremos comentários na sequência.

Figura 1 - É tarde para saber ALJOG 01a 0023

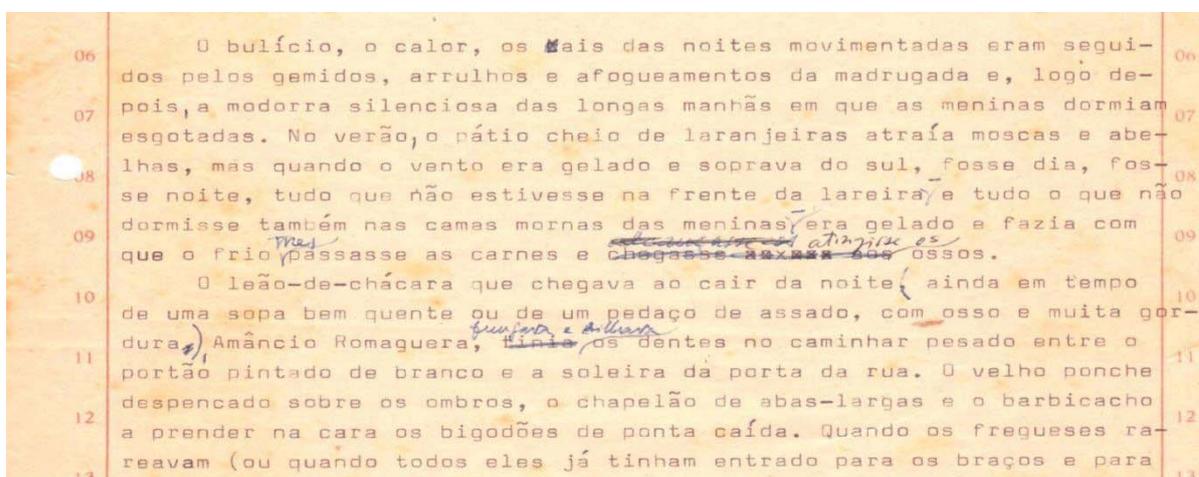


Figura 1 - Neste pré-texto de um romance verificamos que são poucas as alterações realizadas pelo escritor. As ratificações são raras.

Figura 2 - Elefante de Jade ALJOG 01c 000 95

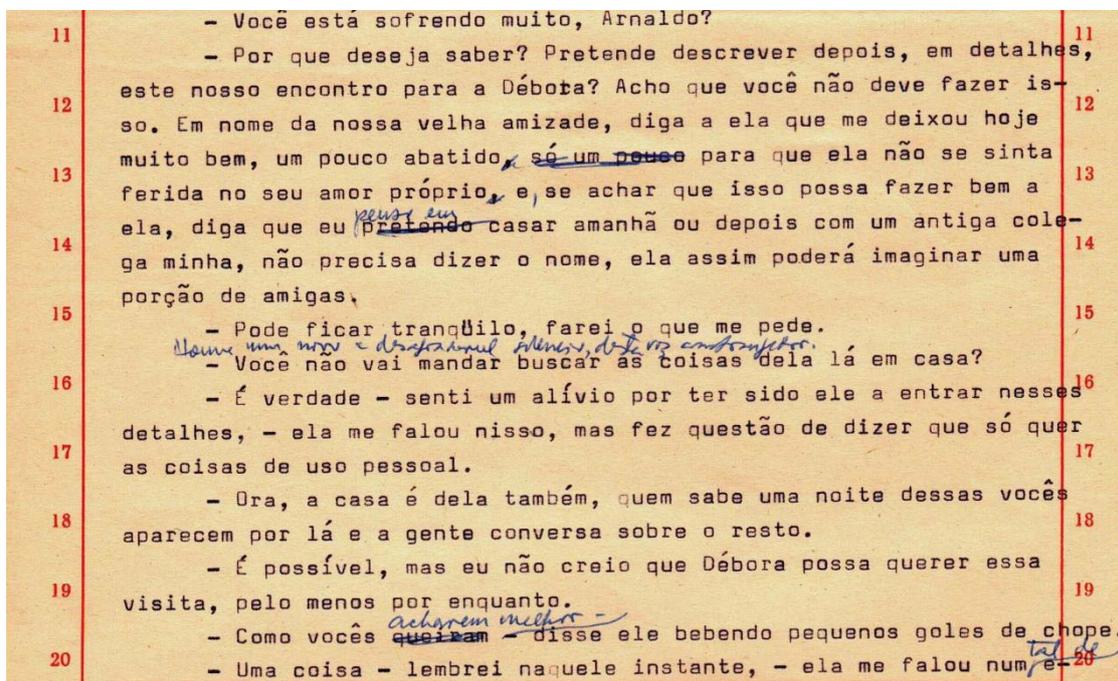


Figura 2 – Nesta imagem do conto destacamos os muitos acréscimos e ratificações realizadas por J. G.

Como pode ser constatada na Figura 1, a reescrita, feita com caneta esferográfica, quase que não existe, salvo algumas pequenas rasuras, mudanças feitas pelo autor. Essa é uma característica apresentada em grande parte dos originais dos romances de J. G.

Já na Figura 2, que reproduz a imagem de um pré-texto de um conto, visualizamos inúmeros acréscimos, mudanças de palavras, observando-se o cuidado e o trabalho com o texto, cortando e acrescentando o que é necessário, para se buscar o efeito desejado. Essa característica é vista igualmente em muitos outros originais de seus contos. Nesse sentido, levando-se em conta esta preocupação de Josué Guimarães no modo de contar a história, demos respaldo às palavras de Antonio Hohlfeldt (1988, p. 20), em sua obra *Conto Brasileiro Contemporâneo*:

Do contista requer-se, pois, entre outras coisas, imaginação e observação, experiência e persistência, mas sobretudo o contínuo corte no texto, a fim de alcançar o efeito final, objetivo básico do gênero, expresso simultaneamente no conteúdo e na forma adotada.

Há de fato, para se atingir determinado efeito, um cuidado maior na escrita dos contos. A escrita sintética do gênero, orgânica, uma, em dimensão menor, não deixa de se apresentar em um texto com profundidade. Nesse sentido, a reescrita feita por parte de J. G., as rasuras visíveis na Figura 2 nos comprovam esta ideia. A busca de efeito através da linguagem também parece visível, caso contrário o escritor não teria realizado os acréscimos. De acordo com Nádia Battella Gotlib (1995, p. 13), “Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta”. Por seu repertório e pelo modo de contar, Josué Guimarães se tornou um contista reconhecido não apenas no seu estado, mas também no seu país, apresentando, além da faceta de jornalista, a faceta de um contista.

E foi através dos contos que o jornalista, romancista, democrata, Josué Guimarães lançou-se na literatura. Isso se deve muito à sua companheira Nydia Guimarães, que o incentivou a enviar seus contos ao Concurso de contos do Paraná. Ela teve, desse modo, grande participação na sua carreira como escritor. Certamente, não foi só sua companheira até o final da vida, foi, também, sua leitora mais crítica e assídua.

Os contos de Josué Guimarães estão reunidos em seus três já citados livros, *Os ladrões*, *O cavalo cego* e *Gato no escuro*. Há também os publicados em jornais e alguns ainda inéditos. Os contos “O princípio e o fim”, “Mãos sujas de terra” e “João do Rosário”, que premiaram Josué em 1969, marcam não apenas o “princípio” de uma não tão extensa produção literária, mas de uma produção literária deste que é um dos mais importantes escritores da história de nosso estado.

A seguir, traçaremos alguns comentários sobre o primeiro livro do qual fizeram parte contos de J. G., a respeito de seus livros de contos e, na sequência, um resumo dos contos do autor presentes em tais livros, buscando apresentar relações entre os textos, no que se refere a alguns temas abordados. Nesse sentido, procuramos estabelecer *links* entre esses textos.

A obra *Nove do Sul* foi publicada em 1962, pela Editora Difusão de Cultura, em Porto Alegre; é um livro que reúne textos de alguns autores gaúchos, como Sérgio Jockyman, Carlos Stein, Candido de Campos, entre outros. Tal obra inclui a publicação de “Odete de Oliveira” e “A morte do Caudilho”, dois contos de Josué Guimarães que, na época, ainda não era apreciado como escritor literário, mas que tinha uma consolidada carreira como jornalista.

Os ladrões, publicado em janeiro de 1970, é o primeiro livro de contos de Josué Guimarães. A obra apresenta ilustrações de Poty e, como epígrafe, a cada conto, versos de Mário Quintana. Os contos apresentados são: “O Cristo Mutilado”, “Terra de ninguém”, “O elevador”, “A primeira noite”, “O beijo na boca”, “Os ladrões”, “O rio”, “O pequeno recruta”, “A ronda noturna”, “A morte do caudilho”, “Deus salve a rainha”, “João do Rosário”, “Mãos sujas de terra” e “O princípio e o fim”. Muitos dos textos presentes em tal obra compuseram posteriormente o livro *O cavalo cego*, e ainda alguns textos estão presentes na obra *O gato no escuro*.

O livro *O cavalo cego*, publicado em 1979, reúne os seguintes textos: “A visita”, “A travessia”, “Uma noite de chuva”, “O cavalo cego”, “O elevador” e “Renato, meu amor”. Nesses textos é apresentada uma característica marcante: o sobrenatural, que faz com que a obra se torne instigante aos olhos atentos de um leitor que procure histórias impossíveis, onde esse aspecto se torna evidente.

O gato no escuro, livro publicado inicialmente em 1982, apresenta treze contos, alguns publicados no livro *Os ladrões* e igualmente em *Nove do Sul*. Nesse sentido, ao tratarmos de cada conto em específico, traçaremos considerações a respeito dos contos “O gato no escuro”, “A doce luz verde”, “A morte da velha” e “O elefante de Jade”, inéditos até 1982. Na sequência, apresentamos de forma resumida os textos de J. G. da obra *Nove do Sul*, bem como os demais textos dos três livros de contos do autor, mencionados anteriormente. É necessário enfatizar que alguns dos textos que tratamos estabelecem relações temáticas.

“Odete de Oliveira” é também o nome da personagem principal deste texto em que Josué Guimarães conta a história de uma jovem que vive em um ambiente humilde, de pobreza, juntamente com sua família, em uma vila. O local é uma espécie de cortiço onde as pessoas passam grande parte do tempo “cuidando da vida dos outros”. Em um ambiente onde as jovens perdem-se com facilidade, numa vida obscura, os pais da moça tentam fazer com que ela siga, ao contrário das outras vizinhas, uma vida mais digna e de respeito, o que conseguem a muito custo. No entanto, a personagem principal conhece um jovem rapaz, honesto, chamado Oliveira, que pensa apenas em trabalhar, constituir família, encontrando uma futura esposa assim como Odete. De fato, os dois se conhecem e, cedendo ao desejo, antecipam aquilo que aconteceria apenas após o casamento. Por isso, resolvem logo unir-se, marcam a data para que ocorra em breve, e vivem alguns dias de muita alegria nos preparativos simples do casório. Entretanto, o rapaz é atropelado por um carro do exército, morre e deixa desconsolada a jovem noiva. Depois disso, ela segue o rumo da prostituição,

mas jamais esquecendo seu amor por Oliveira. Como homenagem, tem o nome do amado tatuado em seu corpo. É importante destacar que essa última temática é visível aos jovens que vivenciam ou estão expostos a essa realidade, não mais sendo vista como um tabu na sociedade atual.

A questão da prostituição, da sexualidade enfatizada acima, nos remete a um outro conto. Trata-se de “A primeira noite”, história que narra a tentativa do personagem João de perder a virgindade em um prostíbulo. O que se percebe ao desenrolar da narrativa é que o autor procura apresentar dois principais temas neste enredo. O primeiro deles diz respeito ao modo de vida nos locais de prostituição, a sujeira, o ambiente mal cheiroso, as doenças sexualmente transmissíveis, são o pano de fundo para abordar o tema. O segundo aspecto: a passagem para a vida adulta, a confirmação enquanto homem. Ao passo que o personagem se aproxima do que seria a sua primeira vez com uma mulher, suas memórias vão aflorando e a confusão em sua mente se instaura levando-o a desistir da relação sexual com a prostituta e sair já com náuseas motivadas pelo ambiente e pela mistura de sensações daquele lugar. É destaque o modo como J. G. tratou deste assunto que, como mencionamos em parágrafo anterior, foi e ainda é tido como tabu na sociedade. A diferença é que, nos dias atuais, tal tema está sendo tratado com uma maior naturalidade.

Alguns outros contos de J. G. tratam também da sexualidade, do erotismo, é o caso de “O pequeno recruta”, no qual a personagem principal é Agostinho, um jovem que está para ir servir na guerra e que se envolve com Celeste. Esta, por sua vez, é casada com o Cabo Heráclito Dorneles. É uma esposa infiel que vive se aproveitando das ausências do marido para traí-lo. A esposa é conhecida de muitos homens da redondeza e tem com Agostinho uma relação quente e forte. Os dois começaram a se encontrar em um local próximo da casa do Cabo, mesmo lugar onde a mulher costumava se encontrar com outros homens. Porém, certo dia o marido chega, pega o “casal” em flagrante e dá uma surra em sua mulher. Na manhã seguinte, o jovem Agostinho é obrigado a ir para a guerra.

Há também o texto “A ronda noturna” que apresenta uma reunião política ocorrida, de início, na casa do subprefeito de um distrito. Em tal reunião, estão presentes os principais representantes da sociedade na época: o subprefeito Agostini, o Doutor Salviano, um policial chamado Melcliades, além de um padre e de outros personagens secundários. A filha do subprefeito chama-se Biloca e, aos olhos dos visitantes, é uma moça muito atraente, porém recatada. O que acontece no desenrolar da história é que o soldado Melcliades, em uma ronda noturna no mesmo dia da reunião, encontra Biloca num momento de relação sexual com o

Doutor Salviano. Então, descobrindo que ela não é nem um pouco recatada, resolve ele também “se aproveitar da moça”.

Outros dois contos igualmente abordam questões eróticas como temática: “João do Rosário” e “A doce luz verde”. O primeiro, “João do Rosário”, é uma história que envolve um sacristão com o mesmo nome, alguns homens que frequentam um hotel, uma Cigana, um coroinha chamado Zica e uma trupe de artistas que chega a uma cidadezinha. Há também um vigário, Padre Zanela, que tem fama de conservador dos bons costumes e que pretende manter a “ordem” na sua paróquia. Todos os dias a Cigana dá seu show erótico em um quarto da hospedagem até que João descobre e faz com que se acabe a “festa” dos homens que a assistem, denuncia-os ao vigário. Não obstante, chega nesta cidade um grupo de teatro e as pessoas são atraídas pela curiosidade e pelo que se apresenta na trupe. O padre resolve tomar satisfação, julgando ser inadequada a presença dos artistas na localidade. O que ocorre em seguida é uma confusão em que o reverendo apanha do responsável pela companhia de teatro, mas como vingança faz com que o grupo se dissipe e vá embora de sua paróquia o mais rápido possível.

O segundo texto “A doce luz verde” apresenta, assim como alguns outros, uma mistura de alucinação e erotismo, além de tratar do tema miséria. Neste enredo, a personagem principal é Marinalva Tibiriçá, uma espécie de seguidora de um grupo religioso. Com a Bíblia a personagem atrai muitos seguidores, vive uma vida de pobreza e miséria, além de manter atividades sexuais com os homens que dela se aproximam. Ela teve um filho, ao qual deu o nome de Jesus. Um dia Marinalva se suicidou, atirando-se ao mar e deixando o filho sozinho. É de se observar que as condições de miséria vivenciadas pela personagem principal, bem como o fanatismo que ela apresenta, mostram também uma realidade em que, algumas vezes, se confunde a defesa de valores morais com a imoralidade, e a fé com a licenciosidade.

O autoritarismo e a violência são evidenciados também em alguns dos textos de J. G., é o caso de “A morte do caudilho”, publicado na antologia *Nove do Sul*. A história se passa em uma cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, por sinal a cidade onde nasceu Josué Guimarães. Tal cidade é dominada politicamente por um Coronel chamado Nico Raimundo que, durante as eleições, domina também a votação através do chamado “voto de cabresto”¹⁹. No entanto, perante todos, o Coronel “colocava seus homens armados apenas para manter a ordem durante as eleições”. Neste conto, o autor apresenta mais uma vez uma leitura do que

¹⁹ Voto de cabresto é um controle de poder, através da compra de voto ou abuso de autoridade, em que as pessoas são obrigadas a votar em determinado candidato.

era fato, realidade, em muitas das pequenas cidades. Por meio de seus homens, tal coronel mantém o controle das eleições no local da urna de votação e usa artimanhas, táticas, até mesmo para intimidar um juiz eleitoral que vem da capital, justamente para conferir o andamento do processo eleitoral, o que consegue com êxito. No entanto, após a eleição, Nico descobre que seu domínio está em perigo, pois um grupo de “federais” pretende buscar o material referente aos resultados obtidos nas urnas. Assim, em meio a um preparo estratégico de seus capangas, o personagem principal passa mal, visto também já ter certa idade, e morre de morte natural. Isso provoca uma imensa tristeza em seus homens que o tratam como um herói e pedem pra que seja anunciado que o comandante morreu lutando contra uma tropa inimiga.

“O Cristo mutilado” narra a história de um fugitivo que é misteriosamente assassinado na rua. Inicialmente ninguém conhece o homem, assim como não sabem como ele foi morto. O que se percebe no decorrer da história é que se tenta achar culpados para o crime. Assim, o delegado responsável por desvendar o acontecido manda prender todos que estavam ou apareciam por perto do cadáver. Mesmo que as pessoas não estivessem nem no local no momento do ocorrido, são presas e quase obrigadas a confessar que tinham sido elas as autoras de tal delito. De fato, no dia seguinte, essas mesmas pessoas vão sendo soltas e os policiais buscam, então, encontrar outros culpados que, por sua vez, também não tinham nada a ver com o acontecido. O texto evidencia a questão do autoritarismo e da agressão, também trabalhados por J. G. no conto referido anteriormente.

“Terra de ninguém” é o segundo texto apresentado por J. G. na sua primeira obra literária e pode-se dizer que é um texto que nos remete muito ao lirismo presente na prosa do autor. Nesse sentido, conta a história de um soldadinho, do qual não se sabe o nome nem a origem, mas que foi morto em um combate e abandonado pelos seus companheiros, que fugiram do local em debandada.

Ao citar que Josué Guimarães também apresentava lirismo em alguns de seus textos, podemos ligar o texto acima mencionado ao conto “O rio”. Nesse texto, o enredo é marcado pela presença de personagens como Aparício, que é casado com Lenita, de um negro chamado Donga e de Mauro, um engenheiro que se envolve com Lenita em uma história de amor. O local onde se passa a história faz parte da construção de uma estrada. O personagem Aparício, que tem com Lenita alguns filhos e estão esperando outro, pede a Donga dinheiro emprestado e demora a devolver o empréstimo. O que acontece é que comete assassinato a quem devia e some sem deixar pistas. Lenita, por sua vez, tem um caso com o engenheiro e se joga em um

rio, próximo ao local onde costumava se encontrar com o amante. Então, ao fim do texto, o corpo de Lenita é encontrado junto ao corpo de Aparício, morto em um local distante, mas neste mesmo rio.

A questão da morte, vinculada aos abusos da força e ao descontrole passional, que aparece, de certa forma, no enredo do conto abordado acima, é trabalhada em muitos outros contos. Desse modo, essa temática aparece em “O beijo na boca”, que narra o conflito entre dois meninos, Vicente e Deco. O primeiro e mais novo sofre com a maldade do segundo. Nesse conto, J. G. evidencia uma ironia do destino através da história dos personagens, na qual um deles tem um final trágico por conta da ingenuidade e despreensão do outro. Vicente estava brincando no momento em que o inimigo Deco apareceu e o humilhou, o maltratou beijando-o na boca e cuspidando na sua cara. Após maltratar e surrar o menor, Deco foge e vai brincar numa antiga construção que há atrás de uma igreja. No momento ninguém aparece por lá. Então, Vicente vai atrás dele e, ao vê-lo brincando sobre escombros da antiga construção, resolve empurrar um caibro que, de acordo com o seu pensamento cairia próximo ao outro, que sofreria um grande susto. Foi o que fez, e em seguida correu assustado para casa. Quando acordou, no dia seguinte Vicente soube, pela mãe, que Deco havia morrido, uma fatalidade, ninguém sabia como o menino havia “se acidentado”, apenas o encontraram sem vida na antiga construção.

Em “Mãos sujas de terra”, além da morte, há uma grande reflexão sobre um problema da sociedade brasileira. Nesse conto, também são abordadas a miséria e as noções difusas de propriedade, em específico no meio rural. Nele há um narrador protagonista, chamado Pedro Morais de Oliveira, casado com Rosa Conceição, pai de quatorze filhos, que sobrevive humildemente da agricultura e tem uma vida de muito trabalho e humildade. O personagem Pedro trabalha em uma área de terra que não era sua, mas da qual ele se apropriou, de cerca de meio hectare. É deste pedaço de chão que o homem tira recursos necessários para manter sua família. E assim como ele, outros vizinhos vivem nesta mesma situação. Então, acontece que um latifundiário chamado Eduardo Borman compra uma propriedade na localidade e diz serem dele os pedaços de terra que João e seus vizinhos utilizam para a sobrevivência. Por isso, querendo desapropriar as pequenas áreas, ele, o suposto “dono”, se utiliza de todos os meios para colocar todos aqueles agricultores na estrada. O que acontece é que o personagem João e os demais decidem assassinar o latifundiário. No entanto, o personagem narrador, não querendo que os outros seus vizinhos tenham que passar por tal sujeição, assume, ele mesmo, a tarefa de matar o homem. A luta muitas vezes desumana e as desigualdades sociais, como as

questões agrárias, a má divisão de terras, onde alguns sobrevivem em pequenas e outros e enormes e muitas vezes improdutivas propriedades, estão, de forma explícita, evidenciadas no conto.

Josué Guimarães tratou da miséria e dos procedimentos autoritários do poder através do texto “Deus salve a rainha”. O enredo gira em torno de um acontecimento excepcional, a visita da Rainha ao Brasil. Para que isso ocorra da forma como os dirigentes nacionais querem, algo é feito em relação aos mendigos que ocupam as escadarias da Cinelândia para pedir esmolas. A primeira ação dos policiais é tentar limpar o local e, para isso, devem tirar tais mendigos dali. O que acontece ao final é que alguns desses mendigos conseguem se refugiar em um local a salvo dos guardas e podem presenciar de longe a passagem da soberana. A miséria e o descaso social ficam mais uma vez evidentes na escrita apresentada por Josué. Todo o enredo gira em torno da tentativa de esconder a miséria, justamente uma ação contrária ao que busca a literatura de J. G., que pretendia, através de sua escrita, expor os inúmeros problemas da sociedade.

“O princípio e o fim” é o último conto apresentado na obra *Os ladrões*. Ao ler tal texto, o leitor se depara com uma narrativa sobre a vida no interior, na colônia, onde a presença de italianos, com sua religiosidade, trabalho nos parreirais e crenças eram e ainda são constantes. O Padre Carapela, personagem principal, se locomove até a casa dos colonos e também vai à igreja do povoado, utilizando como meio de transporte uma mula, tão comum no passado. O título é certamente usado por tratar da morte e do batismo de dois personagens: a morte de um colono chamado Luigi Gasparoto, que sofreu um acidente com uma gadanha, atorando seu pé, e o batismo de um menino chamado Nicola. A morte e o nascimento, bem como o trabalho, são a peça fundamental deste texto, onde as temáticas tecem uma espécie de ciclo apresentando o caminho percorrido pelo ser humano.

Assim como em alguns dos contos anteriores, em “Renato meu amor” e “A morte da velha”, J. G. trata da morte. No primeiro caso, “Renato, meu amor”, narra uma história que foge à regra do texto anterior. Aqui, Renato, um menino de oito anos, vive com sua avó, Donana, que já está bastante idosa, mas que faz de tudo mesmo na simplicidade de seus dias para que o “Renatinho” tenha uma vida mais digna. Eles convivem em uma modesta casa, apenas os dois, visto que o menino é órfão de pai e mãe. O neto e uma prima chamada Cidinha são os únicos parentes vivos e próximos da velha senhora. Com o passar do tempo, a avó fica doente e torna-se cada vez mais preocupada com a segurança do menino que, sem ela, ficaria praticamente sozinho no mundo. Então, a avó resolve pedir à prima que após sua

morte tome conta do menino, em troca de deixar os poucos bens que lhe pertenciam. É inusitado que a senhora acaba cada vez mais doente e descobre, em um dia de grande enfermidade, entre os objetos pessoais do netinho, um frasco com um pó inodoro e incolor. Isso a deixa muito assustada, ela resolve pegar tal frasco e esconder. E aí já começa, mesmo contra sua real vontade, a desconfiar do neto. Alguns dias depois, a avó morre. Então, como já estava previsto, a prima vem morar com o menino. O mesmo fato acontece com tal prima mais adiante, apresenta os mesmos sintomas que Donana apresentava antes de falecer e vê, em meio a sua morte, o menino em sua frente com um aspecto de ódio, um quase sorriso e com um frasquinho entre as mãos.

No segundo caso, “A morte da velha” conta a história de uma senhora doente que passa os últimos dias de sua vida na cama e tem tempo, enfim, de lembrar os momentos passados de sua vida. Assim, a personagem vislumbra o tempo em que o marido chegava a casa, após um dia inteiro fora. Ao chegar, o esposo sempre pegava o filho no colo, brincava com ele, num momento de extrema felicidade. E lembra também a data em que voltou para casa apenas o meio de transporte do marido, um cavalo branco e que depois alguém trouxe o corpo morto de seu esposo. Naquele acontecimento o filho, silencioso, não verteu uma lágrima sequer e manteve-se sempre calado, característica que o acompanhou para sempre, mesmo após um infeliz casamento. As lembranças da velha são como um filme, em que o tempo vai passando e as memórias vão ressurgindo. Assim, a personagem passa seus últimos dias de vida. O assunto morte, abordado por J. G. neste texto, é comum a algumas outras obras do autor, como é o caso da novela *Enquanto a noite não chega*.

O texto “Os ladrões” apresenta a história de um vigia chamado João. Este personagem é responsável pela segurança de um prédio em construção e durante a noite passa a ter a sensação de que ladrões estariam invadindo o local para roubar materiais de construção. Em todos os finais do dia, ele refaz um percurso de inspeção e revê cada local que deve zelar. Além dele, os ratos são seres que habitam tal local. O que fica evidente é que, pela intenção de proteger muito a construção, o personagem começa a imaginar ruídos e, por isso, ouve sons de pessoas que supostamente realizam roubos no local. Também se vê, nos seus delírios, em meio a diálogos com o chefe tentando explicar que nada, nenhum material havia sido roubado. As alucinações, vivenciadas por João, podem também ser percebidas no conto a ser apresentado a seguir.

“O elevador” tem como personagem principal João, um homem que vive momentos de delírio por medo de ficar fechado no elevador do prédio onde mora e, por conta disso, por sua

fobia, vive momentos de pânico cada vez que tem de utilizar a cabine deste elevador. Ele leva em consideração tudo que escuta no prédio a respeito dos problemas que tal elevador apresenta, por conta de seu tempo de uso e, por isso mesmo, tenta cobrar do síndico, um coronel de cavalaria reformado, que vive a encher de ordenações e tenta manter o referido prédio na mais perfeita ordem.

Em “*O elefante de Jade*” é apresentada ao leitor a história de Arnaldo, Débora e um amigo do casal. A personagem Arnaldo trata a traição que sofreu por parte da esposa e de tal amigo com muita civilidade. O enredo se passa em um bar, onde se encontram propositalmente Arnaldo e o amigo e colega de muito tempo, o qual passou a ter um relacionamento com Débora que, na noite anterior, deixa do primeiro e passa a viver com o segundo. A conversa gira em torno do divórcio e de questões pessoais da vida dos três. O título do texto provém do fato de que Débora fala ao novo companheiro para que ele procure pedir ao ex-marido que lhe envie um elefante de Jade, objeto adquirido num bistrô em Paris, quando o casal inicial comemorara o primeiro ano de casamento. É interessante observar, ainda que, assim como em *Um corpo estranho entre nós*, texto dramático também escrito por Josué Guimarães, há neste enredo a presença de um triângulo amoroso. O modo como a história é narrada se torna bem humorada pelo fato de ambos, marido e amante, tratarem o assunto com grande civilidade.

O sobrenatural está presente em alguns contos de J. G. É o caso de “O gato no escuro”, que apresenta a história de um homem que vivia alucinado com a presença de um gato que lhe aparecia somente à noite e que durante o dia jamais era encontrado. Numa mistura de alucinações e verdades vivenciadas pelo personagem, o leitor deste texto fica num primeiro momento na dúvida quanto à existência ou não de tal animal. No entanto, a presença se confirma pelo fato de que o personagem finda por matar o gato no final da história embora que, ainda assim, a “presença” do animal o persegue ao longo das noites.

Já em “A visita” o enredo gira em torno da história do narrador-personagem que havia perdido sua esposa, Heloisa, há algum tempo e que recebe, certo dia, “a visita” de sua amada. Com o desenrolar dos acontecimentos, percebe-se que Heloisa havia falecido há anos e que a vida do então narrador personagem havia se modificado muito após a partida da esposa. Na “visita”, no entanto, ela aparece como tal, bem vestida, com sua costureira “bolsa de camurça azul”. Após um diálogo em que procura saber dos dias vividos pelo marido, a falecida deixa a tal bolsa de camurça sobre uma mesa empoeirada e pede emprestados seis volumes de uma coleção de livros ao esposo. Então, o que se segue é que ela resolve ir

embora e não dá a ele tempo de se despedir direito. O viúvo, por sua vez, corre atrás da esposa, mas ao tentar segui-la, abrindo a porta dos fundos da casa, acorda e de sobressalto percebe que foi apenas um sonho. No escritório, local onde, no sonho, aconteceu o encontro entre ambos, aterrorizado, visualiza vazio o espaço onde se encontravam os seis volumes de livros. Ainda, para sua maior surpresa, percebe sobre a mesa a marca “inconfundível” da bolsa de sua mulher.

Outro texto que trata da morte de uma personagem feminina e que se assemelha em algumas características com o conto “A visita” é “Uma noite de chuva”, que narra também uma história sobrenatural. Nela, Vinicius, um dos personagens principais, está à espera de sua esposa Helga que, segundo a empregada da casa foi ao mercado e ainda não havia voltado. No entanto, a esposa começa a se demorar. Depois de muito tempo de espera, Vinicius recebe um telefonema anônimo informando que uma mulher sofrera um acidente próximo ao supermercado e que, pelo que tudo indicava, era sua esposa. Então o marido vai encontrar a esposa que supostamente estaria, quem sabe, morta. Quando ele vai se aproximando do acidente fica apavorado, pois o carro é exatamente o de sua mulher. Antes de chegar bem próximo ao local a esposa vem ao seu encontro, ela está bem, embora toda molhada, pois, de acordo com as suas palavras, teve de deixar o carro no estacionamento do supermercado, visto que não teria como passar naquele momento pelo local do acidente. Ao chegar em casa, Helga pede ao marido que a deixe descer do carro enquanto ele entra na garagem, pois ela iria tomar um banho. O marido entra na residência, não encontra a esposa em lugar algum, começa a chamar por ela, logo seus amigos mais próximos vão chegando e passam a lhe aplicar uma injeção. Após isso, todos pensam nos preparativos do sepultamento de Helga.

A questão da violência, além do sobrenatural, é abordada também em outros dois contos. “A travessia” apresenta um enredo em que uma tropa de soldados está próxima a um rio, no caso o rio Ibicui, e são esses soldados comandados por um velho coronel, que realizou muitas atrocidades ao longo de suas batalhas, cometeu muitos crimes e teve a maldade como sua companheira, pois esse mesmo comandante ordenou que os seus soldados deveriam atravessar tal rio a fim de fugir de tropas inimigas, em uma travessia que faria com que se perdessem muitos soldados. Durante os preparativos para a passagem, alguns dos bons soldados que ali estavam começaram a lembrar das atrocidades cometidas pelo velho coronel. Entre elas o caso de uma família que foi, a mando dele, trucidada, sendo morto um rapaz, chamado Domingos Lavrador. Após a realização da travessia, o velho chefe, juntamente com alguns de seus comandantes e soldados conseguem se salvar. Então, depois

de muito andarem, descansam em uma fazenda “abandonada”. O que se passa a seguir é que todos vão sendo, durante a noite, misteriosamente assassinados e então, quando o último soldado morre praticamente na frente do coronel, entra na casa calmamente um homem que não era soldado conhecido do velho. Ao ser questionado pelo velho coronel sobre quem seria ele, o jovem rapaz responde que o maldoso coronel devia lembrar-se do nome dele: Domingos Lavrador.

“O cavalo cego” é o conto sobre o qual nos deteremos de forma mais aprofundada de forma a analisá-lo ainda neste capítulo, visto que esse é de suma importância para a realização de nossa pesquisa. É preciso, mesmo assim, apresentar aqui uma breve descrição do conto que nos levou a descobrir através de análises feitas, uma grande preocupação do seu criador Josué Guimarães.

A história se passa numa fazenda, no Rio Grande do Sul, e tem como principais personagens principais um fazendeiro, chamado Clarimundo Vasconcelos, já bastante idoso e um jovem jornalista. O ano é 1945. Durante uma visita que recebe em sua fazenda, Clarimundo, velho representante das elites agrárias, conta ao personagem-narrador e visitante uma história sobrenatural que, como percebemos e explicaremos detalhadamente mais adiante, busca apresentar na realidade uma releitura de parte da história oficial do Rio Grande do Sul, tendo como “pano de fundo” a figura de um cavalo cego. Tal história apresentada pelo velho narra um acontecimento presenciado por ele e jamais esquecido. O que contou foi que, tinha um compadre, grande amigo, que morava numa fazenda distante e que, todos os anos, no aniversário deste tal compadre, costumava visitá-lo.

Numa oportunidade, a personagem Clarimundo levava consigo alguns de seus peões. E ao chegarem à fazenda, de noite, logo estranharam o fato de que havia um silêncio no local, além do que, e isso não era comum, estava tudo escuro, sem ao menos um lampião aceso. Sob a atenção de seu interlocutor, o velho descreve cenas de atrocidades presenciadas por ele e por seus empregados. De fato, a família do amigo havia sido barbaramente assassinada. O modo cruel com que cada um dos integrantes de tal família foi morto, fez com que o fazendeiro Clarimundo sentisse um ódio e uma vontade de vingança indescritíveis.

O que chama atenção, e que serve de referência a um leitor habilidoso, é a descrição de que as fotos da família, expostas na sala, haviam também sido atacadas e que os olhos especialmente haviam sido furados. Observa-se então, em uma leitura atenta, uma “pista” a ser levada em consideração desde as cenas que seguem descritas até o final do texto. O que

aconteceu a seguir foi que Clarimundo e os seus decidiram enterrar os falecidos e procurar os assassinos.

Após muito cavalgarem, encontram um cavalo de forma exuberante, por eles jamais visto, que os deixa aproximarem-se e que, após analisado, eles descobrem se tratar de um cavalo cego. Também, neste momento, eles encontram os restos mortais do que pareciam ser os assassinos. Então, mesmo no escuro, percebem mais alguns cavalos, tão lindos como o que tiveram contato e, de repente, não visualizaram mais os restos dos bandidos, nem de nada. Porém, aquele cavalo de feição fantasmagórica o seguiu e jamais abandonou seus campos, aparecendo, no entanto, apenas à noite e jamais sendo visto à luz do dia.

Já muito tarde da noite o interlocutor se despede do personagem Clarimundo para ir embora e então percebe a presença do cavalo bem próximo a ele, na frente da casa. Apavorado, constata que a história que ouviu era mesmo verdadeira, nunca viu cavalo mais lindo e ao se aproximar percebeu que o cavalo era realmente cego.

Ao longo da leitura dos textos curtos de Josué Guimarães, comprovamos a frequência dos seguintes temas: morte, sexualismo, miséria, velhice, amor, criminalidade, guerra, fanatismo, política e sobrenatural. Sobre os contos do escritor, é importante observar as palavras de Gilda Neves da Silva Bittencourt, (1999, p. 126-127):

Assim sendo, as narrativas curtas de Josué Guimarães, embora mantenham as linhas gerais do modelo real-naturalista que orientou a ficção regionalista tradicional, introduzem algumas modificações que alteram o modelo vigente no início do século. Fica evidente a preocupação em focalizar a decadência das oligarquias rurais, com seus desmandos e autoritarismo. Desmistificando as qualidades identificadas com o gaúcho tradicional, como a valentia, a honestidade e a dignidade, o autor desfaz alguns mitos da gauchesca e mostra os estereótipos de uma classe que deteve o poder ao longo da maior parte da história do Rio Grande do Sul, como já havia feito anteriormente Érico Veríssimo em seus romances.

Desse modo, fica clara a ampla abordagem por parte de J. G. ao tratar de temas comuns à sociedade nas mais variadas épocas, mas sob uma mesma circunstância na qual o indivíduo está permanentemente à mercê de uma força incompreensível ou incontrolável, seja ela de uma dominância política, seja ela de um estatuto existencial, vinculado a um destino, a um fado destruidor e inevitável. A morte é um tema que está presente em muitos dos contos acima citados. Também o sobrenatural é um recurso utilizado por J. G. para falar sobre os

problemas sociais existentes. Na próxima seção, de nosso trabalho, apresentamos em especial um processo de escrita do autor, no qual confirmamos sua preocupação em trabalhar alguns destes temas tão comuns aos seres humanos. A preocupação em contar uma história, através do citado sobrenatural, mostrando uma realidade histórica muitas vezes oculta, é constante ao longo da escrita de “O cavalo cego”. É sobre o processo de criação deste conto que trataremos a seguir.

3.3 O processo criativo de Josué Guimarães, o caso de “O cavalo cego”

O conto “O cavalo cego” é uma revisão de parte da história do Rio Grande do Sul. Nesse texto, o autor se utiliza do diálogo entre duas pessoas para retomar e contar a história das brutalidades ocorridas no passado, na época das revoluções. Esta ação de J. G. no processo de transformação de um pequeno texto, inicialmente de somente três páginas, só foi possível por meio das atividades de reescrita feitas por parte do escritor. A importância deste conto, bem como de seus prototextos foi fundamental, pois, sem tais materiais, não seria possível nosso trabalho de investigação sobre sua produção de contos. Nesse sentido, o processo de escrita e reescrita contribuiu sobremaneira no momento da mediação leitora, que se realizou com um grupo de educandos, e sobre a qual tratamos tanto no próximo capítulo, quanto no capítulo final de nosso trabalho. Através do prototexto²⁰ é possível observar e analisar como se dá o processo de criação realizado pelo autor, evidenciando a importância da revisão do seu trabalho e qual efeito tal revisão produziu. Para tanto, buscou-se investigar o modo como Josué contou uma parte da história do Rio Grande do Sul, fazendo-se uma análise comparativa entre o texto definitivo do conto e os originais antecedentes da obra, organizados e classificados no ALJOG.

Na busca pelos originais, percebendo que há três versões diferenciadas do mesmo conto, o que se fez foi observar nesses originais os inúmeros acréscimos feitos pelo escritor no ato da reescrita. As mudanças encontradas no prototexto orientam a leitura do conto a uma interpretação mais detalhada da História oficial, revisando o discurso dominante para a ordem de uma releitura da história do Rio Grande do Sul, na qual a violência supera o heroísmo, a

²⁰ Prototexto é a organização de um ou mais originais de uma mesma obra literária.

política se sobrepõe à ética épica das batalhas e o irracional excede a racionalidade civilizatória.

As constatações comprovam que a primeira versão do conto apresenta apenas três páginas, como pode se observar na Figura 3. Já as outras duas versões, apresentadas nas Figuras 4 e 5, e que são muito parecidas com o texto publicado apresentam 18 páginas. A seguir, apresentamos as imagens que ilustram nosso trabalho de comparação.

Figura 3 -1ª versão do conto *O cavalo cego* ALJOG 01c 0016

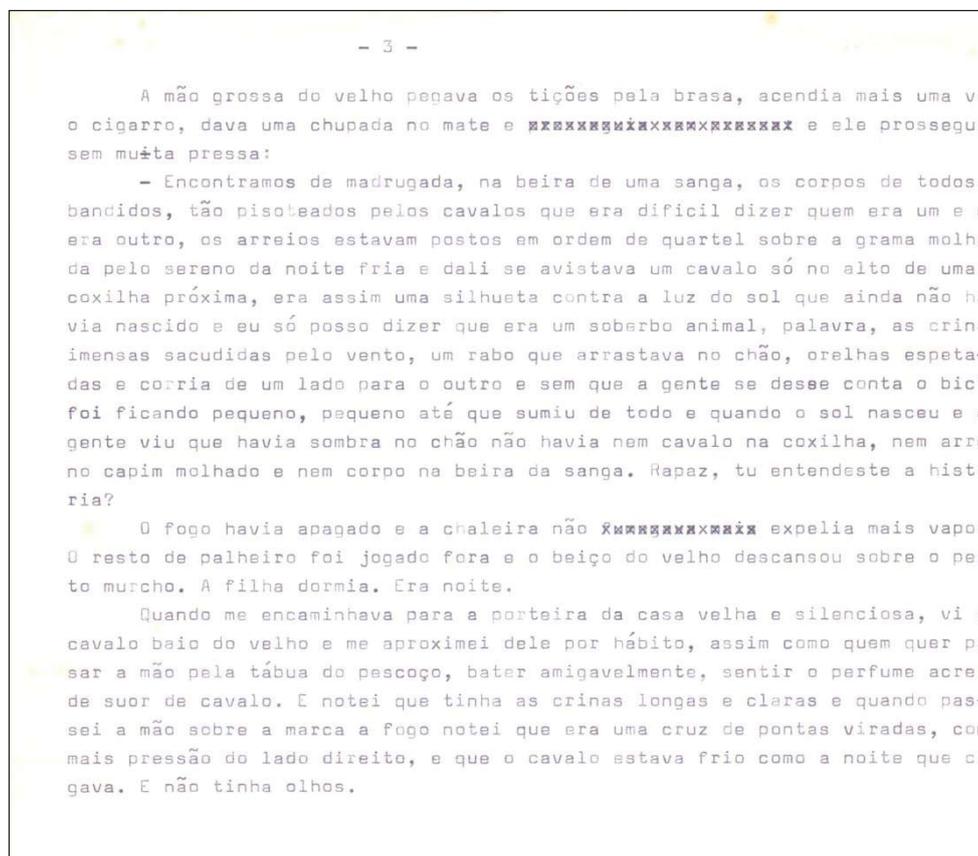


Figura 3 - Este é o final da primeira versão do conto escrito por J. G. Observe, na parte superior da lauda, o número 3 indicando a quantidade de páginas.

Nesta primeira versão, como já citado anteriormente, o conto apresenta somente três páginas nas quais o escritor e jornalista gaúcho apenas conta a história narrada pelo personagem Clarimundo Vasconcelos, sem dar muito destaque ao sobrenatural e às questões

sociais da época retratada em seu texto, como costumava fazer ao longo da escrita de sua obra. A leitura destas três páginas não se torna, de certo modo, atraente se comparada à leitura da próxima versão e da versão final, nas quais há um acréscimo de quinze páginas. Na sequência, apresentamos as duas últimas versões do conto “O cavalo cego”.

Figura 4 - 2ª versão do conto *O cavalo cego* ALJOG 01c 0015

FOLHA DE S. PAULO - 18 -

NOME: _____ MATÉRIA: _____ LAUDA: _____

1234567890 1234567890 1234567890 1234567890 1234567890 1234567890 123456789

1 2 3 4 5 6

01 nação, se isto tudo aconteceu de verdade ou se foi apenas o meu ódio 01
sem limites ^{de} massacre daquela família.

02 O fogo havia apagado e a chaleira não expelia mais vapor e 02
o velho e cansado coronel parecia dormir agora na sua cadeira de pa- 02
lha. Mantinha o queixo apoiado sobre o peito murcho, a filha dormia lá 03
dentro e o silêncio ^{de} fora permanecia imutável. Puxei o relógio e me 03
assustei. ^{Corta de muitas horas} Precisava me despedir, entrar no carro e sair es- 04
trada a fora, primeiro porque sabia que me esperavam, nervosos, por cau- 04
sa do golpe iminente contra Getúlio, e depois porque necessitava me a 05
fastar o mais depressa possível daquele velho que agora dormia curva- 05
do sobre si mesmo, imerso nos seus fantasmas. 06

06 Decidi sair sem me despedir. Ele dormiria um pouco mais e 06
compreenderia os meus motivos para ir embora. Diminuí a chama do lam- 07
pião, abri a porta sem ruído e preparei-me para sair. 07

08 - Boa noite - disse ele sem voltar a cabeça, - espero que 08
faça boa viagem. ^{Boa noite, emul, até mais ver.}

09 Saí, puxei a porta e enfrentei a noite fria, procurando en- 09
contrar o rumo da porteira onde havia deixado o carro. Foi quando vi 09
um extraordinário cavalo de cabeça esculpida por mão de artista, longas 10
crinas claras, cauda espessa a roçar a grama molhada pelo sereno da 10
madrugada, rijas pernas, ancas roliças, indócil a escarvar o chão de 11
terra batida, narinas ~~xxxxxxx~~ expelindo vapor e orelhas retas para o 11
alto. atento e nervoso. 12

12 Cheguei-me o que pude, levei a mão vagarosamente para bater 12
na tábua do pescoço, senti o cheiro acre e gostoso do suor e de reper- 13
te vi-me aterrorizado com a descoberto inesperada: o animal não tinha 13
olhos. Sentindo um leve tremor nas mãos caminhei com os dedos até a 14
anca ~~xxxxx~~ vigorosa e examinei a marca a fogo, uma cruz de pontas vi- 14
radas com a perna inferior com sinal de ~~fogo~~ ^{excesso de} fogo. 15

15 Olhei ainda para a casa, atravessei a porteira e arranquei 15
sem sequer acender os faróis, ~~acostado com aquele fogo~~ ^o cavalo, de 16
crinas ao vento, ~~que~~ corria a meu lado, disputando uma carreira sem fim, 16
a bela cabeça cega empinada pelo esforço, narinas frementes, até que 17
perdi o som de suas patas na estrada, ^{no meio da fumaça e da jorrar}
^{claridade do dia que se amenizava.} 17

18 18
19 19
20 20

RECOMENDAÇÕES: - 1) Escrever à máquina, em 5 espaços, bem em frente ao número das linhas e sem transpor os limites do retângulo. 2) Preencher os espaços do cabeçalho da lauda e acrescentar um X (ou) à última delas, após a numeração. 3) Princípios de parágrafos e 5 espaços da margem esquerda e cancelar todos eles, sempre que possível, na mesma lauda em que foram iniciadas. 4) Evitar frase de mais de 5 linhas. 5) Em cada lauda, no mínimo 4 e no máximo 8 parágrafos e no máximo 2 intertítulos. 6) Evitar o conteúdo antes da entrada. 7) A máxima altura nas emendas.

Figura 4 – Esta é a segunda versão do conto, apresenta uma mudança significativa no número de páginas, que agora são 18.

Figura 5 - Última versão do conto *O cavalo cego* ALJOG 01c 0014

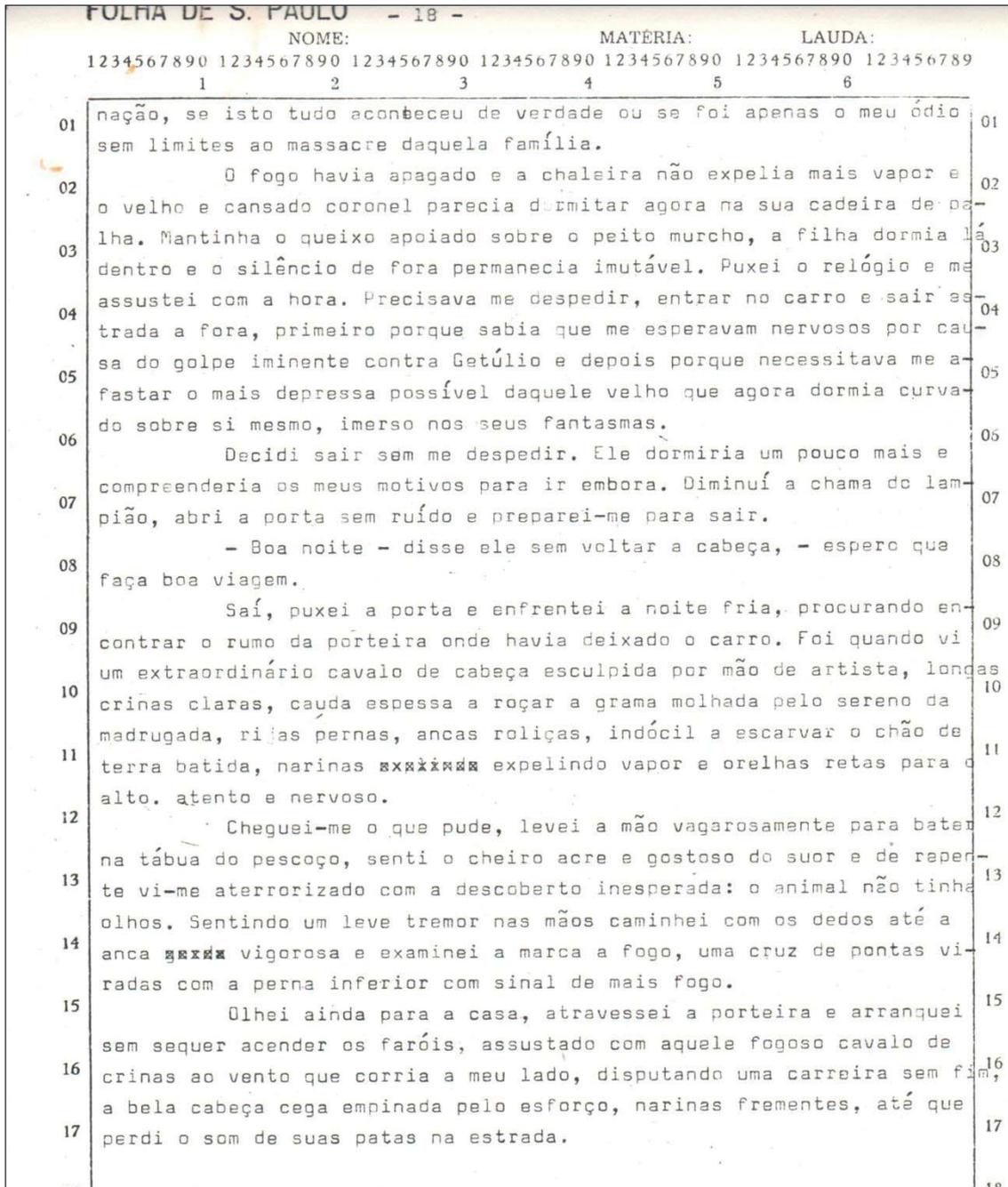


Figura 5 – Nesta imagem, assim como na anterior, visualizamos também 18 páginas, e esta é a última versão do conto “O cavalo cego”.

O que ocorre nestas duas últimas versões, no entanto, é um grande acréscimo no enredo, justamente com o cuidado de dar atenção às histórias de violência e ao sobrenatural, que antes já haviam sido abordadas, mas de modo bastante sucinto. E fica claro, após uma primeira comparação, que Josué se utilizou de seu texto para mostrar as barbaridades muitas vezes ocorridas nos mais diversos recantos do estado, quando muitas famílias foram destruídas. Muitos homens inocentes perderam suas vidas de forma brutal e covarde, durante revoltas e revoluções, como exemplo a Revolução Federalista de 1893, que deixou um saldo de mais de 10 mil mortos, ou a Revolução de 1923, bem menos cruel que essa primeira, mas que, de acordo com a obra *História do Rio Grande do Sul* (2002), da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, deixaram marcas de violência em todo o Estado. Tal violência foi enfatizada no ato da reescrita literária. Se o escritor publicasse apenas as três páginas iniciais, talvez o texto não apresentasse tanta relevância. Já, com a versão definitiva, fica evidente que o contista faz uma grande apresentação da violência vivida pelo povo gaúcho, relatando a forma como a família amiga do personagem Clarimundo Vasconcelos foi assassinada. E também dando ênfase a esse aspecto, reafirma sua pretensão de tratar do sobrenatural no texto.

É importante destacar outro fragmento de “O cavalo cego”, que explicita a violência recontada por Josué através de sua escrita. No excerto abaixo, que faz parte do conto de J. G., (2007, p. 94), há a fala do personagem Clarimundo contando a seu interlocutor o ocorrido com a família de um fazendeiro amigo seu, a qual foi brutalmente dizimada:

Eu sabia que tudo não passava de ódio entre maragatos e chimangos, coisa comum naqueles tempos, mas não compreendia um ódio assim que atingia a mulher e os filhos, os bichos de pena e de pelo, sim, porque os passarinhos de gaiola tinham sido estripados. Os retratos da sala e do quarto tinham sido furados a faca e os furos escolhiam os olhos, num maldito requinte que jamais eu soube explicar, nem hoje encontro explicação.

É interessante observar no trecho acima citado a forma como foram mortos tais personagens. A violência apresentada no fragmento, através da fala do personagem, bem como a sua visão sobre a realidade da qual fez parte é apenas uma amostra ilustrativa do que

realmente ocorreu nos pampas sulinos. A respeito desta realidade, demos ênfase novamente às palavras de Bittencourt (1999, p. 126):

(...) o velho coronel chega ao fim de sua vida com uma visão crítica quanto a tudo que presenciou e acumulou em termos de experiência, percebendo, com muita lucidez, as injustiças e maldades das elites dirigentes contra os menos afortunados. Pelas suas palavras, revelam-se também as desigualdades reinantes no seio das tropas revolucionárias, desmistificando, com isso, a falácia da “democracia rural”, apregoadá na gauchesca tradicional, que sugería haver igualdade (de interesses, de indumentária, de hábitos) entre patrões e empregados ou entre chefes e subordinados.

Se Josué tinha por objetivo transformar seu conto e torná-lo mais significativo aos olhos dos leitores, possibilitando sua visão a respeito dos fatos vivenciados pelo povo gaúcho nas revoluções, acreditamos que tenha alcançado tal objetivo. Tanto que o ato de reescrita faz com que esse texto gere e mereça muitas outras reflexões por sua importância para nossa história.

É importante também lembrar que Josué Guimarães sempre esteve preocupado com a realidade social e histórica de seu estado. Esse fato pode ser comprovado não só através do conto analisado, mas também de outros contos como “A travessia” ou, ainda, nos volumes primeiro e segundo da obra *A ferro e fogo*, na qual retrata com minúcias a história dos imigrantes alemães no estado, principalmente abordando a temática dos *muckers*.

O fragmento abaixo (2007, p. 92-93) faz parte da versão definitiva do referido conto de J. G. e enfatiza, de modo figurativo, a violência das revoluções, dos ataques e crueldades:

– Pois, seu moço, encontramos logo a seguir mais cachorros estripados, vários degolados e alguns cavalos mortos a tiros. Um deles, alazão de crinas longas, uma pintura de animal. Mandei buscar um lampião da casa e o negro Chico trouxe três. Acendemos todos e cada um começou a abrir caminho pelos arredores, eu gritava daqui: mais dois cães; outro gritava de lá: uma vaquinha e sua cria; mais além o capataz deu um grito que eu até hoje não sei se foi de medo, de horror ou de ódio. O fato é que ele encontrara o corpo do meu compadre, caído ao lado de uma pilha de lenha de eucalipto, degolado, e sobre ele a minha comadre, sangrada na jugular, como se faz com os porcos e com as ovelhas.

É através da conversa entre duas pessoas, uma delas um representante das elites agrárias, que o autor dá maior ênfase a uma parte da história de nosso Estado, envolvido em chacinas e degolas ocorridas durante o período das revoluções da virada do século XIX ao século XX. A exemplo do que ocorreu em 1893, na denominada Revolução Federalista, uma guerra que, de acordo com Moacyr Flores (1996, p. 168), “gerou o ódio entre as famílias e as oligarquias políticas(...)”.

O recurso sobrenatural explicitado pelo aparecimento de um cavalo cego, de feição fantasmagórica, representa a violência indomada da história do Rio Grande do Sul, detalhada com maior cuidado à medida que J. G. desenvolvia a ideia do conto do prototexto à versão definitiva. Sobre as crueldades ocorridas, na história oficial das revoluções, é importante observar novamente o que diz Moacyr Flores (1996, p. 162), em sua obra intitulada *História do Rio Grande do Sul*:

Ângelo Dourado, médico das tropas de Gumercindo Saraiva, revoltado com as degolas, estaqueamentos, pilhagens e estupros praticados pelos maragatos, perguntava aos soldados por que lutavam, recebendo sempre a mesma resposta: por vingança. Infelizmente, os revolucionários não tentaram levantar a população, ou pelo menos contar com sua simpatia. Entravam na cidade ou povoado saqueando, violentando e degolando.

O certo é que J. G. apresenta fatos os quais, na maioria das vezes, são omitidos na apresentação ou tratamento da história apresentada nos livros, por historiadores em seus mais diversos trabalhos. Além disso, em determinados momentos do conto, a exemplo do que pode ser observado na figura 5 apresentada anteriormente, mais especificamente no segundo parágrafo do texto, há uma referência a Getúlio Vargas e ao golpe que sofreu em 1945, no qual foi deposto do poder ditatorial. Essa e outras marcas temporais nos evidenciam que, além de abordar momentos violentos da história, os personagens do conto estão eles também envolvidos em momentos históricos marcantes na política do estado do Rio Grande do Sul.

Um fragmento também extraído do conto “O cavalo cego” de Josué Guimarães, (2007, p. 88), em que o sofrimento de outros heróis, senão aqueles apresentados pela história oficial, é exposto por Josué Guimarães. Isso comprova mais uma vez a característica que permeia boa parte de sua obra, a preocupação com as causas sociais de seu povo.

E veja bem, em todas essas revoluções em que gastei quase a minha vida inteira, os que tinham divisas nos braços e galões nos ombros comiam a parte melhor das vacas carneadas e o que sobrava era atirado aos soldados como que dá polenta com osso pra cachorrada. E assim mesmo, anote aí, quando sobrava alguma coisa. E nem sempre sobrava.

A preocupação em abordar os personagens que costumeiramente não aparecem nas páginas da história oficial é evidenciada através do parágrafo anterior. Esse aspecto, num primeiro momento, no texto inicial, não apareceu. Além disso, A preocupação de J. G. em recontar essa história pauta-se em sua visão de mundo, em sua visão crítica da realidade vivida por seu povo naquela época. Nesse sentido, o texto curto de Josué Guimarães apresenta muito da opinião do autor. Mempo Giardinelli (1994, p. 44) enfatiza que:

De fato, todo conto contém uma concepção de mundo, uma ideia de universo. E assim é simplesmente porque todo contista tem, queira ou não, aceite ou não. O escritor tem sempre uma posição distante da vida e sua obra expressa sua maneira de pensar. Essa concepção inevitavelmente estará contida em tudo o que escrever.

Nossa pesquisa também busca, embora de modo sucinto, evidenciar o valor do material analisado para a realização da etapa de observação e análise do processo de escrita de J. G., pois sem estes materiais seria impossível realizar qualquer análise. Assim, damos continuidade ao nosso texto procurando perceber também um pouco da importância da crítica genética²¹ nos processos de estudo de tais materiais. Para isso, demos ênfase a alguns fragmentos da obra *Escrever sobre escrever* uma introdução à crítica genética, de Claudia Amigo Pino e Roberto Zular (2007), estudo que apresenta um aspecto importante sobre o trabalho que é e pode ser realizado por um filólogo: “O trabalho do filólogo consistirá em mostrar ao leitor esse caminho até a originalidade a partir da busca, da decifração, do estudo e da ordenação cronológica das variantes manuscritas de uma mesma obra.” (PINO, 2007, p. 25). Nesse sentido, percebemos mais uma vez a necessidade de preservação dos manuscritos e datiloscritos do autor para que se possam realizar pesquisas como a que realizamos.

²¹ Crítica genética é a investigação de uma obra a partir de sua gênese, ou seja, do modo como o texto foi escrito.

Assim, fica evidente que só nos foi possível observar o processo criativo do conto “O cavalo cego”, a partir do material disponível no Acervo Literário Josué Guimarães. É sobre este ambiente de pesquisa que abordaremos no primeiro item do próximo capítulo.

4 PESQUISA EM LEITURA: UM ACERVO EM AÇÃO

A importância de uma pesquisa, realizada no âmbito que for, dá-se no momento em que ela proporciona algum benefício ao público participante, ou a um público específico. Quando a teoria não se alia à prática então não se está buscando a meta de qualquer trabalho de pesquisa, que é de transformação social. Nesse sentido, vale destacar que nossos estudos sobre Josué Guimarães só serão oportunos se visarem atingir aquilo que foi o objetivo maior de J. G., a formação de novos leitores.

É pela oportunidade de pesquisar em um acervo literário que buscamos, no decorrer de nossa pesquisa-ação, aproximar, trazer para dentro do âmbito de pesquisa, jovens leitores em formação. Com isso, é possível uma aproximação maior entre estes leitores e o próprio escritor, apresentando a alunos o material disponível e evidenciando o modo de escrita de J. G. por meio de originais e itens diversos. Nesse sentido, tal aproximação gera e oferece possibilidades variadas de discussão a respeito das obras de J. G., bem como dos temas por ele trabalhados. Inegável, portanto, é a presença do ALJOG/UPF para a realização desta mediação de leitura.

4.1 ALJOG/UPF – Acervo Literário Josué Guimarães

A grande importância de um acervo literário está no fato de que os seus pesquisadores e bolsistas têm em mãos a possibilidade de estudar, pesquisar e levantar dados de relevância para o estudo literário a partir de materiais diversos, além dos textos definitivos publicados. Dessa forma, trabalhando com uma diversidade de itens numericamente superior ao do corpus de textos publicados, o ALJOG da Universidade de Passo Fundo torna possível aos seus pesquisadores, na investigação e na comparação, tanto das publicações como dos manuscritos e originais, levantar hipóteses e tentar esclarecer questões. Assim, contar com a presença do acervo de um escritor na universidade possibilita inúmeras opções de pesquisa. É necessário, no entanto, que toda a comunidade acadêmica, em especial a do curso de Letras e áreas afins, esteja ciente destas possibilidades e faça o maior proveito possível deste ambiente, tornando-o mesmo um espaço de formação de leitores.

O Acervo é um lugar onde ficam guardados os pertences pessoais do escritor Josué Guimarães, além de inúmeros itens relacionados à sua vida pessoal e profissional. Além de protegidos, os itens do ALJOG estão disponíveis para que o público possa visitar e conhecer um pouco mais sobre a vida e o modo como J. G. escrevia. É importante salientar que o material pertencente a este Acervo foi catalogado, na UPF, a partir de 2007, na continuidade do trabalho anteriormente realizado na PUCRS, sob a coordenação da Professora Dr^a. Maria Luiza Remédios. Com base nos termos de organização do que se apresenta no Manual de Maria da Glória Bordini (1995), o qual, para constar, determina a seguinte organização: classe 01 – originais; classe 02 – correspondência; classe 03 – publicações na imprensa; classe 04 – esboços e notas; classe 05 – ilustrações; classe 06 – documentos audiovisuais; classe 07 – memorabilia; classe 08 – comprovantes de edição; classe 09 – comprovantes de crítica; classe 10 – comprovantes de adaptação; classe 11 – objetos de arte; classe 12 – história editorial; classe 13 – biblioteca; classe 14 – vida; classe 15 – obra.

As atividades de um acervo são, no entanto, mais profundas do que a mera classificação e preservação do material. Conforme Maria da Glória Bordini (1995, p. 40), o trabalho em acervos literários “também requer que se indague a noção epistemológica de objeto e de sujeito, pois um acervo não é apenas um conjunto de documentos textuais e não-textuais, que constituiriam sua objetividade.” Assim, um acervo é um constituinte de sentidos, um espaço onde cada item, cotejado a outros, pode se reconfigurar como um “texto” a ser reinterpretado: “Um acervo é, no seu todo, um objeto socialmente construído, que sobrepassa as intenções de sentido e as valorações dos seus encarregados. É um potencial semântico-pragmático à espera de sujeitos que o acionem”. (BORDINI, 1995. p 41)

O ALJOG/UPF possibilita aos seus pesquisadores de graduação e pós-graduação a realização de inúmeras pesquisas, algumas em andamento, outras já concluídas, as quais nos dão a ideia de que muitas outras pesquisas ainda são possíveis. E devemos afirmar que o espaço é um manancial de investigação que deve continuar e aumentar cada vez mais. Dessa forma, o Acervo continuará contribuindo para que Josué Guimarães, através de sua obra, nos “fale” e nos mostre inúmeros outros aspectos ainda não observados de sua faceta como escritor literário e de seus textos já notadamente direcionados ao bem social.

A importância do ALJOG para a realização desta pesquisa é fundamental. O trabalho que realizamos e passaremos a relatar ao longo destes dois últimos capítulos de nosso texto deve-se sobremaneira à disponibilidade de termos tal espaço, agora, também como propício à formação de leitores. Esse trabalho foi planejado com vistas a formar novos leitores literários,

ao mesmo tempo em que procurou dinamizar o Acervo do escritor com a presença de jovens leitores. Para isso, seguimos alguns passos, que passamos a registrar.

4.2 A pesquisa-ação

O trabalho de pesquisa caracteriza-se como um trabalho de pesquisa-ação e se realizou com 37 alunos de duas turmas de 1º ano de Ensino Médio, constituindo-se em três etapas principais. Tais etapas foram realizadas dentro de uma mediação de leitura que se iniciou no ambiente da biblioteca da escola na qual estuda o público-alvo. Posteriormente, continuou no Centro de Referência e Multimeios – Mundo da Leitura, da Universidade de Passo Fundo, e se finalizou com a visitação ao ALJOG/UPF, para explicação/exposição dos manuscritos e objetos pessoais de Josué Guimarães. No acervo, os alunos puderam observar também o processo de escrita do conto “O cavalo cego”. Para a realização desta pesquisa foi, portanto, necessário também um embasamento teórico, uma vez que envolve um público-alvo e principalmente ações que visam formar leitores de Josué Guimarães e possíveis escritores. O processo pelo qual deve ser realizado este trabalho de pesquisa orienta-se pelo que afirma Michel Thiollent (2004, p. 74):

Na área educacional, em diversos países, existe uma tradição de pesquisa participativa e de pesquisa-ação em matéria de formação de adultos, educação popular, formação sindical, etc. No setor convencional da educação (1º e 2º graus), a aplicação dessas orientações é mais rara e difícil, talvez por causa de resistências institucionais e de hábitos professorais. No entanto, nos últimos tempos, nota-se uma maior disponibilidade que se relaciona, talvez, com a desilusão de muitos profissionais para com as pesquisas convencionais.

Ainda, a respeito da pesquisa na área da educação, Thiollent (2004, p. 74) ressalta que:

Um outro tema amplamente debatido diz respeito ao uso de métodos participativos e ao uso da pesquisa-ação em contexto educacional. Uma das mais difundidas justificativas consiste na constatação de uma desilusão para com a metodologia convencional, cujos resultados, apesar de sua aparente precisão, estão muito

afastados dos problemas urgentes da situação atual da educação. Por necessárias que sejam, revelam-se insuficientes muitas das pesquisas que se limitam a uma simples descrição da situação ou a uma avaliação de rendimentos escolares.

No Brasil, a pesquisa participante ocupa um espaço crescente na área de pesquisa educacional, inclusive com apoio institucional. Ela é principalmente concebida como metodologia derivada da observação antropológica e como forma de comprometimento dos pesquisadores com causas populares relevantes. Por sua vez, a pesquisa-ação é algumas vezes distinguida da pesquisa participante pelo fato de focalizar ações ou transformações específicas que exigem um direcionamento bastante explicitado.

Como é possível de ser observado no excerto acima, os principais objetivos de uma prática de pesquisa-ação estão voltados para o seu público-alvo que, em nosso caso, são estudantes, jovens que estão sendo incentivados a ler e, conseqüentemente, a se tornarem leitores, sobretudo leitores literários. Quando se tem como meta realizar uma transformação significativa no que se refere à formação do leitor, acreditamos que se está indo ao encontro do aspecto mais importante da pesquisa-ação, que é o de mediação com vistas a contribuir para uma transformação socioeducacional também significativa.

4.3 Metodologia

A metodologia da mediação de leitura teve a seguinte seqüência: inicialmente foi realizada a leitura de três dos contos de J. G. presentes na obra "*O cavalo cego*". Esses três textos são: "A visita", "Uma noite de chuva" e "O cavalo cego". A leitura foi efetivada de forma compartilhada na biblioteca da instituição onde os alunos envolvidos estudam, a cada quinze dias. Após cada leitura e comentários, os alunos fizeram anotações pessoais sobre os personagens que julgaram importantes em tais contos, algumas destas anotações foram colhidas e serão apresentadas no próximo capítulo. Ainda, depois de serem lidos os textos, sempre se finalizou com observações motivadas pelo professor pesquisador, buscando uma melhor compreensão dos enredos.

Num segundo momento, foi apresentado para os alunos, na sala de informática do colégio, a página do ALJOG/UPF, com o intuito de levá-los a conhecer mais sobre a vida e a obra de tal escritor, sobre o qual tinham pouco conhecimento. Nesta atividade, o professor apresentou algumas características da página visitada, buscando orientar os alunos, para uma atividade mais significativa que os levassem a realmente conhecer alguns aspectos sobre J.G.

A terceira etapa da pesquisa foi realizada no auditório da instituição escolar na semana posterior à visita ao laboratório de informática. As duas turmas assistiram o Documentário *A jornada de Josué*, produzido em 2011, pela UPF TV sob a direção de Deisi Fanfa, com roteiro e coordenação de Miguel Rettenmaier. Nesta atividade, o grupo de alunos teve a oportunidade de conhecer ainda mais sobre Josué Guimarães e sua obra, através de depoimentos de muitos escritores, críticos literários e familiares. Houve a participação de outros professores, a exemplo das professoras de literatura e produção textual que, juntamente com os alunos, assistiram e puderam ter uma visão maior a respeito da importância do escritor no que diz respeito à formação de leitores.

Após a apreciação do documentário mencionado acima, a próxima etapa consistiu numa visita agendada ao Centro de referências e Multimeios – Mundo da Leitura da UPF. Durante tal visita, os estudantes participaram de uma prática leitora acompanhados novamente pelo professor da turma, pela coordenadora pedagógica do colégio e pela já citada professora de produção textual. Nesse mesmo dia, foi feita, finalmente, uma visita ao ALJOG/UPF, onde os estudantes tiveram a possibilidade de conhecer o modo como funciona o Acervo Literário, a forma como estão guardados os inúmeros itens catalogados e que fizeram parte da vida do escritor J. G.. Foi a eles oportunizado observar o processo criativo do escritor através de seus datiloescritos, rascunhos, mapas, entre outros itens. Destacamos que essa foi a primeira visita de um grupo de alunos de Ensino Médio a esse ambiente de pesquisa, até então restrito a professores e estudantes de graduação e pós-graduação em Letras e áreas afins.

A última etapa constituiu-se na produção de um conto por parte dos alunos, tendo como respaldo as leituras realizadas na biblioteca, a visita à página do ALJOG/UPF na internet, ao documentário assistido, a participação da prática leitora no Mundo da Leitura e a visita ao Acervo. Na sequência, foi solicitado aos jovens que se utilizassem das anotações feitas por eles sobre os personagens dos contos lidos inicialmente, bem como de tudo que observaram nas etapas realizadas até então para as suas produções de contos. Em momentos anteriores a essa produção, as mencionadas professoras de literatura e produção textual abordaram em suas aulas o gênero conto, com o objetivo de auxiliar na escrita dos alunos. Nesse sentido, principalmente questões relacionadas à estrutura do gênero conto foram trabalhadas pelas referidas educadoras.

A partir das atividades mencionadas acima e após a entrega dos contos em prazo estabelecido, realizou-se, por parte dos três professores envolvidos, uma seleção de dez dos contos escritos. O objetivo logicamente não foi o de formar escritores, ou contistas, mas sim o

de perceber alguns aspectos resultantes deste trabalho de mediação de leitura através da escrita do público-alvo.

4.4 Objetivos

O presente trabalho, na dinâmica de uma pesquisa-ação, teve como propósito:

- Motivar a formação de leitores literários;
- Dinamizar o ALJOG/UPF com a presença de leitores em formação;
- Propiciar uma experiência de escrita de contos baseados nos textos de J. G.
- Despertar o interesse pelas obras de J. G.

4.5 Contexto da escola e sujeitos da pesquisa

A escola onde estuda o público participante da pesquisa localiza-se numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, na região do Planalto Médio. O município possui quase 40 mil habitantes que, na sua grande maioria, trabalham em empresas de médio e grande porte, mas há uma pequena parcela desta população que vive no meio rural, onde por sua vez, tem, através da agroindústria, na produção de grãos, uma economia em crescente desenvolvimento.

É uma instituição particular onde os educandos atendidos frequentam desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, somando um número de aproximadamente 600 alunos, segundo levantamento realizado em 2012.

Muitos dos alunos residem na própria cidade, mas há também crianças e jovens de pequenos municípios vizinhos. É a única das duas instituições privadas no município que oferece Ensino Médio atualmente. Pelo trabalho realizado ao longo de vinte anos, certamente, é uma das mais conceituadas da região no que se refere ao ensino. No ano de 2012, completou 20 anos dedicados à educação e formação de várias gerações e tem como meta anual “*Educar em defesa da vida*”.

Na escola, no que se refere à leitura, há grande incentivo por parte de toda a comunidade educativa, a qual se envolve em alguns projetos de mediação de leitura, como

exemplo uma feira de leitura que acontece todos os anos, durante o mês de outubro e que conta sempre com a participação de um autor presente. É um evento que integra todos os que fazem parte do colégio, no qual cada turma de alunos faz previamente leituras de obras escolhidas e organiza apresentações de tais obras, com o objetivo de incentivar a todos a leitura pelos educandos realizada.

Há também, na biblioteca da instituição, a presença de um professor contador de histórias, que realiza trabalhos com histórias e poemas, em um período semanal por turma, com os alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. Mas, como mencionamos anteriormente, existem outros inúmeros projetos, de menor dimensão, organizados pelos educadores, que buscam formar cada vez mais leitores, o que de fato acontece muitas vezes e em outras, nem tanto. Os educadores, mesmo com o empenho demonstrado ao longo dos anos no que se refere à mediação de leitura, percebem, ainda, que muito deve ser feito e que as crianças e principalmente os jovens do Ensino Médio não têm na sua grande maioria, o comportamento de leitura instituído.

O público-alvo de nossa mediação de leitura é formado por jovens que tinham entre 14 e 16 anos de idade na época da aplicação do trabalho. É fato que, até um ano e meio atrás, ou seja, durante o Ensino Fundamental, de acordo com depoimentos de seus ex-professores, esses jovens liam muito mais. É um público formado por adolescentes de classe média, classe média alta, com raras exceções, que ainda não trabalham, praticam esportes, utilizam o tempo vago para diversões e alguns estudos. Por isso mesmo, por fazerem parte de famílias com poder aquisitivo, alguns realizam viagens internacionais, investem na aprendizagem de outras línguas e muitos já estão pensando no futuro profissional.

A grande maioria, quando questionados oralmente sobre o escritor Josué Guimarães, afirmou que não conheciam suas obras, ou que apenas ouviram falar. Isso evidencia a necessidade de uma maior difusão das obras literárias de Josué, de maneira mediada, para que também continuem formando seus leitores. No que se refere às leituras que realizam, os que costumam ler, e alguns o fazem com grande voracidade, leem, na maioria, obras em série, como *Harry Potter*, *Jogos Vorazes* e outros. Ao abordar o tema “contos”, muitos disseram também que nunca tinham tido contato com este gênero literário e, portanto, não sabiam de que tipo de texto se tratava.

Com relação à escrita, os alunos têm, semanalmente, em sala de aula, um período dedicado à disciplina de Produção Textual, na qual desenvolvem diferentes tipos de textos, sob a orientação de um professor próprio da disciplina. A maioria dos educandos nunca

pensou em escrever ficção, produzir para um leitor que não sejam os seus professores em específico.

É importante mencionar que as turmas têm também um período semanal de visita à biblioteca e, a partir do segundo trimestre do ano de 2012, passaram a participar de práticas leitoras organizadas pelo professor de Língua Portuguesa, baseadas nas práticas de leitura realizadas no Centro de Referência e Multimeios, Mundo da Leitura da UPF – Universidade de Passo Fundo. Tais práticas são pensadas logicamente com o intuito de incentivar esses educandos a se tornarem leitores de forma expressiva. O objetivo está sendo aos poucos alcançado, visto que alguns alunos já estão solicitando, ao final dos períodos na biblioteca, alguns textos trabalhados e discutidos anteriormente. São atividades diferenciadas das que costumam ser realizadas em sala de aula e, por isso mesmo, se tornam mais atrativas aos olhos dos jovens.

É nesse contexto de trabalho que alguns contos de J. G. foram apresentados pela primeira vez a esses alunos. Além dos contos, obras como *Garibaldi e Manoela* também já se tornaram conhecidos pelas turmas. É um trabalho de mediação da obra deste e de outros escritores que tratam de temas atraentes aos olhos e ouvidos dos nossos jovens.

4.6 Cronograma de atividades envolvendo os sujeitos da pesquisa

| | Julho | Agosto | Setembro | Outubro |
|------------|--------------|---------------|-----------------|----------------|
| I | | | | |
| II | | | | |
| III | | | | |
| IV | | | | |
| V | | | | |

I – Leitura dos contos da obra *O cavalo cego* – discussão em grande grupo, registro das ideias principais colocadas pelos alunos, debate sobre as temáticas presentes nos textos;

II – Visita a página do ALJOG na Internet, realizada no laboratório de informática da escola;

III – Apresentação do documentário *A jornada de Josué* durante um turno inteiro de aula;

IV–Visita ao Mundo da Leitura e ALJOG/UPF;

V – Produção e entrega dos contos para posterior seleção de textos a serem discutidos neste trabalho de dissertação.

A seguir, no último capítulo desse trabalho, apresenta-se um memorial das atividades realizadas durante a mediação de leitura, os resultados obtidos, bem como algumas considerações ao concluir nossa escrita de dissertação.

5 MEMORIAL DE APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Quando iniciei minha pesquisa, surgiram muitos questionamentos quanto aos feitos e efeitos que poderiam resultar deste trabalho. A preocupação com os resultados esteve presente desde o projeto de pesquisa. Estaria eu trabalhando no sentido de que a mediação a ser realizada com os jovens apresentasse resultados positivos? O que mais poderia se fazer para que de fato o público-alvo, jovens leitores em formação, passasse a ver a leitura literária com um olhar atento? A atividade realizada no ALJOG/UPF seria atraente a esses alunos? Essas e outras questões fizeram parte do caminho de estudos. No entanto, ao longo das atividades realizadas, fui percebendo que esse sentimento de dúvida faz parte do processo de pesquisa e que estava propenso a bons resultados, visto que desde o início acreditei em meu trabalho. Afinal, seria a culminância de alguns anos de pesquisa devotada a Josué Guimarães. Nesse sentido, evidenciei que acreditar no projeto é o primeiro passo para que este se realize de forma positiva.

É necessário, neste momento do texto, retomar brevemente os passos desenvolvidos na mediação de leitura realizada, os quais já foram citados no item *metodologia*, do capítulo anterior, para então dar continuidade a este texto. O trabalho desenvolvido ocorreu da seguinte forma: primeiramente foi realizada uma leitura partilhada de três dos contos de J. G. sendo eles “A visita”, “Uma noite de chuva” e “O cavalo Cego”. Após, os educandos assistiram ao Documentário *A jornada de Josué* e visitaram a página do ALJOG na internet. Na sequência, visitaram o Mundo da Leitura-UPF e participaram de uma prática leitora. Ainda nessa mesma oportunidade realizaram uma visita ao ALJOG/UPF, onde, conhecendo o local e tendo contato com os materiais disponíveis, puderam apreciar e saber mais sobre o processo de escrita de J. G., bem como sobre sua vida de jornalista e escritor literário. Como resultado, o público-alvo escreveu contos, por fim, baseando-se nas leituras dos contos de J.G. realizadas até aquele momento. Os resultados, bem como as reflexões sobre o trabalho de mediação de leitura passam a ser apresentados na continuidade do texto.

Ao longo deste capítulo apresentarei, no primeiro momento, o questionário aplicado aos professores que participaram em algumas etapas da pesquisa-ação e em relação as respostas apresentadas traçarei algumas considerações. Em seguida, trarei alguns depoimentos espontâneos que surgiram durante e após as etapas do trabalho. Sobre estes depoimentos, igualmente farei uma pequena análise. E então, será apresentada a forma como foi realizada a

produção dos dez contos selecionados pelos professores envolvidos na mediação leitora. Nesse sentido, tecerei comentários sobre a escrita dos alunos, abordarei o modo como foi realizada tal seleção destes textos, os quais foram escritos pelo público-alvo participante, educandos motivados à escrita literária. Por fim, foi realizada a transcrição destes textos curtos. Além disso, realizarei no último momento uma análise do produto de mediação e buscarei apresentar algumas considerações sobre a formação do leitor através da obra *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988).

Eis que passo a apresentar no último capítulo os resultados obtidos através da mediação de leitura realizada. O memorial exposto traz a comprovação e as respostas das questões a que me referi anteriormente, no que diz respeito à eficiência ou não de minha prática realizada com o objetivo de formar leitores.

5.1 Questionário direcionado aos professores

Na realização das etapas da pesquisa-ação a participação de três professores foi sem dúvida de grande importância para o desenvolvimento das atividades. Assim, contou-se com a presença da coordenadora pedagógica da instituição escolar, da professora de produção textual e da professora de literatura. É de destaque que o trabalho realizado pôde ser melhor desenvolvido também pela colaboração destas educadoras que não mediram esforços e ajudaram no desenvolvimento das atividades. Por isso, apliquei a estas educadoras um pequeno questionário buscando analisar suas conclusões a respeito da mediação de leitura. O objetivo principal da aplicação do referido questionário é o de avaliar, através das respostas, também a recepção destes docentes envolvidos e suas percepções quanto à produção dos jovens leitores. As questões a que tinham de responder foram as seguintes: 1) Como você avalia o trabalho de mediação de leitura realizada e a visitação ao ALJOG-UPF?; 2) Como você avalia a proposta de produção de um texto literário, no caso um conto, produzido pelos alunos?; 3) Quais as suas conclusões sobre a produção realizada pelos educandos?

As respostas do questionário anterior serão apresentadas do seguinte modo: primeiro farei a transcrição das conclusões da coordenadora pedagógica, após o que foi respondido

pela professora de produção textual e em seguida, o que concluiu a docente de literatura. Somente depois da transcrição deste material é que realizarei uma pequena análise.

Respostas da Coordenadora Pedagógica

1) Como você avalia o trabalho de mediação de leitura realizada e a visitação ao ALJOG-UPF?

Em primeiro lugar, gostaria de destacar que fazia muito tempo que não trabalhava com um professor tão apaixonado pela leitura e com muita competência, como o Professor Josué Frizon. Isso justifica o seu trabalho maravilhoso com os alunos, conseguindo motivar os mesmos para a leitura do autor em estudo, Josué Guimarães. Devido ao seu empenho, a maneira de conduzir o trabalho de leitura, o professor conseguiu com que os alunos se dedicassem ao máximo na leitura de suas obras.

Quanto a visitação ao ALJOG-UPF, foi um momento único, motivo de orgulho para todo o grupo, pois era o primeiro Colégio a visitar o Acervo Literário Josué Guimarães. Novamente, o professor Josué, explicou e mostrou brilhantemente todas as curiosidades sobre o autor. Os alunos fizeram muitas perguntas, pois estavam querendo saber tudo sobre o autor estudado. Observaram também, os detalhes do material riquíssimo ali existente.

Observou-se a importância do aluno ter um conhecimento maior sobre a vida do autor, suas primeiras escritas, podendo relacionar e entender melhor as leituras de suas obras.

2) Como você avalia a proposta de produção de um texto literário, no caso um conto, produzido pelos alunos?

Acredito que tudo o que estimula a leitura, o pensar, o escrever do aluno, já é muito válido. No mundo atual, onde tudo está pronto, dar a oportunidade para o aluno criar um conto vai exigir muita leitura e estudo. É uma maneira de valorizar a criatividade de cada um, do seu jeito.

Considero a proposta uma ótima oportunidade para os alunos se "soltarem" no meio literário.

3) Quais as suas conclusões sobre a produção realizada pelos educandos?

Todos possuem capacidade, mas precisam de alguém para estimulá-los, ensinando cada passo do processo da criação dos textos. Foi um trabalho muito bem realizado, proporcionando aos alunos a oportunidade de desenvolver suas ideias, organizadas literalmente, com muita imaginação. Surgiram então, maravilhas literárias.

O mais importante que se percebe durante o processo, é a valorização da capacidade dos educandos, fazendo com que eles se sintam cada vez mais estimulados a ler e escrever, facilitando ainda mais o sucesso escolar.

Respostas da professora de Produção Textual

1) Como você avalia o trabalho de mediação de leitura realizada e a visitação ao ALJOG-UPF?

A visita ao Acervo Josué Guimarães, em 2012, com a participação dos alunos do primeiro ano de Ensino Médio, coordenada pelo professor Josué Frizon fora muito interessante, pois possibilitou aos discentes um conhecimento mais abrangente a respeito de um dos grandes escritores do século XX. Na visitação, o aluno pôde acompanhar o desenrolar da história deste autor, tanto a particular, como a social e literária e isso fez com que professor e aluno evitassem a teoria monótona de sala de aula e ampliassem o conhecimento de maneira mais agradável, sendo isso uma estratégia inteligente que pode levar o aluno a despertar mais interesse pela aprendizagem.

2) Como você avalia a proposta de produção de um texto literário, no caso um conto, produzido pelos alunos?

A proposta de produção de texto literário pelos alunos, julgo-a valiosa porque leva à participação, à criação e ao desenvolvimento de ideias próprias. Esta atividade de elaboração não poderia ser algo esporádico, mas estar presente no dia a dia das nossas escolas, acompanhada de leituras e atividades significativas que não se detessem a compreensão dos elementos mais imediatos, ou seja a superficialidade do texto, mas a verticalidade que explora a plurissignificação, conduzindo o leitor à imaginação, à intertextualidade, facilitando a produção textual.

3) Quais as suas conclusões sobre a produção realizada pelos educandos?

Quanto às produções realizadas pelos alunos, embora seja difícil lembrar detalhadamente por terem sido lidos há tempo, posso dizer que me levou a crer que o professor Josué muito deve ter trabalhado com seus discentes porque observei que nos textos havia aplicação de técnicas, presença de elementos narrativas bem especificados e desenvolvimento sequencial do enredo: situação inicial, complicação, climax e desfecho. Além disso, muitos alunos, narraram a história fictícia de tal maneira que criava a ilusão de verdade e, alguns textos inclusive, apresentavam pontos de indeterminação, ou seja, vazios que levavam à interação, que convidavam à leitura e despertavam curiosidade. Os textos, por terem sido elaborados por alunos do primeiro ano do Ensino Médio, dá para dizer que são bons.

Respostas da professora de Literatura:

As respostas abaixo se referem às questões apresentadas anteriormente, estando aqui condensadas em um texto único.

Ao espaço escolar são atribuídas, socioculturalmente, as responsabilidades por uma educação fundamentada em quatro importantes saberes : aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006), por sua vez, ressaltam: “[...] faz-se necessário urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária”(Brasil, 2006).

Neste contexto, observa-se que o trabalho realizado pelo professor Josué no encaminhamento das leituras de Josué Guimarães, foi totalmente ao encontro do preconizado nos PCNsEM e nas Orientações Curriculares, aqui incluído toda a mediação de leitura, a visita ao ALJOG/UPF, bem como a proposta de produção de um texto literário, pelos alunos orientados.

O resultado de todo o trabalho desenvolvido, comprova-se na leitura dos contos produzidos pelos educandos. A aceitação do desafio de escrever, a diversidade de criação, a manutenção da linha do “fantástico”, o respeito às características do conto, evidenciam o belo e excelente trabalho realizado pelo mestrando Josué Frizon.

O trabalho de mediação, realizado com o acompanhamento das docentes que responderam ao questionário transcrito acima, possibilitou uma oportunidade de ampliação dos conhecimentos não só dos alunos, mas também destas acerca da vida e obra de Josué Guimarães.

Assim, a satisfação em fazer parte do projeto pode ser comprovada no fragmento a seguir, o qual faz parte da primeira resposta dada pela coordenadora pedagógica da escola, “*Quanto a visitação ao ALJOG-UPF, foi um momento único, motivo de orgulho para todo o grupo, pois era o primeiro Colégio a visitar o Acervo Literário Josué Guimarães.*”. Comprova-se, desse modo, segundo a opinião desta educadora, que a atividade foi válida. Mas cabem aqui alguns questionamentos. Os depoimentos desta e das outras professoras revelam elementos de reflexão quanto ao aprendizado dos alunos? A leitura, através de uma prática inovadora, em acervo literário, foi repensada por essas educadoras? E a mediação de leitura permitiu a elas refletirem sobre a importância da leitura literária na formação dos sujeitos? Para tais questões, procuro refletir abaixo por meio de alguns outros fragmentos.

É importante observar o fragmento a seguir o qual possibilita responder boa parte das questões levantadas acima: “*Na visitação, o aluno pôde acompanhar o desenrolar da história deste autor, tanto a particular, como a social e literária e isso fez com que professor e aluno evitassem a teoria monótona de sala de aula e ampliassem o conhecimento de maneira mais agradável, sendo isso uma estratégia inteligente que pode levar o aluno a despertar mais interesse pela aprendizagem.*”. Nesta passagem da resposta dada pela coordenadora pedagógica, evidencia-se que ela percebe que o trabalho em sala de aula muitas vezes é monótono. Assim, essa professora apresenta também a sua percepção de que os alunos foram instigados a uma aprendizagem mais significativa. Outra entrevistada, a docente de produção textual, observa: “*Esta atividade de elaboração não poderia ser algo esporádico, mas estar presente no dia a dia das nossas escolas...*”. Por meio deste dizer, destaco que a atividade possibilitou à referida docente uma reflexão sobre a importância de se trabalhar em sala de aula com o texto literário e com a escrita literária, ou ainda, desenvolver atividades além das paredes do ambiente escolar. Nesse sentido, dando maiores possibilidades aos alunos para aprenderem. Não é possível afirmar até que ponto essas reflexões trouxeram mudanças nas atividades desenvolvidas por essa e pelas demais professoras em sala de aula, mas foram válidas no sentido de que apresentaram-lhes possibilidades de ação.

Cabe destacar o apreço na última entrevista, na qual, através do exposto, apresentando as respostas ao questionário de forma condensada, a docente de literatura deixa claro e enfatiza sua reflexão, tendo como embasamento a citação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, acerca da importância de se trabalhar com os educandos textos literários, fato ocorrido pelo menos durante o processo de mediação de leitura. As respostas apresentadas anteriormente e rapidamente comentadas acima enfatizam a validade das ações desenvolvidas entre o grupo, educadores e educandos, participantes da mediação. E foi no decorrer de tais ações que recebi, por parte dos alunos e de uma das referidas educadoras, pequenos depoimentos sobre os quais tratarei na sequência.

5.2 Depoimentos de alunos e de uma educadora

Alguns acontecimentos, como de fato pode ocorrer em qualquer pesquisa, não estavam previstos em minha mediação, como, por exemplo, os depoimentos espontâneos que recebi através de um e-mail pessoal, enviado pela coordenadora pedagógica da escola, de um relato escrito, feito por uma das alunas envolvidas na mediação e de uma conversa no bate-papo da página de relacionamento *Facebook*, também enviada por um aluno após a visita ao ALJOG/UPF.

É importante salientar que não previa essas ocorrências, as quais colocaram em evidência dados positivos referentes ao trabalho de mediação que se estava realizando, bem como a percepção de quem enviou estes materiais. Na sequência, farei a transcrição desses relatos e tecerei comentários ao final desta seção, buscando igualmente apresentar minha percepção através desses comentários e depoimentos.

*Mensagem recebida por e-mail em 27/09/2012, às 17 h e 19 min
Querido colega Josué!*

*Você me surpreende todo dia com seu brilhante trabalho. E hoje, não foi diferente. Tenha certeza, que a atividade na UPF, marcou muito a vida escolar de seus alunos. Você é muito responsável, criativo... terá um futuro brilhante como professor. Que Deus ilumine sempre seus passos e atividades educativas.
Parabéns! Muito sucesso em seu trabalho de Mestrado.*

*Com carinho
Prof^a*

Achei muito massa a história do Josué Guimaraes



17:51

Josué Frizon

e daí

mesmo?



Teve uma boa iniciativa , porque até a mãe disse que achou interessante..

Primeiro Professor de Português que teve iniciativa de fazer algo diferente..



Apresento a transcrição do depoimento entregue por uma aluna sobre o documentário *A jornada de Josué*:

Achei muito interessante esse documentário por que eu nunca pensei que a vida dele era tão difícil de certa forma, com toda aquela história de política e tal que ele teve que se esconder e mesmo com tudo isso e o jornal de continuidade com seus livros tornando-se importante para a literatura brasileira.

No primeiro texto, destaca-se o entusiasmo da professora pelo trabalho realizado com o grupo de alunos na escola em que é coordenadora pedagógica. Isso, não posso deixar de mencionar, me impulsionou a persistir ainda mais nas atividades que estavam sendo finalizadas, pois até então não sabia ainda exatamente qual o resultado que seria obtido através da produção dos contos por parte dos jovens que formavam o público-alvo da pesquisa. No mesmo dia, também recebi uma mensagem de um destes jovens envolvidos. Foi por suas palavras que me questionei e evidenciei sobre o trabalho que pode e deve acontecer em sala de aula, uma vez que o professor de Língua Portuguesa, de um modo geral, de acordo com as palavras do próprio adolescente que deu o seu depoimento, parece não inovar em suas aulas. Isso retoma uma série de reflexões e possibilidades sobre as quais enfatizo desde o primeiro capítulo deste texto, a respeito da importância de um professor mediador de leitura, de um professor formador de leitores. No último depoimento, entregue após a apresentação do

documentário referido anteriormente, foi possível observar que a visão que se tem dos escritores, por parte dos jovens, muitas vezes é mítica. Há ali um demonstrativo, logo na primeira linha, da imagem que se tinha de um escritor, sem problemas, sem maiores dificuldades de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de um herói que conseguiu sobreviver a todas as vicissitudes.

Os três depoimentos foram igualmente importantes para que eu pudesse ir aos poucos concluindo que, sim, havia realizado uma mediação significativa naquele ambiente escolar trabalhando com a leitura literária. No entanto, ainda estavam faltando os contos. E seria por meio deles que poderia concluir minhas reflexões. Eis que passo a apresentar no próximo item minha proposta de escrita dos contos, bem como as informações esclarecedoras sobre o processo e as análises de tais contos.

5.3 Produção de textos

Após a realização de todo o processo de mediação de leitura que envolveu desde a leitura dos três contos “A visita“, “Uma noite de chuva“ e “O cavalo cego“, até a visita ao ALJOG/UPF, foi então proposta a escrita de um conto por parte dos alunos participantes. Para tanto, solicitou-se que as docentes de literatura e produção textual conversassem com os educandos e abordassem em suas aulas o conto em específico, bem como a estrutura destes textos curtos. Aos alunos foi solicitado que se utilizassem de anotações que tinham feito sobre os contos lidos pelo grupo, bem como se utilizassem de nomes de personagens presentes nas narrativas de J. G. e abordassem, à sua maneira, algumas questões sociais evidenciadas pelo professor e discutidas pelo grupo após a leitura de cada um destes três contos de Josué.

Em seguida à apresentação da proposta de produção, os alunos tiveram um prazo de quinze dias para a entrega dos trabalhos. Quando ocorreu tal entrega, foram feitas cópias das produções, as quais foram entregues às referidas professoras de literatura e produção textual. A partir de então, eu, juntamente com as docentes, realizei a leitura dos textos e, dentro da proposta apresentada aos alunos, levando em conta principalmente a criatividade deles, o trabalho com temáticas, como o uso do sobrenatural, selecionamos separadamente os dez textos que aos nossos olhos foram os melhores.

Embora os problemas na estrutura dos textos, bem como erros graves de ortografia, acentuação e pontuação tenham saltado aos olhos, procuramos, enquanto avaliadores,

evidenciar os efeitos percebidos através da leitura dos contos realizada na mediação. Dessa forma, cada um dos três docentes selecionou seus dez textos escolhidos e após reunidos, foram, em comum acordo, selecionados os dez melhores de todos os que receberam votos. O que fica evidente nas produções dos jovens é que levaram em consideração o enredo dos textos curtos de J. G. para escreverem os seus textos. Adianto que foi, sem dúvida, uma experiência muito significativa de escrita realizada por parte destes jovens.

Abaixo, apresentarei a transcrição dos contos, os quais explicitam desde o início a preferência dos jovens por trabalhar com temáticas como o sobrenatural e morte. Necessita-se evidenciar novamente que nesta transcrição até mesmo os problemas de estrutura, de pontuação e acentuação dos textos foram mantidos, de modo a ser o mais fiel possível aos trabalhos apresentados. Após um parágrafo de apresentação antes de cada conto e a transcrição dos dez contos em questão, tecerei mais alguns comentários a respeito deste material, bem como traçarei uma pequena análise.

Conto número 01

A narrativa “A espera de um olhar”, fortemente baseada em “O cavalo cego”, de Josué Guimarães, trata de uma relação mágica entre uma menina e um cavalo, nascidos no mesmo dia. O aluno, construindo uma obra com elementos sobrenaturais, em certa altura insere uma personagem misteriosa, que anuncia os fatos e, da mesma forma como revela, omite explicações sobre a razão dos acontecimentos. O final abre-se para um elemento próprio dos enredos feéricos, com uma espécie de pena sobrenatural.

A espera de um olhar

Há algum tempo atrás, em uma bela fazenda, simples mas bela, morava uma senhora e um senhor que adoravam a natureza. Em sua fazenda, tinham galos, patos, ovelhas, mas nada comparados ao seus belos cavalos, que eram reconhecidos pela cidade por seus bons tratos e suas belezas. Certo dia esta senhora descobriu que estava grávida, mas sabia que ela e seu marido não tinham condições nenhuma de pagar um médico para realizar o parto. Os meses foram se passando, e eles sabiam que o parto teria de ser natural.

Em um dia chuvoso, de tempestade, um dia frio de inverno, nasceu sua filha, chamada Heloisa. Cabelos morenos, pele escura, olhos verdes claros, e uma pele clara e fina. Seus

pais ficaram orgulhosos de si mesmos por ter ocorrido tudo certo no parto. Mas o que eles não sabiam é que na fazenda, no mesmo momento, a égua da fazenda deu à luz à um belo cavalo preto, com olhos negros, pelo macio e de grande porte.

Certo dia, os pais de Heloisa receberam uma visita inesperada de uma senhora. Tinha uma aparência diferente, usava um lenço nos cabelos. Ela bateu na porta e assim que abriram ela foi entrando, e se dirigiu até o berço onde Heloisa estava dormindo, até que ela para em frente ao berço e fica observando a menina dormir, parada. Os pais de Heloisa perguntam então:

- Quem é a senhora? O que queres aqui?

E a jovem senhora responde:

-Essa menina, de cabelos escuros e pele macia terá um problema quando crescer. Ela não será uma menina normal como as outras, assim como o pequeno cavalo que está em sua fazenda e que acabou de nascer. Assim que esta pequena menina completar 3 meses, sua vida não será a mesma.

E neste momento a senhora se dirigiu até a porta e desapareceu, deixando seus pais completamente preocupados e sem saber do que se tratava aquela senhora.

Os meses se passaram e quando a menina completou 3 meses, os pais dela perceberam que realmente algo de errado tinha acontecido, Heloisa era cega. Perceberam que ela conseguia abrir seus olhos, e quem a enxergava de longe não percebe que ela é cega, mas a verdade é que ela era. Os pais de Heloisa não tinham o que fazer, mas resolveram cuidar da menina assim mesmo. O tempo foi se passando, Heloisa foi crescendo, e o cavalo da fazenda acabou se tornando melhor amigo de Heloisa. Até que um dia aquela estranha senhora voltou à casa da família. Os pais de Heloisa se revoltaram, questionando a mulher o porque de sua filha ter nascido cega, eis então que a senhora fala:

-Vocês realmente perceberam que a menina é cega como disse. Mas não pararam para pensar na relação entre a filha de vocês e o seu cavalo. Esta menina não é completamente cega. Quando ela nasceu, uma forte relação foi criada com este cavalo, e tudo que o cavalo enxerga é o que Heloisa enxerga. Mas como essa relação começou, ela pode ter um fim também – E a senhora desapareceu pela porta novamente. Seus pais então começaram a tratar com mais cuidado aquele cavalo, mantendo-o sempre por perto de Heloisa, para que a menina pudesse enxergar o próximo.

A menina foi crescendo, e o cavalo também. Aos 5 anos de idade Heloisa nomeou seu cavalo de Lumus. Heloisa brincava com o cavalo no quintal de sua fazenda, como se conseguisse enxergá-lo.

Aos 16 anos de idade, a menina cresceu, seus cabelos escuros ficaram compridos, e a menina continuava aquele olhar misterioso, em quem a olhava. Ela andava em Lumus todas as tardes, era incrível sua comunicação e afeto entre eles. Era como se o cavalo a entendesse. Heloisa não tinha muita comunicação com seus pais, mas eles tinham um grande afeto e cuidado com Heloisa. Certo dia, em uma noite escura no meio da floresta, Heloisa resolveu passear com Lumus, para treiná-lo. Eis então que algo atinge a cabeça dela enquanto ela cavalgava e então a menina é levada ao chão. O cavalo para imediatamente e se volta para o corpo da menina que se retorce no chão. O cavalo deita ao lado da menina e espera, como se ele soubesse que isso fosse passar.

Dias se passaram, e a família de Heloisa finalmente acha seu corpo na floresta, morto. A família fica arrasada, não sabe afinal o porquê de a menina ter morrido. Eles saem então para procurar o cavalo, mas não o encontram em lugar algum. O que a família não sabia era que o cavalo resistira por alguns dias. Ele sofrera bastante, se sentiu sozinho, abandonado e sem saber o que fazer. Até que a família de Heloisa encontra o corpo de Lumus no meio da floresta. Mas o mais curioso foi que o cavalo estava sem os olhos.

Ninguém sabe a causa da morte de Heloisa, e alguns testemunham até mesmo, a morte de Lumus, mas dizem por aí, nas grandes fazendas à noite, que o cavalo anda por aí, sem destino, E que se pararmos conseguimos escutar seus passos cavalgando pela fazenda, como se um dia, fosse encontrar Heloisa novamente.

Conto número 02

O conto “A culpa por amar” trata de um desaparecimento e um desfecho surpreendente que o explica. O narrador onisciente deixa para o fim as revelações sobre as personagens, tornando a narrativa de mistério uma história macabra. Aqui a perversidade de uma das personagens pode bem ser comparada à da personagem que orienta a trama de “Renato, meu amor”, de Josué Guimarães, conto que narra a história de um pequeno assassino.

A culpa por amar

Estavam todos sentados na sala, um clima de tensão pairava sobre o ar.

Josef se encontrava sentado ao lado do telefone, aguardando alguma ligação de quem quer que fosse, sua filha Heloísa estava desaparecida fazia três dias.

Foi na terça-feira, todos estavam trabalhando, menos ela e seu namorado, os dois se encontravam de férias, Lucas seu futuro esposo havia ido ao supermercado e ela ficou arrumando seu guarda roupa, porem quando ele retornou ela não se encontrava em casa, ninguém sabe ao certo o que ela fez depois que ele saiu, a única coisa que se encontrou foi um alfinete em uma blusa que parecia estar sendo dobrada e algumas pequenas gotas de sangue no chão perto do telefone, mas o sangue era de Heloísa, provavelmente enquanto dobrava as roupas havia se espetado, aquilo nada queria dizer, pelo menos até agora.

A policia continuou investigando o caso, mas Josef e Margaret sua esposa, não descartaram um segundo a ideia de que aquilo era um sequestro e que logo alguém iria ligar pedindo o resgate, e eles estavam dispostos a pagar o preço que fosse para terem sua filha de volta.

Os dias foram passando e a cada hora a esperança ia diminuindo, Margaret já estava sendo acompanhada por um psicólogo, pois não se alimentava direito e nem dormia desde o ocorrido; Josef passava os dias calado apenas na frente do computador procurando por notícias, e Lucas cancelando todos os preparativos do casamento que ocorreria no próximo mês. Julia, irmã de Heloisa, estava em estado de choque, mas era quem tentava animar a casa, cozinhava e fazia a limpeza.

Meses já haviam se passado, os anúncios colados por toda cidade que antes traziam escrito: “PROCURA-SE POR HELOISA BITTECOURT, JOVEM DE 22 ANOS, LOIRA, ALTA E COM OLHOS AZUIS. QUALQUER INFORMAÇÃO ENTRAR EM CONTATO PELO FONE 3908-6142”. Agora eram apenas folhas rasgadas e desbotadas, ninguém mais falava do assunto, não era mais manchete de nenhum jornal da região. A família já tinha voltado a sua rotina, sabiam que haviam feito tudo na medida do possível. Lucas havia se mudado para um apartamento a umas duas quadras da casa, agora não fazia mais parte da família, porém ainda eram muito ligados, e seguido ele aparecia por lá. Antes de retirar todos os seus pertences e deixar a casa ele mandou entregar à família um lindo quadro de Heloísa, para nunca se esquecerem dela, porém Margaret não queria mais lembranças da filha, e guardou-o no porão.

Essas visitas foram diminuindo com o tempo, Lucas agora só encontrava a antiga família nas missas de falecimento. Quando completado três anos de falecimento Lucas já foi à missa acompanhado por outra linda mulher, a qual também morreu cinco anos mais tarde em um acidente, no qual seu carro fora totalmente destruído pelas chamas.

Após esse incidente a família de Lucas preferiu o internar, ficaram com medo que ele pudesse começar a se sentir culpado pelas mortes.

Sete anos se passaram e Lucas estava totalmente recuperado, porém não passou muito tempo em casa, pois meses depois foi brutalmente assassinado, um assassinato que não deixou pista alguma, por esse motivo a polícia decidiu inspecionar o local do ocorrido, o apartamento de Lucas. E o que era para ser um caso de assassinato acabou por virar a descoberta de muitas chacinas sem respostas até o momento, foi descoberta uma entrada secreta no apartamento de Lucas, e lá dentro o mais improvável, cadáveres, 23 no total, todos femininos, alguns recentemente colocados ai e outros bem mais velhos, porém havia um espaço vazio entre eles e quando todos os cadáveres foram retirados viu-se que na parede estavam escrito 24 nomes e uma data ao lado de cada um, e todos coincidiram com casos de mortes ou desaparecimento de mulheres que até hoje não haviam sido muito bem esclarecidos, mas eram dados como encerrado. O local era cheio de sangue e com uma pequena janela, pratos com comida estragada e garrafas de água vazia, o que mostrava que muitas ficaram presas por ai por um tempo antes de morrerem. Além de vários livros que traziam receitas, e coisas como bruxarias.

Entre os 24 nomes estava o de Heloísa, exatamente o cadáver que deveria estar no espaço vazio, e o que nunca ninguém foi capaz de notar até então, foi o quadro que Lucas presenteou a família os olhos se moviam e transpareciam agonia, isso só foi notado no dia em que a polícia pediu para inspecioná-lo, porém nesse instante os olhos já estavam paralisados, e quando aberto o quadro, uma carta trazia escrito: ela foi a mais resistente, a mais esperta, descobriu meus planos antes da hora, fui obrigado a transformá-la em arte, não queria que fosse assim o fim dela, essa foi a única maneira que encontrei que poderia manter eterna e mesmo assim a manter longe de mim, sem me causar problemas. Eu não fui ao mercado, fiquei espionando-a e vi que ela estava a ligar para a polícia para me entregar, tive que tomar uma decisão rápida e precisa. Peço desculpa, mas meu prazer por morte sempre falou mais alto.

Conto número 03

O conto “Gritos da morte” aborda uma história que tem como pano de fundo a morte e o sobrenatural. As personagens, uma mãe, dona de joalheria, e suas duas filhas vivem uma relação cheia de conflitos desde que o filho mais novo, chamado Luke, morreu. É através de elementos sobrenaturais com a presença de um fantasma assassino, montado em um cavalo sem olhos e com uma cruz invertida e gravada no pelo, que o autor do texto narra o fim da vida das personagens tecendo tal história com base em elementos, como a cruz acima citada, também presentes no conto “O cavalo cego”, de Josué Guimarães.

GRITOS DA MORTE

Helena esperava seu marido partir naquela manhã. Juntou-se a sua filha mais nova, Helga, para o café da manhã. Na mesa de mármore branco polido, havia uma caixa recheada com cereais feitos base de milho e açúcar, algumas frutas vermelhas e suco de abacaxi, como gostava a adolescente. Sentou-se ao lado dela, sentindo a estranheza em seu olhar. A filha, que costumava sempre comer uma maçã, não comera naquela manhã, e sentiu-se no dever de saber o que estava acontecendo.

-Está tudo bem, pequeninha? – perguntou.

-Está mãe, eu... só estou sem fome.

-Filha, ... posso ser velha e um tanto quanto cega, mas burra ainda não sou. – disse, calmamente – Me diga o que está acontecendo.

-Não posso, estou atrasada para minha aula. Agora, se me permite...

-Num sábado de manhã? – perguntou nervosamente Helena.

-É... é que eu tenho recuperação – pensou que tinha convencido a cabeça da mãe, que era desatenta para com tudo. Era a definição de lerda, como Helga costumava dizer. Porém, realmente, burra não era. Se por acaso suspeitasse das mentiras que Helga a contava, sabia que seu castigo seria cruel. Helena era muito rígida, por vezes mais que o pai com a irmã mais velha. Queria tudo em ordem, tudo para hoje. Verdades não eram pedidos, eram ordens. E humilhava constantemente as meninas em público.

Enquanto Helga subia as escadas para sair pela porta da frente, helena ouviu gritos de desespero vindos da garagem. Lucy entrara, completamente suja de sangue e de um líquido que não soube distinguir do que era feito. Sabia que era marrom, ao menos. Seus

cabelos louro claro foram presos em rabo-de-cavalo para ajudar a filha. Olhava atentamente à Lucy, com seus olhos azuis cor do céu impressionados com a situação em que a filha se encontrava.

Se Helga era um pesadelo, Lucy era seu inferno. Embora não gostasse muito das duas e por vezes ter perdido a paciência com a mais velha durante sua adolescência, via que era mais fiel, agora que se tornara adulta. Acreditava lealmente nesta, enquanto com Helga sempre tinha uma dúvida após outra surgindo em sua cabeça.

-Mãe, não se assuste.

-Como assim? Você vem coberta de sangue e pede para não me assustar? Por favor garota. Agora me explica do que se trata tudo isso.

-Foi no meu trabalho, eu ... eu simplesmente desmaiei. Devo ter batido a cabeça ou algo do gênero. Na hora não me dei conta que estava sangrando e que meus cabelos se encontravam nesse estado, mas acho que não é isso o que realmente importa...

-O que é que importa então? Matou alguém agora? Não duvido de sua capacidade. Já tentou se matar, por que não matar alguém?

- Não, senhora.

- Essa senhora tem nome, e por acaso ela é sua mãe. Helena, se ainda não aprendeu.

- As vezes chego a pensar que Luke teve sorte de morrer, antes de ter que morar com essa estúpida e ignorante família. Aliás, quer saber mesmo? Desisto de tentar trocar uma palavra com você, HELENA.

-Fala, que eu também tenho trabalho a ser feito. – segurou-a pelo braço e apertou-o com força.

- Então agora quer saber NE?

- Não, estou prestes a te dar um tapa na cara e não quero saber de nada da sua história – ironicamente falou. Fez que nem sua irmã e viu Luke de novo?

-Como você sabe? – Falou em voz baixa, quase gaguejando.

-Não pense que não sei o que vocês garotas aprontam. E se está comovida pela história de sua irmã, fique sabendo que ela é uma mentirosa, quase como você.

-Escuta aqui, Helena. Eu o vi. Ele estava comigo durante a minha passagem pelo corredor. Ele estava do meu lado, eu senti.

-Me poupe de suas bobagens, estúpida... Se me der licença, alguém tem que faturar dinheiro nessa casa pra alimentar as boquinhas mentirosas – falou, e dirigiu-se para a porta da frente – Vê se se lava , ao menos.

Abandonou a filha à porta e saiu bufando para a joalheria que fabricava seus próprios produtos. Teve que passar em frente a lugares conhecidos, como o grande mercado de frescos e o shopping medieval – chamado assim por ter sido construído em frente à uma pequena moradia do século VII. Chegando a pequena loja, avistou de longe seus pequenos diamantes que ganhara na idade que possuía quando Luke morrera; tentando ignorar o que as meninas haviam dito sobre ele. Lembrou-se de quando era uma criança, e da sua fascinação por pequenos pedaços da lava brilhante. Do tempo em que corria pelos campos de Burnville com Armst e Susan, seus irmãos mais velhos, e de quanto adorava passar tardes embaixo de árvores lendo livros sobre as pequenas pedras que uma adorava colecionar. E, ao mesmo tempo, de que nunca mais poderia ser uma criança, uma adolescente ou que pudesse ao menos voltar no tempo. Queria começar tudo de novo. Queria ter Gordon junto a ela, e queria poder mudar o comportamento que adquiriu com as filhas durante o tempo. Não entendia o motivo pela qual não tinha sequer a mínima piedade com elas. Tentava recordar-se de algum momento em que sofrera na infância, mas não sabia onde encontrá-lo. Por momentos arrependera-se do que havia feito às meninas, porém não era uma mulher de desculpas. Era como se fosse um arrependimento inválido e, fracassadamente, tentava mudar o quadro em que a família se encontrava.

O espaço escolhido para vendas era incrivelmente bem decorado, com padrões franceses de flores rosadas e roxas, com pontos de diamantes e ouro por todo lugar. As joias em amostra na sua maioria era anéis sem significado ou forma especial, porém para Helena, todas eram moldadas e trabalhadas com alguma lembrança de sua família. Toda vez que sentia saudade de seu pequeno, trabalhava com diamantes azuis, rosas ou negros, que para ela transmitiam desde a esperança até o luto pela perda precoce de Luke.

Quando finalmente conseguiu focar-se no trabalho, seu dia tornou-se melhor. A loja estava lotada de clientes querendo comprar seus raros diamantes rosas lapidados, os verdes de um brilho intenso e até os amarelos escuros, que não eram tão raros assim. O espaço da clientela estava tão cheio que foi obrigada a fechar a loja por alguns instantes para reorganizar as prateleiras e as amostras, que já se encontravam em estado não apropriado para a venda. Quando se deu conta, já era tarde, por volta das oito horas da noite. Decidira retornar a sua casa, afinal, havia cumprido mais do que seu expediente normal exigia. Foi preparando a loja para o dia seguinte. Limpou as vidraças, os tecidos, as molduras e até parte das joias. Olhou para uma gema bruta e pensou em lapidá-la parcialmente naquela noite. Puxou um banquinho estofado de veludo cor vinho, e começou a trabalhar o que depois

seria um protótipo de pedra de colar, que faria para si mesma quando fossem completados seis anos de falecimento de seu pequenino. Minha maior joia – pensou.

No momento em que ligou a lapidadora, via que a máquina tinha algum problema. Olhou a máquina por completo tentando investigar o que a mesma poderia ter de errado. Nada e nada. Ficou frustrada por não poder começar um projeto que pela primeira vez teria um significado de suma importância para ela. Levantou-se e foi até o cofre, no subsolo, guardar as joias de maior valor. Abriu com um esforço tremendo o alçapão de madeira espessa que guardava uma escada de pedrarias entre o cofre e o depósito da loja. Quando desceu, ouviu vozes de criança acima de sua cabeça.

- Foi na rua – disse para si mesma, trêmula.

À medida em que descia, ouvia passos sobre o piso de madeira que encontrava-se acima dela. O barulho só aumentava, como se fossem botas de aço negro, sapateando incessantemente sobre a fina camada bruta que os separava. Helena começou a gritar, pedindo por ajuda, quando viu a imagem de um homenzinho descendo as escadas. Devia ter seus seis anos, moreno, de olhos azuis, como Luke. Carregava um machado na sua mão esquerda e uma espécie de faca na direita. Aproximava-se lentamente da mulher, deixando-a agonizada. A medida em que avançava sentia o desespero nos olhos de Helena. Quando se preparou para atacar, a jovem correu. Desviava-se por entre os milhares de cofres entre a sala e clamava por perdão. A única saída que a restara foram as escadas. Juntou uma placa de madeira pesada que encontrara perto de uma caixa de vidro que guardava o cofre principal. Correu de encontro ao lugar que planejava.

-As escadas, é isso – sussurro – Essa placa de madeira há de me proteger.

O homem lançava golpes de machado atrás da mulher, que quase foi morta duas vezes por uma machadada de raspão perto da nuca. Quando as avistou, sorriu e jogou-se contra os degraus. Acabou batendo a cabeça no degrau acima do que parara.

Atormentada, pôs-se de pé e viu que o homem vinha de encontro à seu peito.

Rapidamente, colocou a placa de madeira sobre o peito e com o impacto da batida, voou para os degraus mais acima do que onde estava. Acordou deitada nas escadas, ensanguentada, com milhares de pedaços de madeira espalhados pelo quarto. Olhou à procura do garoto, mas não mais o viu. Sentiu que ainda corria perigo, então trancou-se lá mesmo. Mais adiante encontrou o machado, no lugar a que sempre pertencera. Junto às ferramentas do cofre central. Perguntou-se se o que vivera até então fora real. Se o homem

existia ou se isso era apenas um truque de sua cabeça. Não podia, pois as evidências estavam lá. Seu sangue, a madeira ... Mas como? Indagou-se.

Minutos depois, embora confusa, sentiu se mais segura. Destrancou o Alçapão e subiu ligeiramente as escadas, empunhando uma faca na mão, para defender-se de qualquer inconveniente que encontrasse no caminho de volta pra casa. Porém, ao chegar às vitrines, viu seu cadáver esquartejado ocupando espaço junto de seus preciosos diamantes e colares de pérola. Sua cabeça encontrava-se nas mãos do menino, que estava montado num cavalo sem olhos, com uma cruz invertida marcada ao seu pelo.

-Venha, mamãe, precisamos de você, disse o garoto pela última vez.

E assim, ambos cavalgaram até a casa de sua família. Todos os membros dela foram amarrados e então torturados até a morte; incluindo suas meninas, Helga e Lucy. Seus corpos, todavia, nunca mais foram encontrados. Dizem alguns moradores, que as vozes ouvidas durante o sono de muitos pertencem às crianças brincando junto ao poço onde o menino morrera, e que gritos de uma mulher são ouvidos todas as noites pelos mais novos, que morrem assassinados misteriosamente, apenas alguns dias depois de ter ouvido àquela voz estridente. Esses assassinatos permanece como o grande segredo da pequena e amaldiçoada cidade de BurnVille até os dias de hoje.

Conto número 04

O conto “O mistério da boneca” apresenta a história da personagem Heloísa. Tal história se passa durante o aniversário da menina, que adorava bonecas e que ganha naquela data “especial” uma câmera filmadora. Após a festa de aniversário, ela some sem deixar vestígios. A única possível pista encontrada é uma filmagem feita anteriormente ao momento do sumiço, em que a personagem não é visualizada, mas suas bonecas parecem se mexer. Além disso, surge, no enredo, após o referido desaparecimento, uma boneca que tem as características físicas da personagem. Ao escrever o texto, o autor se utiliza do nome “Heloísa”, denominação dada a uma personagem presente no conto “A visita”, também escrito por J. G. além de, assim como tal escritor, abordar o sobrenatural.

O mistério da boneca

Poderia ser um dia normal, mas era um dia muito mais que normal, era o dia do aniversário de Heloisa, uma menina doce, meiga, e muito querida, que estava completando seus 10 anos, uma data muito especial que ela guardava durante dias, ela sempre foi uma criança que amava bonecas até o dia do seu aniversário.

Lá estava Heloisa indo pra escola em plena véspera do seu tão esperado aniversário, uma data mais do que importante para ela, na escola ela e suas amigas conversando, papo vai, papo vem e chegam ao assunto bonecas a paixão de qualquer menina nesta idade, bonecas de todos os tipos, cores, tamanhos, cabelos, olhos, claro que cada uma com a sua preferida, mas qualquer boneca era sempre bem vinda principalmente quando se trata de presentes. Já voltando para casa Heloisa muito ansiosa vai imaginando na sua festa, doces, bolo, brincadeiras, presentes e mais presentes e o principal a presença de suas amigas, chegando em casa sai correndo, vai até o seu quarto larga a mochila na cama e corre para ajudar a sua mãe nos preparativos.

Finalmente! Amanhece o dia, o tão, tão, tão esperado dia, ensolarado e cheio de boas energias, sua mãe e seu pai chegam em seu quarto para enche-la de beijos e abraços e é claro dar seu presente de aniversário. Heloisa ansiosa rasga rápido o pacote e se depara com uma filmadora, logo pensou em gravar os melhores momentos de sua vida lá, que sonho! Ela pula da cama olha o relógio e vê que já está quase na hora de suas amigas chegarem, põe sua câmera em cima da mesa em frente à cama com todo o cuidado, aliás, seu quarto era um de legítima princesa, rosa e branco, e uma vista incrível da janela do seu quarto para um belo jardim cheio de flores, é hora de descer, sua mãe já está chamando, pois suas amigas chegaram, Heloisa desce correndo e mal vê os degraus da escada, e corre para o abraço. Cada vez mais meninas vem chegando e trazendo presentes, uma boneca mais linda que a outra aliás tantas bonecas que não há mais espaço onde colocar.

As meninas sobem correndo pelas escadas para conhecer a sua câmera filmadora, começam a brincar com ela, é quando mãe de Heloisa avisa que está na hora de cantar os parabéns, todas novamente descem correndo e Heloisa larga a sua câmera na mesa sem nem ao menos ver se havia desligado.

Depois de horas e horas de brincadeira a festa chega ao fim, todas vão embora depois de já estarem cansadas de tanta brincadeira, muito cansada ela sobe em seu quarto e percebe que sua câmera havia ficado ligada e logo desliga, brinca um pouco com seus presentes, põe

o pijama e vai dormir com um sorriso no rosto, ela está realizada tudo que ela mais queria aconteceu conforme deveria ser, mas na hora de dormir, no outro dia sua mãe chega em seu quarto para chamá-la, mas Heloisa não está lá, sua mãe pensando que era uma brincadeira olha em baixo da cama, dentro do roupeiro, atrás da porta e nada de encontra-la, já começa a bater o desespero, procura pela casa inteira e não a encontra, liga para várias pessoas e nada, então resolve ligar para a polícia.

Passam-se dias, meses, anos e nunca mais a menina foi encontrada, a única prova que tinham era a filmagem na câmera que por sinal era tanto quanto estranha, pois na filmagem as bonecas se mexiam e deixaram um clima muito misterioso, onde fora parar Heloisa, as janelas estavam trancadas, não teria como fugir, mas o que ninguém percebe é que havia uma boneca muito estranha no canto direito da prateleira atrás da cama em seu quarto, uma boneca muito parecida com Heloisa, podia-e dizer que era ela, mas como poderia uma criança virar uma boneca?

Conto número 05

Em “4 da manhã”, apresenta-se a história de Heloísa, personagem que vive momentos que não sabe se são apenas sonhos ou acontecimentos sobrenaturais. Isso pelo fato de que, durante a noite, ela passa a ter visões e percebe em um dos quadros da casa onde habita a imagem de uma menina sem os olhos, a qual teria sido assassinada pelo padrasto. O final da personagem está implícito neste enredo, que também reúne elementos de “O cavalo cego” de Josué Guimarães, em se tratando da referência aos quadros com imagens sem olhos que também aparecem neste último texto.

4 Da Manhã

Heloisa acorda, são exatas 4:00 da manhã, com um barulho estranho no porão da sua casa. Ela calça suas pantufas de couro e desce cuidadosamente a escada, chega na sala, tenta acender as luzes mas com a forte tempestade a energia foi cortada. Então Heloisa procurou uma vela e acendeu-a. Ela acabara de se mudar para essa casa, então não tinha trocado os móveis, as paredes eram cheias de quadros dos antigos donos.

Um quadro em especial chamou a atenção da mulher que se aproximou devagar do quadro, se deparou com a foto de uma menina aparentemente bonita, mas quando aproximou a vela notou que os olhos da menina haviam sido perfurados, então ela voltou correndo para o quarto, se trancou e voltou a dormir.

Quando Heloisa acordou, a tempestade havia passado e o sol brilhava. Ela decidiu descer e observar o quadro novamente, viu que a foto estava normal e os olhos não estavam perfurados.

- Deve ter sido um sonho. Um pesadelo.

Na noite seguinte, as exatas 4 da manhã Heloisa acorda com o mesmo barulho, calça suas pantufas e desce até a sala com uma vela acesa, e o mesmo quadro da menina estava com os olhos perfurados, nesse momento um raio ilumina algum objeto fora da casa, ela se aproxima da janela, assustada quando outro raio ilumina uma cruz no pátio atrás da casa, Heloisa desmaia.

Quando ela acordou, o quadro voltou ao normal, a cruz havia sumido e a tempestade passou. Ela tinha certeza de que não era mais um sonho, pois acontecera 2 vezes seguidas. Então decidiu investigar, procurou algumas fotos, revista, mas não encontrou nada.

- Acho que preciso dormir, se acontecer isso de novo vou me mudar dessa casa.

Novamente, Heloisa acorda com um barulho estranho, já muito assustada Heloisa pega a vela que havia deixado em cima de um jornal velho em que na capa dizia: “Padrasto comete crime brutal com entitada!”

Um crime que chocou a cidade, uma menina de 11 anos chamada Patrícia, teve os olhos arrancados pelo padrasto, na cabana 306, conhecida por ser uma casa mal assombrada o corpo da menina foi encontrado as 4 horas da manhã por policiaes que passavam pelo local.

É a minha casa!

Heloisa tenta correr, mas seus olhos começam a sangrar, ela corre em direção a alguém que viu no pátio de sua casa. Uma menina.

- Socorro! Preciso de ajuda!

- Não posso te ajudar, a maldição agora é sua, bem vinda a minha casa.

A ultima coisa que Heloisa viu foi a menina desaparecendo e a mesma cruz surgir no seu pátio, nela estava escrito: “Descanse em paz, Patrícia”.

No dia seguinte policiaes que vigiavam o local encontraram uma cruz alta e iluminada, nela estava escrito: “Descanse em paz, Heloisa”.

Conto número 06

A narrativa “A verdadeira realidade” conta a história de uma personagem também denominada Heloísa namorada de Tom, o qual morreu há dois anos, mas que de modo sobrenatural continua se encontrando com a sua namorada. O conto tem forte ligação com o enredo do texto “Uma noite de chuva” de autoria de J.G. O modo como o sobrenatural é utilizado pelo aluno na criação do texto, através do elemento “fantasma” é bastante parecido com o modo como se apresenta no conto do escritor gaúcho acima citado.

A verdadeira realidade

Heloisa saiu apresada do trabalho essa manhã, tinha que chegar as 8 horas no restaurante da esquina onde morava para encontrar seu namorado Tom, e já era 7:30, até chegar em casa se arrumar e ir pra lá.. coitadinho do Tom ficou 1 hora esperando, mas apesar de tudo a demora valeu a pena, os dois não se viam a uma semana devido aos horários de trabalho que nunca fechavam e só os permitiam se ver nos finais de semana, foi um ótimo jantar, então já estava ficando tarde e os dois decidiram pedir a conta para irem logo pra casa e matarem a saudade.

-Garçom, a conta, por favor. – pediu Heloisa;

-Aqui está. – disse o garçom entregando um pedaço de papel com a mesma;

-Tem certeza que foi só isso? Aqui só está incluído o rodízio para uma pessoa – falou Heloísa;

-Certamente, apenas para uma. – respondeu o garçom;

Heloísa e Tom acharam estranho mas pensaram que era uma promoção do dia ou algo do tipo, então se dirigiram ao caixa pagaram a conta e foram para casa dele. Ela sempre passava o final de semana lá e no domingo de noite ia para sua casa, mas nesse sábado houve um imprevisto e Heloísa teve que ir a uma reunião de trabalho, então os dois combinaram que se Tom saísse iria deixar a chave do apartamento com o porteiro para que ela pudesse pegar depois. Foi uma das mais cansativas e chatas reuniões que ela já teve, simplesmente parecia que a hora não passava, e não passava mesmo, as 2 horas lá

pareceram umas 10 no seu ponto de vista, mas quando acabou ela estava quase pronta para ir quando encontrou-se com uma velha amiga de trabalho.

-Heloísa, quanto tempo! Como você está? – disse Clarisse;

-Clarisse, nossa quanto tempo mesmo, estou ótima e você? – respondeu Heloísa entusiasmada;

-Ah que bom, também estou, estava indo tomar um café o que você acha de ir comigo para botarmos as conversas em dia? – perguntou Clarisse;

-Eu adoraria, mas agora não posso, combinei com Tom que ia direto para casa depois que ele saísse daqui, mas agente pode combinar para semana que vem, o que você acha? – respondeu Heloísa;

-Tom? aquele que você namorava? – disse Clarisse assustada;

-É ele mesmo, nós ainda namoramos, porquê? –disse Heloísa;

-Querida eu acho que você deveria ir para casa e descansar um pouco, bom eu vou indo se cuida, talvez seria uma boa ideia você ir ver um médico ou algo do tipo. –disse Clarisse entrando no seu carro;

Heloísa achou muito estranho tudo que Clarisse disse, mas em seguida entrou no seu carro também e foi para o apartamento de Tom, chegando lá a porta estava fechada, então ela foi pedir para o porteiro a chave, já que eles tinham combinado que se ele saísse, deixaria a chave com o mesmo.

-Com licença, eu sou a namorada do Tom, ele falou que ia deixar a chave com o senhor para mim pegar depois, será que você pode me dar ela? – pediu Heloísa educadamente;

-Tom?você tem certeza? – pediu o porteiro assustado;

-Sim, ele deve ter saído agora pouco, meu nome é Heloísa, eu venho todo o final de semana aqui. – respondeu Heloísa;

-Heloísa, eu sinto em te dizer isso, mas o Tom faleceu a 2 anos – respondeu o porteiro calmamente.

Conto número 07

O conto “Sonho ou realidade” é narrado em primeira pessoa. Nesta narrativa, a personagem Helena é uma adolescente que fica intrigada com um assassinato coletivo que

envolve pessoas da cidade onde reside. Através de um sonho que teve, ela vê possíveis respostas para os assassinatos misteriosos que ocorrem. Assim, sonho e realidade se misturam no enredo, que apresenta características as quais remetem aos contos “O cavalo cego” e “A visita” ambos de Josué Guimarães, quer seja pelo elemento violência de assassinatos coletivos presentes no primeiro, quer seja pela presença do elemento sonho apresentado no segundo.

Sonho ou realidade

Helena, onde é que você vai? – disse a mãe, furiosa com minha saída repentina.

-Vou à praça com meus amigos – respondi. Não irei voltar tarde, prometo.

-Ligue-me assim que chegar. Tchau, filha.

-Pode deixar mãe. Tchau.

Chegando lá, encontrei meus amigos sentados em um banco. Estavam com uma expressão séria, sombria e discutiam muito. Cumprimentei-os e pedi sobre o que estavam falando. A resposta foi imediata:

-Helena, você não sabe?! Somente nessa tarde, cinco pessoas morreram em suas casas! Ou melhor, foram destroçadas. Não se sabe o motivo.

Corri para minha casa! Não queria sair de perto de minha família até os o susto passar. Meu pai, minha mãe e minha irmã, de onze anos, estavam jantando, e eu, apavorada com a notícia, informei-os sobre o ocorrido. Aquela noite foi de vigília para todos. Em qualquer lugar que se fosse, haveria pessoas acordadas.

Naquela noite, adormeci angustiada em frente ao computador, e minha mente se desligou completamente, levando-me para longe. O sonho foi mais ou menos assim: “Logo cedo, quando minha irmã e eu estávamos indo para a escola, encontramos morcegos voando e espalhando um espectro preto. Junto às patas dos bichos, havia pedaços brancos. Logo reconhecemos que eram ossos. Porém, ossos humanos. De repente, rajadas de vento começaram a dobrar as árvores. Relâmpagos surgiram. O céu escureceu. E uma voz maligna ecoou em nossos ouvidos:

-Encontrem-me a meia noite desta quarta-feira, em frente à única cafeteria da cidade. Caso não forem, mais vidas serão perdidas.

O único pensamento que veio à minha cabeça era tirar minha irmã dali. Voltamos para casa rapidamente e não saímos de lá. Esperei que minha mãe chegasse para o almoço

para contar com calma o acontecimento daquela manhã. Ela nos proibiu de sair de casa, mesmo que aquilo representasse outro massacre.

Na manhã seguinte, vimos no jornal de televisão local a notícia da morte de mais oito pessoas. Como a voz só pode ser percebida por mim e por minha irmã? Haveria algo anormal, sobrenatural conosco? Fiquei intrigada com essas perguntas e decidi sair de casa à procura das respostas.

Corri para a biblioteca municipal. Depois de muitas leituras em escritos antigos, encontrei uma notícia de 1912. Naquele ano, em meados do mês de outubro, um acontecimento como esse assombrou a população local. Nos registros, havia declarações de políticos, policiais, religiosos, cada qual trazendo diferentes versões para os fatos. Algumas chegavam a ser absurdas, como a do Padre, que dizia que quem morrera pecou diante de Deus; a do Prefeito, que dizia que era conspiração dos opositores contra o projeto de ampliação do centro cultural próximo ao cemitério da cidade; a do Xerife, que atribuiu o fato à uma quadrilha de guerrilheiros vindos do outro lado do país que queriam tomar o poder. O que mais chamou minha atenção foi o depoimento de um morador de rua que explicava o seguinte: “Após a morte de algumas pessoas, o tempo mudou completamente: o sol que brilhava intensamente naquela bela manhã sumiu, dando lugar a uma tempestade catastrófica, trazendo consigo uma voz assustadora, que me fez tontear. A voz ecoava a seguinte mensagem:

-Encontre-me a meia noite desta quarta-feira, em frente à única cafeteria da cidade. Caso não for, mais vidas serão perdidas.

Arrepiei-me com essas descobertas. O que o mendigo havia dito era o mesmo o que eu havia escutado. Essa inquietação levou-me a aprofundar a pesquisa. Recorri, no mesmo instante, à bibliotecária para saber mais sobre a colonização daquelas terras...”

Assim que acordei, corri para a escola em busca de respostas, não somente para os acontecimentos do dia anterior, mas também das revelações do sonho. O professor de história nos relatou que casos como o do meu sonho já tinham ocorrido. Havia uma crença que, de cem em cem anos, espíritos malignos surgiam na cidade e matavam quem estivesse pela frente. Aí eu lembrei que minha avó havia me contado isso anos atrás. Ainda bem que era só uma estória, daquelas que passam de geração em geração. A causa da morte daquelas cinco pessoas foi dada a um estranho animal que rodeou o bairro à procura de comida. Ou não.

Conto número 08

O texto “Querida Helena” é mais uma criação que utiliza o sobrenatural para abordar o vivenciado pela personagem Elga que, ao mudar-se com a família, descobre que a antiga dona da casa onde passa a residir era uma moça chamada Isabele. Com o passar dos dias, a personagem Elga descobre que Isabele havia morrido há algum tempo, mas que lhe aparecia se tornando sua amiga. Há neste texto a apropriação do nome da personagem Elga, também usada por J. G. em seu conto “Uma noite de chuva”, além de ter semelhança com a história apresentada no referido conto, em que Helga, com “h” aparece ao marido, mesmo após estar morta.

QUERIDA HELENA

Todos estavam ansiosos para que chegasse a hora de partirem para a tão esperada viagem. Ninguém queria ficar quieto, nenhum dos cinco fechava a boca. Todos ansiosos e sem sono. Até que Elga levantou-se do sofá, confortável que tinham na sala, e foi caminhar pela casa. Esperando que ninguém sentisse falta dela, ou até mesmo que não fossem ver onde poderia estar. Tentativa frustrada. Nos primeiros 10 minutos de sua ausência, ninguém reparou que o lugar onde ela sentava, estava vazio. Mas após esses minutos, Rafael, seu filho mais novo, foi procurá-la, gritando até dizer chega. Os gritos fizeram com que Elga ficasse mais irritada do que já estava, e fazendo assim que ela saísse de casa para dar uma volta pela cidade deserta. Rafael falou para seu pai, que a mãe havia sumido. Então Arthur ligou para o celular de Elga, que para seu nervosismo, estava em cima da mesinha de centro que tinham na sala. O silêncio tomou conta do lugar, ninguém mais queria falar sobre nada, além do desaparecimento da mulher. Após 1 hora, Elga, voltou para casa, pegou suas malas, colocou-as no porta malas, chamou todos e entrou no carro. Assim mesmo, sem dar satisfação alguma, e apenas, tentando, começar a viagem bem. Ela colocou um CD no carro. CD esse do, tão famoso, Bob Marley. O silêncio continuava tomando conta de todos, que se perguntavam, mentalmente, onde Elga poderia ter ido. Durante as 7 horas de viagem, a mulher não abriu a boca. Seus filhos tentavam começar algum assunto, mas sempre sem respostas, acabavam desistindo. Arthur, seu marido, tentou milhões e milhões de vezes fazer

com que ela falasse algo, mas, de sua boca, nada saiu. Chegando à casa de praia todos foram descansar um pouco, porém Elga não. Ela foi dar mais uma caminhada daquelas sem dar satisfação alguma. Ao chegar à sua mais nova casa, correu contar para Arthur o que havia acontecido durante a caminhada. O marido lhe deu toda atenção do mundo, porém achava impossível acreditar naquela história absurda que havia escutado. Elga então resolveu escrever em uma folha de caderno o acontecimento, e enviou para sua melhor amiga Helena.

29 de outubro de 2012

Querida Helena, venho por meio deste lhe contar o que houve comigo hoje, logo na minha primeira caminhada nessa nova cidade. Ontem, antes de partirmos, fiquei muito irritada e resolvi sair um pouco, nada de errado, cheguei e seguimos a viagem. Conte para Arthur, mas ele insiste em dizer que não pode ser verdade, que seria impossível isso acontecer. Então resolvi contar-lhe para ver se tu consegues me entender e acreditar em mim.

Chegamos hoje, tudo certo, todos foram descansar enquanto eu resolvi dar uma caminhada para me acalmar um pouco mais. Até aqui tudo ok. Porém, como lhe falei, antes de partir, onde estou morando agora estamos em pleno outono, as folhas das árvores estão por todas as partes, flores não vejo muito, tem muito vento e poucas pessoas nas ruas. Mas como ia dizendo, enquanto eu caminhava escutei alguns barulhos estranhos, mas não dei muita bola, nem fui muito atrás, pois sabia que estava sozinha na rua. Quando passei por algumas folhas de uma macieira parei para tirar algumas fotos, a visão era perfeita. Após isso, continuei minha caminhada, tudo indo bem, tudo muito lindo. Até que ouvi alguns passos, e de repente uma ventania me atingiu, olhei para trás e lá estava eu, sozinha na rua. Caminhei um pouco mais, e ouvi novamente os passos, porém com uma diferença, escutava as folhas da macieira se quebrando como se alguém pisasse nelas naquele momento. Quando olhei novamente, nada havia lá. Caminhei até a esquina, onde tinha uma cafeteria, ao entrar lá me sentei em uma mesa no final de um extenso corredor. Logo fui atendida por uma linda moça, pedi apenas um cappuccino, ela logo me trouxe ele. Enquanto bebia, devagar para não me queimar, a mesma moça que havia me atendido sentou-se em minha mesa, na minha frente, e então começamos a conversar. Acabei por descobrir que ela morava na casa ao lado da minha casa alguns anos atrás. A moça se chamava Isabele, loira, baixa, de cabelos

cacheados, vestia um moletom branco com escritas em vermelho, onde dizia “Gig`s”, e uma calça vermelha. O local parecia bem abandonado, não havia muitas pessoas lá dentro. A dona era gordinha e mal humorada, bem como vimos em um daqueles nossos filmes de domingos à tarde. Bom, acabei meu cappuccino, e levantei-me para ir até o caixa pagar. Falei com Cristina, a dona da cafeteria, pedi a ela quem era a moça que estava sentada em minha mesa, onde ela morava agora e tudo mais. Fiquei realmente curiosa e assustada com a resposta da mulher, ela me disse que não havia ninguém sentado comigo, ninguém. Eu expliquei a ela como Isabele era, e Cristina insistiu em dizer que não havia ninguém lá com esse nome, a única moça que se chamava assim, havia morrido há muito tempo. Fiquei muito assustada, como assim? Morreu há muito tempo? Amiga, o que faço eu agora? A moça senta em minha mesa, conversa comigo, me fala sobre os pontos positivos na casa onde irei morar de agora em diante, e a dona da cafeteria me diz que ela morreu! Só posso estar ficando louca, não é mesmo? É a única explicação.

Mas Helena, peço que acredite em mim, por favor, acredite! Eu juro que isso realmente aconteceu. Espero a tua visita.

*Beijos de sua amiga,
Elga.*

Muitos anos se passaram, e em todos esses 10 anos, Elga continuou a ver Isabele, cada vez mais frequente. A moça começou a ir às viagens junto da família e a fazer visitas repentinas na casa de Elga. E assim vai ser para sempre, até o fim da vida.

Conto número 09

O conto “Semana estranha” é narrado em primeira pessoa pela personagem Clarimundo, um menino que tem poderes mágicos e que vive muitas aventuras na escola, mas que ao final descobre que tudo não passou de um sonho. O uso do sobrenatural, mesmo que no sonho do menino, é bastante abordado. Além disso, o autor deste texto utilizou nomes das personagens dos três contos de Josué Guimarães, que foram trabalhados com os educandos. Nesse sentido, aparecem na história “Clarimundo”, personagem de mesmo nome de outra do conto “O cavalo cego”, “Heloísa”, nome de personagem do texto “A visita” e a personagem “Helga” denominação dada a uma personagem do conto “Uma noite de chuva”.

Semana estranha

Bem, meu nome é Clarimundo, sim, eu sei, não é tão comum vou lhe contar essa história pois não consigo mais segurá-la dentro de mim, mas peço que se você achar algo de interessante ou emocionante pare de ler imediatamente, pois pode ser que aconteça com você.

Tudo começou quando percebi que havia algo diferente em mim, um poder, uma magia, isso depois de vários acontecimentos vividos em um curto período de tempo, isso seria de alguns meses, depois de fazer um carro voar, quando ficava com raiva começava um temporal, ou mesmo quando explodi uma casa apenas apontando o dedo para ela, só que uma coisa me intrigava eu me sentia como todos mas não era visto como eles, era sempre o esquisitão, uns tinham até medo de mim, outros poucos não davam bola pois me achavam idiota. Como não estou aqui para falar disso vamos a o que me trouxe a escrever isso.

Acordei de manhã, tomei banho, escovei os dentes, tomei café e fui para escola, tinha tudo para ser um dia normal. Cheguei adiantado por isso fiquei conversando um pouco antes da aula. Faltando alguns minutos para bater o sinal, chegaram alguns valentões e começaram a caçoar de meus amigos, até que um teve a coragem de dar um tapa em uma garota que gostava, Heloisa, como posso explicar é a garota mais linda que já vi em toda a minha vida, gosta de fazer tudo o que gosto, sempre achei que iríamos ser o par perfeito, mas sempre que tento conversar com ela sinto muita vergonha e acabo me atrapalhando pagando de babaca por isso acho que nunca terei chances. Voltando ao acontecimento, depois do tapa eu fiquei furioso foi como se tivesse acertado a mim, ali senti que começou a fluir algo de dentro de mim quando fui para cima dos valentões levantei a minha mão e eles, simplesmente, voaram e saíram correndo morrendo de medo, agora adivinhem, fui para a diretoria, chamaram meus pais e fui suspenso por duas semanas, se não tivesse me controlado algo do mesmo tipo ou pior iria acontecer com o diretor.

Como vocês acham que é ficar duas semanas de castigo sem sair de casa, sem computador, sem celular, é um dos piores sacrifícios do mundo, principalmente para mim que gostava de conversar com os amigos. Única coisa que podia fazer era assistir televisão. Depois de uns três dias muito estranhos vendo meu pai, Marcos, e minha mãe, Helga, discutirem várias vezes ele vieram até mim e começaram a falar.

- Meu filho – disse meu pai – a muito tempo queria lhe contar algo, mas não tive coragem.

- O que foi pai?- falei sem entender nada.

- É uma decisão muito difícil de se tomar, pois sua vida vai mudar depois do que eu lhe falar, fique preparado para tudo.

- Espera aí, você esta me assustando o que vai falar, porque devo me preparar, o que irá acontecer. – Disse eu muito agonizado.

- Bom você é um menino que foi escolhido para aprisionar o maior poder que nada consegue destruir, um poder que pode destruir o planeta, simplesmente a magia de um dos maiores bruxos de todos os tempos Nicolau Bartrowyks.

- Então é por isso, que acontecem tantas coisas estranhas comigo, por isso todo mundo me exclui, eu odeio que decidi isso por que eu. - Comecei chorar, queria morrer por que tive esse azar.

Depois disso quando meus pais me contaram toda a história, estávamos conversando quando alguém bateu na porta, meu pai me mando ficar escondido, um homem estranho e outros cinco capangas entraram e começaram a conversar com meus pais, mas percebi, que era sobre mim, quando num piscar de olhos os capangas tiraram lago de dentro dos bolsos e disseram uma palavra, lembro como se fosse hoje, “arkintrom” e meus pais caíram e começaram a se contorcer e, morreram. Comecei a gritar, peguei uma faca e pulei encima de um deles e o cortei a garganta, esquivei de um golpe no peito e cravei a faca no coração do outro, mas outros dois entraram e me pegaram, me amarraram e botaram um capuz em mim, me deram uma pancada na cabeça, acabei desmaiando.

Acordei em uma caverna onde os homens tinham preparado um tipo de ritual para retirar o poder devastador que estava aprisionado em mim, quando começo sentia uma dor muito intensa, até que pensei, se isso é tão poderoso mesmo posso tirar proveito, gritei:

- Eu desejo que nada disso tenha acontecido comigo.

Algo muito estranho aconteceu tudo começou a cair, pedras vidros, móveis e num piscar de olhos estava na minha cama acordando para ir a escola com uma vaga lembrança de uma história fantástica, parecia muito real que tinha acontecido comigo.

Conto número 10

O último conto apresentado e denominado “Hotel dos horrores” é, assim como alguns dos contos anteriores, narrado em primeira pessoa. Neste, a personagem conta sua trajetória ao visitar um hotel supostamente fantasma, onde encontra um casal e os ajuda a derrotar um mostro. Depois de muito sofrer, para conseguir sobreviver, a personagem acorda e percebe que tudo não passou de um sonho. Há aí também uma ligação com o conto “A visita” de J. G., cuja personagem sonha com a esposa já falecida, mas ao acordar encontra vestígios reais que remetem a ela. E há ainda a utilização do nome da personagem Elga, usado pelo escritor gaúcho na escrita do conto “Uma noite de chuva”.

Hotel dos horrores

Numa noite escura e fria, eu estava perdido no deserto, andando sem rumo, até que vejo uma luz bem longe, sigo até lá, toco a campainha, sei que poderia ser perigoso mas não havia outras opções e eu estava muito cansado, fiquei por lá, um homem de meia idade, estava bem vestido, logo atrás dele havia uma mulher bonita, eles me analisaram e me convidaram para entrar, quando estava passando por um quarto escuro pareceu-me ter ouvido vozes falando:

-Bem vindo ao Hotel Solar, um lugar maravilhoso, perfeito para qualquer um.

Tentei tirar essas vozes do meu pensamento, quando chegamos a sala de estar nos sentamos em um grande sofá, o homem disse que se chamava Carlos, a mulher se apresentou como Elga, então ambos olharam para mim, notei algo estranho, eu não lembrava meu nome, pensei em todos os nomes que eu conhecia e então o único que eu lembrava era o nome daquele homem e daquela mulher, tentei lembrar de mais algo sobre mim mesmo, então percebi que não lembrava de nada, só lembrava do que tinha acontecido depois que eu entrei no hotel, pensei para mim mesmo, “O que aconteceu comigo? Simplesmente esqueci tudo o que vivi? O que há com esse hotel?” Olhei para os dois e disse:

-Não lembro meu nome.

Os dois riram, mas quando viram que eu não estava brincando olharam para mim então a mulher empiedando-se e falou:

-Coitadinho, talvez se tomasse algo, lembrasse de quem é, ou de onde veio – e então olhou para mim indicando que poderia pedir o que quisesse. Tentei lembrar de alguma bebida, demorei alguns minutos, mas então falei:

-Traga-me um copo de água.

Elga foi buscar a água, trouxe-me em um copo um pouco estranho, não, aquilo não era um copo, era um tipo de osso, minha mente interpretou aquilo como um crânio, a pesar de eu não lembrar o que era, não me senti confortável em tomar naquilo. A mulher percebeu meu desconforto e então falou:

-Não se preocupe garoto, é somente a aparência, não é um crânio de verdade.

Quando eu toquei naquele crânio, minha memória começou a voltar, lembrei que eu era de onde vinha como tinha chegado ali, mas então olhei para aquele homem e para aquela mulher e falei:

-A final quem são vocês? Onde eu estou? O que é este hotel?

Eles se entreolharam e disseram:

-Espere um segundo aqui.

Eles saíram da sala, e foram conversar num quarto, quando voltaram os dois de cabeça baixa, então a mulher falou:

-Esta é a nossa prisão, estamos nela há décadas, não sabemos por que direito.

-Toda noite nós lutamos com um monstro, ele é muito forte, mas derrotando ele é nossa única chance de sair. – Continuou o Homem.

- Quando vocês abriram a porta para mim, porque vocês não saíram?

-Uma vez nos tentamos sair, logo que chegamos, então um homem de capa veio nos falar, vocês não podem sair sem antes ter derrotado o monstro, mas depois que derrotarem o monstro vocês poderão visitar o hotel quando quiserem, e poderão sair livremente.

Então eu corri, corri para fora do hotel, e como o homem tinha dito, apareceu um homem de capa e falou as mesmas coisas, mas quando eu sai de perto do homem de capa percebi que não estava na porta de entrada, e sim na porta que anteriormente eu tinha ouvido vozes, então eu entendi onde eu estava, eu estava em um hotel fantasma, um hotel que nunca tinha existido. Aquilo me fez sentir estranho, pois percebi que estava preso então eu voltei para a sala e disse:

-Hoje nós vamos derrotar o monstro!

Nós três nos preparamos para a batalha e fomos.

A batalha era mais difícil do que eu podia imaginar, o monstro tinha no mínimo o triplo do nosso tamanho, nós tínhamos apenas facas e um pequeno escudo, que de nada ajudaria a parar as garras do monstro, logo que cheguei lá, o homem e a mulher disseram:

-Aqui no hotel nós somos imortais, mas não estamos livres da dor, então tente machucar seriamente o monstro e fuja de suas garras, quanto menos for ferido melhor, a luta não dura muito, mas quanto mais a gente machuca o monstro menor ele vai ficando, porém mais ágil e mais mortífero ele fica, caso as garras dele o machuquem seriamente, você pode morrer, porem como falei antes, aqui no hotel você é imortal, ou seja, amanhã de manhã você vai acordar bem...

Nós três começamos atacando, Elga atacou o dedão da pata, Carlos a pata da frente e eu ataquei a pata de trás, com o golpe dela o monstro diminuiu muito pouco, com o meu ele diminuiu significativamente e com o dele o monstro reduziu o mesmo que com o meu golpe, então o monstro revidou, um golpe certo no ombro de Elga, a dor expressa em seus olhos. Então eu entendi o que fazer, corri para o ataque, mirei no peito do monstro, acertei perto, muito perto, e o monstro se reduziu muito, então gritei:

-Acertem perto do peito, quanto mais perto mais ele diminui.

Os dois se entreolharam e foram atacar, Elga estava sem muita força, e só conseguiu acertar a pata do monstro, já Carlos acertou em cheio o coração, o monstro explodiu, um líquido verde jorrou para todos os lados. Então Carlos gritou:

-Estamos livres! Livres! Finalmente

Mas então algo aconteceu. O hotel começou a desabar, não havia como nós sairmos de lá, estávamos presos, então a voz do homem de capa falou:

-Muito bem, vocês mataram meu bichinho de estimação, mas vocês nunca vão sair daqui com vida – E começou a rir.

Eu olhei para Elga e Carlos e então nós começamos a correr, corremos muito, até que ela caiu por causa de seu machucado, não tinha como ela sobreviver, mas eu e ele voltamos para pega-la, começamos a correr, mas com ela nos atrasando um pouco não haveria como sair vivo, percebi que Carlos não a soltaria, mas eu tinha que sobreviver, então soltei ela, e corri o máximo que pude, quando olhei para trás vi os dois sendo mortos pelos pedaços de teto caindo do hotel, continuei correndo, depois de um tempo, percebi que os dois ainda estavam do meu lado, como se nada tivesse acontecido, como se eles não tivessem sido mortos, só quando finalmente sai do hotel, é que entendi.

O hotel era uma ilusão, o que eu tinha visto era causado pelo simples medo de entrar no hotel, mas tudo tinha sido tão real, que eu não tive coragem de entrar, sai correndo para qualquer lado, na esperança de chegar em casa, mas aquilo era um deserto sem fim, e eu estava sem água, e percebi que o que me restava era somente morrer. Neste momento então finalmente percebi que apesar de eu realmente sentir dor, aquilo não passava de um sonho, pois eu não lembrava de como eu tinha chegado a esse deserto, quando acordei em minha casa, seguro, fui à sala olhei e vi um crânio ainda cheio de água que estava com uma faca e um escudo nas mãos.

Apresentamos na sequência a última seção desse trabalho de dissertação buscando tecer mais alguns comentários e observações referentes às produções transcritas acima e ao trabalho com a leitura literária em sala de aula.

5.4 Novos escritores? Novos leitores literários? Algumas considerações

Ao finalizar a leitura dos dez contos transcritos anteriormente, algumas observações e considerações surgem. Num primeiro momento, como já se mencionou, os problemas referentes aos equívocos de escrita dos alunos são muitos. Porém, é necessário enfatizar que o objetivo não foi realizar uma averiguação do modo como estes alunos escreveram, se pontuaram e acentuaram corretamente, se estruturaram seus textos de forma correta, visto que este não foi o objetivo principal do trabalho. O que mais importou foi realmente o que esses alunos escreveram. Porém, também vale mencionar que as transcrições são da primeira e única versão dos textos escritos. Talvez se fosse solicitada uma nova reescrita, um cuidado maior teria sido tomado por parte dos alunos-autores. Mas de fato, era algo que, no momento, realmente não importava.

Fica clara, ao realizar a leitura desses contos produzidos, a tendência dos jovens em tratar questões relacionadas ao sobrenatural, trabalhadas por J. G. e, certamente, observadas de forma marcante pelos alunos no momento de leitura dos textos curtos desse autor. Esse aspecto torna-se evidente quase que na totalidade dos referidos textos selecionados. Há uma tendência marcante também em se trabalhar a morte e a violência, igualmente evidenciadas por Josué em suas produções. Nesse sentido, pensando na identificação dos jovens com tais

temáticas, é importante observar as palavras de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1998, p. 13):

De qualquer modo, todos os segmentos sociais, a despeito de suas divergências internas, podem ser mobilizados para a leitura quando encontram nas obras o momento catártico, que identifica o leitor com o conteúdo expresso. Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo.

Identificados com o conteúdo dos contos lidos, os alunos em alguns dos enredos apresentados, a exemplo do *conto número 01*, trazem histórias bastante interessantes. De fato, ocorreu uma criação artística acentuada por parte de quem criou, deixando implícita assim a anteriormente mencionada identificação pessoal com as características sobrenaturais presentes nos três contos de J. G. Também, percebe-se que todos observaram e utilizaram, para a criação de suas personagens, nomes de personagens dos textos de J. G. Algumas delas, como no caso de “Heloísa”, foram utilizadas inúmeras vezes, o que leva a crer que houve uma aceitação maior em relação ao conto “Uma noite de chuva.” Ao contrário do nome *Clarimundo*, que foi citado apenas em um dos contos, no caso o *conto número 09*.

Outros aspectos podem ser muito bem observados na escrita dos alunos, que remetem diretamente ao enredo dos contos. Nesse sentido, não foram apenas usados nomes das personagens de J. G., mas também alguns acontecimentos, alguns aspectos estão ligados às leituras realizadas no início da mediação leitora, como por exemplo a cruz de pontas viradas para baixo, característica do conto “O cavalo cego”, ou ainda o próprio cavalo cego, ser sobrenatural presente também no texto do aluno. Isso explicita muito bem o que realmente chamou a atenção dos jovens leitores e o que eles guardaram das histórias. Ao utilizar o sobrenatural, os educandos deixaram clara a sua paixão por esse tipo de criação. Tanto que, reforço, quase que na totalidade dos trabalhos escolhidos é apresentado o sobrenatural, além de tratar da temática morte. Os contos *número 01*, “A espera de um olhar” e *número 02* “A culpa por amar”, por exemplo, tratam da morte, mesmo que de forma diferente. No primeiro, a morte não supera os vínculos mágicos de afeto entre uma menina e seu animal. Enquanto no segundo conto, a morte é macabramente fonte de prazer.

No pensar sobre o produto da mediação leitora, cabe então mais alguns questionamentos. Os alunos sentiram-se motivados a escrever? Qual foi a recepção destes em relação à leitura dos textos curtos de Josué Guimarães? O que de fato foi comprovado ao receber as criações literárias dos trinta e dois alunos envolvidos na mediação? E tal mediação contribuiu por fim para com a formação de novos leitores, sobretudo leitores literários? Algumas respostas são possíveis.

Acreditamos que os alunos foram sim motivados a produzir seus textos, isto porque escreveram, na sua grande maioria, de forma original e criativa. Também todo o processo no qual estes jovens foram imersos contribuiu e muito no momento da escrita. A etapa em que os alunos foram levados ao ALJOG/UPF, onde puderam comprovar um pouco do processo criativo na faceta do contista J. G., foi de grande importância. Sendo assim, apesar de não terem tempo necessário para reescreverem suas produções, os alunos observaram a importância da reescrita, o cuidado com a utilização das palavras, bem como a preocupação do autor em revisar seus escritos a fim de tornar mais e melhor apreendidas por seus leitores. Ficou entre esse público-alvo a percepção de que escrever, criar, não é uma tarefa fácil. Mais ainda para estudantes que não têm o hábito de produzirem textos maiores que uma ou duas páginas, porém, também não é um exercício impossível. Para a realização desta atividade de escrita, é necessária sobretudo muita leitura, não só do mundo impresso no papel, mas também do mundo que nos rodeia. Dessa forma, é possível que tenha ocorrido uma apreensão significativa do trabalhado nos textos de J. G. por parte do público-alvo da pesquisa. Observa-se novamente as palavras de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p. 10), as quais mencionam tal apreensão através do texto literário:

A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro.

Os jovens participantes da pesquisa-ação nunca haviam escrito um conto, alguns nem sabiam das suas características. No entanto, e apesar de não levarem em consideração o trabalhado nas aulas de literatura e produção textual sobre questões relacionadas à estrutura do texto, ao processo de escrita e reescrita, o que se percebe é que a imaginação aflorou.

Nesse sentido, podem-se destacar os contos “A verdadeira realidade” e “Hotel dos horrores”. No primeiro, a história de Heloísa, moça que encontra com o namorado Tom em um jantar dois anos após ele ter falecido. A escrita é elaborada na intenção de que o leitor só saiba da morte da personagem Tom ao final do texto, antes, não há evidências de que se tratava de um acontecimento sobrenatural. Isso comprova a criatividade do aluno ao escrever de forma a proporcionar ao leitor um certo suspense. No segundo conto há a predominância também do sobrenatural, o autor do texto, que é também personagem, cria uma história longa e cheia de aventuras e surpreende ao citar, por fim, que tudo não havia passado de um sonho. É grande a imaginação na descrição das cenas e ações observadas neste último texto. Em ambas as narrativas, cada uma a seu modo, percebe-se o poder criativo dos dois jovens escritores.

Assim, pode-se evidenciar que muitos escreveram livremente, sem um cuidado especial com questões relacionadas à estruturação textual e sem pensar nas características de suas produções, porém ousaram na criatividade. A passagem do tempo, em 02, é ilustrada pela materialidade das folhas de anúncios coladas pela cidade: *“Meses já haviam se passado, os anúncios colados por toda cidade que antes traziam escrito: “PROCURA-SE POR HELOISA BITTECOURT, JOVEM DE 22 ANOS, LOIRA, ALTA E COM OLHOS AZUIS. QUALQUER INFORMAÇÃO ENTRAR EM CONTATO PELO FONE 3908-6142”. Agora eram apenas folhas rasgadas e desbotadas, ninguém mais falava do assunto, não era mais manchete de nenhum jornal da região”*. É inegável que foram criativos também por se tratar de uma tarefa pretendida e concebida aos poucos e embasada pelas atividades das quais participaram no decorrer de quase um semestre, mas que foi colocada em prática e solicitada em apenas duas semanas, que era o prazo de entrega destes trabalhos, portanto com pouco espaço de tempo para redigir os trabalhos.

Acredita-se que os comentários e reflexões realizados ao final da leitura compartilhada de cada um dos contos possibilitaram a esses leitores uma percepção maior de como J. G. tratava algumas temáticas em suas produções. Os enredos criados pelos alunos confirmam a visão e a utilização de tais questões. O sobrenatural predominou nos contos, pois esse recurso prendeu a atenção destes jovens escritores, é algo que certamente os instigou a escrever. Ou seja, eles utilizaram logicamente, dos contos de J. G., aquilo que eles mais gostaram para criarem seus próprios textos. As relações entre os contos do autor de *O cavalo cego* e os textos dos estudantes, citadas na apresentação das produções, na seção anterior, aponta para essa conclusão observando, nas tramas, que a literatura de Josué Guimarães não foi apenas uma proposta de atividade, mas um elemento desencadeador de criatividade. Essa

característica intertextual possibilita, pelas criações, ora do escritor famoso, ora dos leitores em formação, um diálogo intenso. A ligação entre Josué e seus leitores de fato ocorreu e foi demonstrada, comprovada, pela escrita dos jovens.

A tarefa de selecionar os dez trabalhos, que na visão dos professores responsáveis se enquadravam na proposta feita aos alunos, não foi uma atividade fácil. Em alguns dos textos entregues, observou-se um cuidado maior no que diz respeito à estrutura. No entanto, alguns fugiram ao combinado previamente e não ofereceram enredos criativos e estruturados. A intenção certamente não foi a de formar novos escritores, mas de realizar uma tarefa diferenciada à qual eles dificilmente têm acesso nos bancos escolares. No entanto, os resultados, por tudo que já se mencionou neste capítulo, realmente surpreenderam. Os contos “A espera de um olhar”, *número 01* e “Semana estranha”, *número 09* estão entre os que pareceram mais surpreendentes. Na primeira narrativa, evidencia-se a forte ligação entre a história de vida e morte de uma menina cega, nascida em uma fazenda e um cavalo cego, que nasceu no mesmo dia que a personagem e também morreu na mesma data da referida personagem. É um conto que intriga por apresentar certo suspense, mas que chama atenção pela criatividade no modo como foi apresentado. Já no *09*, o surpreendente, além do sobrenatural utilizado na história, é o final que o autor deu ao texto. Ao se referir às muitas aventuras “vivenciadas”, o jovem protagonista acorda e descobre que tudo foi apenas um sonho. No entanto, essa surpresa só fica clara nas últimas linhas do texto produzido pelo aluno.

Também é possível perceber – elemento observado em grande parte da obra de J. G. - certa crítica social a alguns personagens da sociedade quando o autor do texto *número 07* se refere às autoridades do local onde aconteciam fatos macabros ou sobrenaturais. Tais personagens apresentavam opiniões “absurdas” sobre os referidos acontecimentos, ao invés de procurar soluções para eles. O fragmento a seguir comprova esta ideia: “*Nos registros, havia declarações de políticos, policiais, religiosos, cada qual trazendo diferentes versões para os fatos. Algumas chegavam a ser absurdas, como a do Padre, que dizia que quem morrera pecou diante de Deus; a do Prefeito, que dizia que era conspiração dos opositores contra o projeto de ampliação do centro cultural próximo ao cemitério da cidade; a do Xerife, que atribuiu o fato à uma quadrilha de guerrilheiros vindos do outro lado do país que queriam tomar o poder.*”

É preciso refletir ainda mais sobre a importância desta mediação que teve como base o texto literário de Josué Guimarães, na formação desses jovens leitores, observando novamente as palavras de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988, p. 16):

A formação do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade apresentada não lhe diz respeito.

As atividades desenvolvidas e principalmente a produção dos textos literários realizados por parte dos alunos possibilitaram aos jovens, no ambiente escolar, uma experiência significativa de percepção de que, embora ficcionais, os textos curtos de J. G. Ihes dizem respeito, seja por tratarem de temáticas tão presentes na sociedade nos tempos atuais, ou por também apresentarem, mesmo que metaforicamente, questões históricas vivenciadas pela população, como a violência por exemplo.

Atenta-se para outro fragmento da obra *A formação do leitor Alternativas metodológicas* de Bordini e Aguiar (1988, p. 13), que faz referência à importância da leitura do texto literário:

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla.

Ao utilizar o comentário anterior para enfatizar a importância da leitura literária na formação de leitores e, conseqüentemente, na realização de atividades significativas frente aos jovens nas escolas ou fora delas, certificou-se novamente que os resultados obtidos através da escrita dos alunos, resultados estes que são produto da atividade de mediação realizada, foram de grande valia, uma vez que colaboraram para com a significação dada à leitura literária por tais alunos. É fato, e isso deve ser ressaltado, que alguns dos jovens pediram emprestados os livros de contos de Josué Guimarães após as leituras compartilhadas desses textos. Ainda, através desta leitura compartilhada e da escrita de seus contos pessoais, foi possível aos

educandos uma significativa experiência, visto que, de acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 15):

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade.

É possível então, sobre o excerto acima, acrescentar que a experiência de leitura dos contos e no caso, ao final da mediação, a escrita de textos curtos por parte dos alunos foi, por sí só, uma grande oportunidade de criação e também exposição de suas ideias e criatividade. Mesmo que as produções não apresentassem significados positivos dentro do esperado, no que se refere à proposta de criação, à prática de leitura e tal oportunidade de criação já teriam sido oportunos.

É necessário, ao final deste capítulo, retomar de modo amplo os passos seguidos na mediação leitora, bem como algumas percepções que tive na realização de cada um deles. Em relação ao primeiro passo, que foi o de ler de forma compartilhada os três contos do escritor Josué Guimarães, cabe mencionar que foi uma oportunidade até então não apresentada aos educandos. Nesse sentido, parar por um ou dois períodos de aula, ir para a biblioteca da escola, ler, ouvir e após compartilhar informações e reflexões sobre o que foi lido, tornou-se um momento que não costumava acontecer naquele ambiente escolar. Era esse o primeiro passo rumo a um trabalho que muito pretendia realizar e inovar.

Nos momentos que se seguiram, tanto na visita ao laboratório de informática a fim de acessar a página do ALJOG/UPF, quanto ao assistir o documentário *A jornada de Josué*, a recepção por parte dos estudantes foi também positiva. No primeiro caso, muitos, além de acessarem a página, fizeram questão de votar na pesquisa disponível sobre as obras mais lidas de J.G. O segundo momento, apesar de alguns julgarem ter sido um tanto quanto extenso o documentário, a história do escritor e jornalista chamou a atenção das turmas, através da exposição de sua vida pessoal e profissional.

Outra ação de grande significado foi a visita ao Mundo da Leitura-UPF, local nunca antes visitado por aquelas turmas de 1º ano de Ensino Médio. Apesar de a prática leitora não tratar de contos e sim de crônicas, a recepção dos jovens foi positiva, pois a grande maioria

participou e interagiu no trabalho realizado. No entanto, é necessário frisar que o grande passo da mediação leitora ocorreu quando os alunos, divididos em dois grupos, visitaram o Acervo Literário Josué Guimarães, na biblioteca da Universidade de Passo Fundo. Foi um momento especial não só para os jovens leitores em formação, mas também para os professores que os acompanhavam e para o Coordenador do ALJOG/UPF, Prof. Dr. Miguel Rettenmaier. Também faz-se necessário lembrar que esta foi a primeira turma de alunos de Ensino Médio a visitar o local. As explanações que se seguiram, a exposição visitada, bem como o processo criativo da escrita do escritor foram regados de certa emoção por mim e por parte dos alunos que tiveram grande curiosidade sobre os itens expostos, vistos e mencionados. Esta foi, sem dúvida, uma experiência muito válida.

O que se seguiu, no caso, a produção dos contos por parte dos alunos e as leituras literárias que se realizaram a partir de então, são apenas consequência de um processo de mediação leitora que me motivou a continuar com a tarefa de colaborar na formação de leitores literários nos ambientes escolares, como forma de contribuir para que estes mesmos ambientes se tornem mais queridos pela comunidade escolar. Acredito que a ação realizada foi válida. Os efeitos puderam ser comprovados por meio de todo material aqui apresentado, sejam pelas questões respondidas pelas professoras, sejam pelos depoimentos espontâneos dos alunos e ainda mais, principalmente, pelos dez contos apresentados.

Desse modo, resta confirmar que creio ter sido oportuna a realização desta atividade de mediação leitora, como são de grande valia outras que possam surgir envolvendo as obras de Josué Guimarães, bem como o seu acervo literário. Este ambiente é propício para a realização de muitas outras mediações de leitura. A necessidade de se utilizar o local também para essa finalidade, talvez seja urgente.

O que fica após todo esse processo é a certeza de que só formaremos novos leitores se, de fato, envolvermos a nós e aos nossos educandos com a leitura literária nas instituições escolares. Este trabalho realizado foi e continuará sendo válido também se professores se utilizarem de minha experiência e se motivarem a realizar significativamente ações voltadas à leitura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este trabalho, que teve como objetivo motivar a formação de leitores literários e dinamizar o Acervo Literário Josué Guimarães, apresentando o processo criativo de J. G., por meio de uma mediação leitora, é necessário tecer mais algumas considerações em relação às reflexões que tive durante a sua realização. Isso pelo fato de que, após a apresentação do memorial, no último capítulo, há uma necessidade de retomar o percurso de pesquisa e novamente constatar que essa foi válida. Porém, acredito que sempre que rever esse texto, perceberei e obterei outras tantas conclusões, o que é perfeitamente cabível após a concretização de uma pesquisa.

Ao iniciar e ao finalizar esse texto, utilizo-me da primeira pessoa do singular por um simples motivo: sou sujeito com comportamento de leitura e, portanto, tenho, eu também, uma história para contar. Sou transformado pelo comportamento de leitura, me inspirei em professores que, quanto a isso, fizeram a diferença em minha caminhada e por esse mesmo motivo mostraram possibilidades de ação perante o exercício de minha profissão. Sempre tive em mente que não há como formar leitores se nós educadores não tivermos em nosso currículo o comportamento de leitura instituído. Nesse sentido, o processo de retomada de minhas experiências pessoais desde os primeiros anos na escola, como aluno, tendo contato com professores mediadores de leitura, ou não, me possibilitou verificar uma primeira e óbvia constatação: se me tornei leitor literário por motivação de professores, então eu também poderia, e posso, nas atividades de mediação de leitura, contribuir na formação destes novos leitores, meus alunos. É observável que essa meta não atingiu a todo o público-alvo. Mas se consegui abranger uma pequena parte dos jovens envolvidos na mediação de leitura, a atividade já foi muito válida.

Também foi essencial e contribuiu sobremaneira para a realização das atividades meu conhecimento sobre alguns aspectos da obra de Josué Guimarães e minha experiência como aluno pesquisador no ALJOG/UPF. É fato determinante que, quando se tem uma experiência prévia sobre o que se pesquisa, ou se utiliza em um trabalho o conhecimento que se tem sobre o assunto, a concretização desse intuito se torna muito mais proveitosa e desta forma melhor concebida. Desse modo, tive novamente a percepção de que foi muito válido meu tempo de pesquisa no Acervo e as experiências adquiridas servirão de base para muitas outras pesquisas que possam vir a ocorrer. Todos os momentos, desde a catalogação dos itens do local, bem

como das pesquisas realizadas nos originais, ou até a simples manipulação das fotos pessoais do escritor e jornalista, foram e continuarão sendo muito importantes para os meus trabalhos.

Assim também, estar próximo da Universidade de Passo Fundo, local onde ocorrem as Jornadas Nacionais de Literatura, torna-se um privilégio. Dessa forma, posso até constatar dados relativamente negativos com relação aos índices de leitura entre os brasileiros, como de fato verificou-se no primeiro capítulo deste texto. Porém, por fazermos parte e estarmos próximos à Capital Nacional de Literatura e da Universidade que realiza esse grande evento literário, nossa situação é, pelo contrário, muito mais positiva se comparada às outras cidades e outras regiões do país. Isso tudo porque, aqui, as movimentações em torno da leitura são constantes e atingem não somente o público acadêmico. São inúmeras as possibilidades abertas à comunidade em geral de participar de seminários, discussões, encontros com autores e outros tantos eventos que buscam, cada vez mais, a formação de novos leitores. Além, é claro, do Centro de Referência e Múltiplos – Mundo da Leitura – UPF, espaço que recebe durante todo o ano a visita de inúmeras crianças e jovens que têm a chance de também participar das já mencionadas práticas leitoras multimídiais. É, nesse sentido, uma grande chance ter acesso a tudo isso e reverter as oportunidades em favor do trabalho com a leitura e consequentemente colaborar para uma mudança necessária e urgente do ambiente escolar. Torna-se indispensável salientar que nem todos têm essa oportunidade, mas nós, no entanto, estamos imersos em uma realidade possível de transformações significativas, graças a ações em favor da leitura, da formação contínua de leitores.

Portanto, é inevitável mencionar que juntando a experiência pessoal às experiências acadêmicas, envolvendo as pesquisas realizadas no acervo de Josué Guimarães, escritor que foi um dos grandes impulsionadores das Jornadas de Literatura, julgo que não poderia ter escolhido melhor caminho de pesquisa ou traçado um melhor trabalho de mediação de leitura. Sobretudo, tendo em vista que meu histórico pessoal e acadêmico, de leitura, não mais se dissocia das pesquisas sobre este autor e sua obra. Discutir, por isso, sobre as questões de leitura na escola e sobre possibilidades de ação para contribuir na formação de novos leitores literários e, de fato, realizar uma atividade que julgo de grande valia, foi muito proveitoso, uma vez que tinha em mãos a ocasião de realizar um trabalho significativo e relevante não só na vida escolar dos jovens em questão, como também em minha vida. A concretização de um sonho, que é o de conclusão do Mestrado em Letras tornou-se viável principalmente por essa ligação com a Universidade de Passo Fundo e, mais precisamente, com o Acervo Literário Josué Guimarães.

Assim, no ao longo do trabalho era necessário percorrer um caminho de pesquisa. Observar alguns fatores fundamentais para que se pudessem discutir e analisar dados referentes à formação de novos leitores. Para isso, ao abordar no primeiro capítulo a crise vivenciada pela escola, segundo a minha percepção gerada por uma crise da leitura, apresentei alguns aspectos e opiniões de teóricos, os quais foram indispensáveis.

Ao procurar sobre os dados de leitura em nosso país, através da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* (2012), fiquei surpreso pela negatividade apresentada. É válido lembrar o citado acima, a respeito de estarmos inseridos em uma realidade diferente da observada no contexto brasileiro e, portanto, os números assustaram-me. Então procurei teorias que respondessem ou possibilitassem reflexões a respeito do porquê de tais dados negativos. De fato, o que se observou no decorrer das investigações foi principalmente a inexistência de um trabalho significativo, no que diz respeito à prática de leitura nas instituições escolares.

Para tanto, buscou-se observar a mencionada crise que vive a escola desde o seu início, não só no mundo, mas também e principalmente no Brasil. As falhas no sistema educacional são muitas desde o Brasil Colônia, e isso possibilitou e acarretou vários problemas, tais como a precária alfabetização e a má formação dos professores, que por sua vez deixam muito a desejar quanto ao comportamento de leitura.

Em se tratando de professor leitor e possibilidades de ação para se reverter a realidade escolar, algumas reflexões também foram realizadas. Nesse sentido, ficou clara mais uma vez a ideia de que o professor só realizará um trabalho significativo no ambiente escolar se ele se instituir como professor que lê. Não são somente questões históricas e de estrutura que devem ser levadas em conta na formação de leitores. É o docente o agente de transformação que necessita ser visto como principal responsável pelas mudanças que devem ocorrer. Nada, nem ninguém, substitui a ação do educador e é pelas ações deste que, de fato, mudanças poderão surgir. Se o docente não perceber a leitura como forma de transformação de seu ambiente de trabalho, de sua própria profissão, ele corre o risco de continuar na mesmice e no caos que se encontra todos os dias.

Mas quais são então, a partir de um “professor leitor”, as possibilidades de trabalho que podem colaborar para o fim da crise de leitura vivenciada no ambiente escolar? Esse é um questionamento que procurei responder tendo por base os fundamentos teóricos de Zilberman e Rösing (2009). Fica claro então que, além da necessidade de professores leitores, precisamos de professores mediadores que trabalhem o texto literário na sua íntegra em sala de aula. Isso aconteceu nos tempos mais remotos da história da escola, porém perdeu-se com

o passar dos anos. Por realizar o trabalho com o texto literário, não de forma fragmentada, o educador possibilitará aos seus educandos uma aproximação mais efetiva com a sua realidade, uma apreensão e uma visão mais crítica sobre esse contexto circundante. E foi observando isso que também, na parte prática de minha pesquisa, me propus a trabalhar com os contos de Josué Guimarães na sua íntegra, ação que julguei e mostrei ter sido efetivamente proveitosa.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas no Mundo da leitura – UPF servem como base e experiência ímpar no que diz respeito ao trabalho com o texto literário entre os jovens. Ou seja, ações existem, podem e devem servir de exemplo. Ao traçar considerações sobre a visita de meus alunos e respectiva participação desses em uma atividade com crônicas, percebi o quanto foram participativos e se envolveram com os assuntos em questão. Essa realidade não é observada em grande parte das aulas de língua portuguesa, ou literatura, fato é que os jovens sentem-se desmotivados ao estarem expostos a aulas meramente reprodutivas, sem reflexões mais profundas, sem utilização de tecnologias, nas quais, por sinal, os jovens estão imersos. Por tudo isso, a escola deixa muito a desejar e, caso não perceba a necessidade de mudança, poderá tornar-se cada vez mais caótica.

Os resultados apresentados na mediação de leitura, realizada ao longo de minha etapa prática de pesquisa, reforçam a necessidade de mudança e também a validade de ações que venham a relacionar a leitura literária aos jovens de modo significativo e produtivo. Quando os educandos fazem parte do processo de construção do saber, colocando-se eles mesmos como agentes deste processo, passam a ver as aulas com olhar mais atento, conseqüentemente a escola passa a ser mais bem-quista e os seus professores também são também mais valorizados e percebidos como fundamentais no processo de aprendizagem. Os alunos necessitam de mudanças, caso isso não ocorra continuarão vendo a educação, a leitura, os estudos, como atividades supérfluas e desnecessárias.

O caminho a ser percorrido no que diz respeito à transformação do ambiente escolar é longo. É necessária realizar uma tomada de consciência geral, não somente por parte dos professores, mas de todos os envolvidos no processo educacional. A mudança de nossa sociedade depende sobremaneira da transformação da escola. A literatura pode tornar-se, dessa forma, objeto de suma importância para tal transformação. Essa mesma mudança pela literatura certamente foi uma das principais ideias de Josué Guimarães ao moldar sua vida em função da escrita, da leitura, da literatura. Acredito que sua busca por um mundo mais justo tem como pano de fundo seu trabalho com a palavra, a qual refrata a sociedade, suas lutas, anseios e busca por um mundo melhor.

No decorrer do segundo capítulo do texto, abordei um pouco da vida de Josué Guimarães, tanto pessoal, quanto profissional. Também expus algumas características de seus textos curtos, algumas considerações sobre as diferenças entre seus textos de maior e menor dimensão, bem como apresentei um resumo de todos os seus contos publicados em três obras. Ainda, apresentei uma pequena análise sobre o texto “O cavalo cego”, observando o trabalho do escritor na escrita e reescrita com o objetivo de evidenciar algumas temáticas sociais vivenciadas pelos gaúchos ao longo de uma história também regada a sangue e crueldade.

Mas qual é a contribuição de J. G. na formação de leitores? A pergunta é de fundamental importância, pois as respostas justificam também minha escolha em realizar uma mediação de leitura envolvendo o referido escritor. E isso pode muito bem ser observado quando fica evidente o fundamental apoio dele no início das Jornadas Literárias. Sendo o primeiro coordenador de debates, mais que isso, impulsionando sua amiga, a professora Tania Rösing, a levar adiante uma ideia que perdura por muitos anos e que se consolidou como um dos maiores eventos literários do país, e que tende a crescer cada vez mais, sua importância em nosso trabalho é de um destaque inquestionável. Embora Josué tenha falecido ainda no início da instituição do evento, tem sua marca registrada e é valorizado por isso, através do *Concurso de contos Josué Guimarães*.

De modo particular, pode-se perceber que Josué se aproxima muito do público jovem ao utilizar em suas escritas temáticas que, como foi mencionado no capítulo anterior, são do gosto dos adolescentes. Prova disso é a utilização do mesmo recurso sobrenatural, na escrita dos dez contos por parte dos alunos. Há aí um diálogo constante, além de o autor tratar de outros assuntos pertinentes à visão dos jovens, tais como amor, morte, sexualidade, violência. Durante a leitura dos contos na mediação leitora, ficou clara a ideia de que o que mais chamava a atenção do público-alvo eram tais assuntos. Desse modo, a formação de leitores literários e a formação de novos leitores de J. G. é uma tarefa possível, necessária e produtiva.

É de grande importância também a preservação do ALJOG/UPF, para possibilitar outras mediações de leitura. O espaço é propício para isso. Mas torna-se necessário acioná-lo ainda mais. As possibilidades de trabalho ali são inúmeras, devido ao grande número de itens, principalmente de originais das obras do autor. O acesso a esses documentos por parte de jovens leitores contribuirá sobremaneira para que se sintam instigados a ler mais, a escrever e a refletir sobre suas leituras de mundo e suas escritas no mundo. Assim, a literatura cumprirá mais uma vez uma de suas funções, que é a de transformação social por meio da leitura.

Após todo o percurso de retomada deste texto dissertativo, seja do momento em que se apresentou um pouco de minha experiência pessoal como leitor, seja a respeito das pesquisas sobre o Josué Guimarães, jornalista, escritor e formador de leitores, cabe neste momento de conclusão voltar-me novamente para a mediação de leitura que realizei, pois é ela que explicita um pouco do resultado de minha caminhada profissional até então.

Mais uma vez faço um questionamento. Foi válido o trabalho com os contos de J. G. e as demais atividades desenvolvidas com os adolescentes? Estarão os alunos atualmente lendo mais livros literários? O que fica de toda a pesquisa realizada?

Acredito e procuro comprovar no memorial da pesquisa que as atividades foram muito válidas. Isso pelo fato de que alterei a rotina de leitura dos estudantes, possibilitando momentos de leitura coletiva, compartilhando ideias e opiniões. Esse acontecimento nem sempre se dá no ambiente escolar. Assim como creio que a leitura na íntegra foi proveitosa. A primeira visita de um grupo de jovens de Ensino Médio ao ALJOG/UPF foi certamente um marco em meu trabalho e penso que na vida desses alunos. Além disso, tive a colaboração de duas professoras, que puderam participar de alguns momentos da mediação, mais especificamente das referidas visitas e da seleção dos textos dos “novos escritores”, e puderam visualizar possibilidades de atividades que não se resumem a ficar somente em uma sala de aula. Nesse mesmo sentido, espero que a mediação sirva como base e inspiração para que outros docentes realizem trabalhos assim, na tentativa de formar leitores literários.

As duas turmas envolvidas nunca haviam tido tal oportunidade, ninguém possibilitou-lhes uma experiência leitora desse modo. O momento no Acervo foi de grande emoção pessoal. Era a concretização de um objetivo, que permitiria, quem sabe, alcançar a meta principal, que é a de formar leitores literários. Por isso, igualmente acredito na possibilidade e na eficiência de outros trabalhos realizados que levem o público jovem, quem sabe de outras escolas, para dentro da Biblioteca Central da UPF, mais propriamente no âmbito do Acervo Literário. Muito produtivo seria se ocorresse uma movimentação nesse sentido. Certamente, o local seria ainda mais dinamizado e permitiria, além de todas as pesquisas que vêm sendo realizadas, trabalhar com outra possibilidade, que não a de somente pesquisar, mas a de formação de leitores. Por tudo isso, acredito, afirmo e reafirmo, que foi uma ação de grande valor. Espero e desejo que essa iniciativa seja ampliada a outros grupos de adolescentes.

Caso me questionem hoje, após um ano da realização das atividades, se os então alunos estão lendo mais, ou se persistiram nas leituras literárias, já não é possível afirmar. No entanto, cabe-me lembrar de que o objetivo do trabalho com esses educandos foi o de

proporcionar-lhes uma experiência diferente com a obra literária, no caso específico a do escritor Josué Guimarães. Tenho a consciência de que muitos podem não estar lendo, nem mais tenham procurado nenhum dos livros de J. G., porém eles foram, de fato, motivados a ler. E isso, naquele momento, aconteceu. Se houvesse ocorrido uma sequência de trabalho, ou seja, se tivesse ido além do planejado, quem sabe poderia, agora, positivamente comprovar que eles estão lendo sim. Oxalá isso esteja ocorrendo.

Finalmente, concluo que a realização deste trabalho torna concebível ainda mais a ideia de que uma pesquisa é válida quando se faz algo em favor da transformação da realidade social de todos os seus envolvidos. Nesse sentido, lembro que a intenção desta pesquisa não foi a de apresentar uma teoria de peso sobre a formação do leitor, ou sobre o conto em específico. Ao contrário disso, meu principal objetivo foi cativar meus alunos ainda mais para uma experiência de leitura literária, ao mesmo tempo em que procurei evidenciar a importância do escritor gaúcho Josué Guimarães, bem como do seu Acervo Literário, fonte inesgotável de pesquisa e de possibilidades de formar leitores.

Na realização de todas as atividades, busquei levar em consideração minha história pessoal enquanto aluno e a proximidade com a obra deste escritor, fazendo aquilo que acredito ser uma das suas grandes metas, formar através da literatura cidadãos mais conscientes de suas realidades sociais e de seu papel transformador nessa sociedade. No entanto, fica a ideia de que muito ainda posso fazer para contribuir nesse exercício de formar e colaborar na transformação de leitores. Também de que o estudo sobre esse assunto não se esgota aqui, muito se tem a pesquisar sobre a formação de leitores literários, sobre mediação de leitura e Josué Guimarães. Em inúmeros momentos de escrita, me questioneei sobre a importância desta para a reflexão de minha própria prática. Foi ao mesmo tempo desafiador e proveitoso pensar sobre as atividades em sala de aula e seus possíveis resultados. Mas foi, acima de tudo, “um ato de amor” como escreveu o próprio Josué, uma vez que esta escrita é a culminância de um sonho, sonhado, buscado e realizado com o auxílio de muitas outras pessoas, a começar por ele, constantemente presente neste trabalho através de sua escrita literária.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Apatia, ignorância e desinteresse – uma história da leitura do Brasil?. *Desenredo*, Revista. Passo Fundo, UPF Editora. V.2, n.1, p. 83-98, jan./jun.2006.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto Sul-Rio-Grandense: Tradição e Modernidade*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. 253 p.

BORDINI, Maria da Glória. *Manual de organização do Acervo Literário de Érico Verissimo*. Porto Alegre: 1995. 110 p.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. 173 p.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do Texto 1*. Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Editora Ática, 1995. 240 p.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. 215 p.

GIARDINELLI, Mempo. *Assim se escreve um conto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 336 p.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. Ministério da Cultura. *Banco de dados*. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 29 jul. 2012.

GUIMARÃES, Josué; et. al. *Nove do Sul*. Porto Alegre: Editora difusão de cultura, 1962. 158 p.

GUIMARÃES, Josué. *Os ladrões*. Rio de Janeiro: Fórum, 1966. 183 p.

GUIMARÃES, Josué. *O gato no escuro*. 1. Ed. Porto Alegre: L & PM, 2001. 168 p.

GUIMARÃES, Josué. *O cavalo cego*. 3. ed. Porto Alegre: L & PM, 2007. 146 p.

GOTLIB, Nádya Bottella. *Teoria do Conto*. 7. ed. Ática, 1995. 95 p.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. *Conto brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 272 p.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. *A literatura catarinense em busca da identidade*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1985. 176 p.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (Org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2012.

KIEFER, Charles. *A poética do Conto*. Porto Alegre: Nova prova, 2004. 232 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 381 p.

_____.; NETO, José Castilho Marques. Políticas Públicas de Leitura e a formação de mediadores. In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques ; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de Leitura*. Discussões e alternativas para formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 71-70.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. 142 p.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever* uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 187 p.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel.(Org.) *Josué Guimarães o autor e sua ficção*. Porto Alegre: UFRGS; EDIPUCRS, 1997. 166 p.

_____.; RÖSING, Tania M. K.; Do currículo por disciplina à era da educação-cultural-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques ; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de*

Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 71-70.

SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques ; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores.* São Paulo: Global, 2009. 284 p.

_____.; SILVA, Ezequiel Theodoro. O professor leitor. In SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques ; RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Mediação de Leitura. Discussões e alternativas para formação de leitores.* São Paulo: Global, 2009. p. 23-45.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica- Crítica textual.* São Paulo: Edusp- Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 165 p.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação.* 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004. 108 p.

VEEN, Win; BEM, Wraeking. *Hommo Zappiens: educando para a era digital.* Porto Alegre: Artmed, 2009. 141 p.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. *Leitura e escola: velha crise, novas alternativas.* 1. ed. São Paulo: Global, 2009. 229p.